Brigada de Intervenção

Revista da Brigada de Intervenção, dezembro 2014, Ano VIII, Nº 13

FORÇA BLINDADA DE RODAS

NOVO

DELTA SOLÚVEIS

E O DIA COMEÇA A MEXER

DELTA CAFÉS

O CAFÉ DA SUA VIDA

Comece melhor o seu dia
com a boa disposição instantânea dos novos solúveis Delta.
Aromas irresistíveis de café e cereais de paladar suave com a garantia de qualidade da marca de eleição dos portugueses. Sabores para agitar as coisas boas da vida.

EXPERIMENTE OS NOVOS SOLÚVEIS DELTA

ÍNDICE

Ficha Técnica

Diretor:
MGen
Carlos Henrique de Aguiar Santos

Coordenação & Projecto
TCor Cav Paulo Marques
Maj Inf José Campos

Redação, Grafismo e Imagem
SAj SGE Rui Marceneiro

Capa & CCapa:
SAj SGE Rui Marceneiro

Propriedade:
Brigada de Intervenção

Publicação:
Semestral

Distribuição:
Gratuita

Impressão:
250 exemplares

Reprodução:
Linhares & Simões
simoes.linhares@gmail.com

Índice

Editorial ---------- *02*
Agradecimentos ao Comando ---------- *03*
Da Arte da Guerra à Arte Militar ---------- *04*

APRONTAMENTO DE FORÇAS/FND
A continuidade do "COMBATE" com VBR PANDUR II 8X8 no KOSOVO - *08*
Militares da BrigInt participam no "Fire Phobia Training" com EUA --------- *12*
O caso do 1ºBatalhão de Infantaria da BrigInt ---------- *14*
Aprontamento do 2ºBI como FND e os desafios de preparação da NRF16 - *18*

EXERCÍCIOS

O emprego do PCTact/BrigInt no EXERCÍCIO "DRAGÃO 14" ---------- *20*
O exercício" DRAGÃO 14" da BrigInt e as Funções de Combate ---------- *21*
A gestão do conhecimento/informação no EXERCÍCIO "DRAGÃO 14"------ *28*
Exercício "VULCANO 14" ---------- *30*
Exercício "NEPTUNO 142" ---------- *32*
Exercício "RELAMPAGO 14"---------- *32*
Exercício "JÚPITER 14" ---------- *33*
Exercício "URANO 141" ---------- *36*

TEMAS DIVERSOS

O Movimento e Manobra numa Força Média ---------- *38*
O GRec – Escalão Tático numa Brigada ---------- *40*
A AAA no apoio à capacidade operacional da BrigInt (2ªParte)---------- *44*
CTM - Principais capacidades e limitações CSI das VBR PANDUR CPV ------ *49*
O Apoio de Serviços / NSE ---------- *52*
A formação no exército e na brigada de intervenção ---------- *55*
IX Meeting "Pandur User Group" ---------- *56*
A CMan/BrigInt no apoio a um Agrupamento ---------- *58*
Reflexões sobre as CSI da Brigada de Intervenção ---------- *60*
As construções verticais na engenharia militar ---------- *64*
Cursos de chefes de viatura e de condutores da VBR PANDUR II---------- *67*
Formação ---------- ---------- *68*
Jornadas de segurança ---------- *69*
Os militares do Regimento de Infantaria 14 em Tavira ---------- *70*
VBR PANDUR II 8x8 - Lançamento Automático das Granadas de Fumos --- *71*
Reunião dos oficiais de justiça da BrigInt ---------- *75*
A Brigada de Intervenção nas missões de Interesse Público ---------- *76*
A Batalha do Buçaco---------- *78*
A integração do BISTAR no ciclo de produção de informações da BrigInt --- *79*

CERIMÓNIAS E EVENTOS ---------- *80*

EXERCENDO CIDADANIA
Apoios Prestados---------- *96*

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

Militares e Civis da Brigada de Intervenção

Escrevo este editorial munido de um enorme sentimento de orgulho por ter o privilégio de comandar este conjunto solidário de pessoas que, diariamente, com empenho e dedicação dão corpo e forma às inúmeras tarefas e missões que cumprimos.

Este ano, que agora termina, foi pleno de atividades. Demos prova da capacidade operacional da Brigada: (i) mantivemos a Recce Coy/NRF 2014 em prontidão, com a manutenção das capacidades e competências adquiridas, alicerçadas num exigente treino contínuo; (ii) iniciamos o aprontamento da FND/KFOR, tendo por base o GAM; (iii) e desenvolvemos todo o nosso ciclo de treino o que, para além de nos permitir disponibilizar uma força (FT1200), de escalão Brigada, coerente, dotada de mobilidade, proteção e poder de fogo, tecnologicamente avançada, proficiente e adequadamente flexível, nos deu a oportunidade de continuar a explorar, as capacidades da VBR PANDUR II, dando evidência do importante salto tecnológico, em especial na área do Comando e Controlo.

É igualmente tempo para nos congratularmos com o importante incremento que será a receção de mais 22 VBR PANDUR II que constituirão uma mais-valia, designadamente em áreas relevantes como o anticarro e as comunicações, contribuindo para o aumento da capacidade operacional da Brigada, que se pretende coerentemente organizada em torno desta plataforma.

Ao assumirmos o comando de mais um regimento, o Regimento de Artilharia Nº5, com a responsabilidade acrescida que comporta, estendemos a nossa área para sul do Rio Tejo, continuando a desenvolver importantes tarefas de apoio ao desenvolvimento e bem-estar, contribuindo para a salvaguarda de pessoas e bens e para a melhoria da qualidade de vida dos portugueses, numa visão de proximidade que cumpre o desiderato da abertura à sociedade.

O novo ano que se avizinha trará mais e novos desafios, para os quais nos preparamos com determinação; desde logo: (i) a continuação do aprontamento e o apoio à sustentação do GAM/KFOR; (ii) o aprontamento do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado (Rodas) para a NRF 2016 e do respetivo Destacamento de Apoio como garante da sustentação logística fora do território nacional; (iii) a projeção, no quadro da NATO, para a Lituânia da Recce Coy; (iv) o ciclo de treino operacional; (v) e o início do levantamento do Grupo de Reconhecimento, já previsto no sistema de forças recentemente aprovado.

Somos uma Grande Unidade operacional e, apoiados na experiência e no saber fazer, caminhamos decididamente para sermos também uma "escola" de armas combinadas!

Assim, num crescendo permanente e ousado que é paradigma da Brigada de Intervenção, almejamos que 2015 seja mais um marco na senda por um futuro auspicioso para a nossa Brigada e para todos os que nela servem.

Por fim e nesta quadra festiva, desejo a todos os militares e civis da Brigada de Intervenção e respetivas famílias, um Santo e Feliz Natal e um próspero novo ano, repleto de realizações pessoais e profissionais.

Bem hajam!

Carlos Henrique de Aguiar Santos
Major-General
Comandante da Brigada de Intervenão

AGRADECIMENTOS AO COMANDO

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA

"A Câmara Municipal de Coimbra expressa, através do presente, o agradecimento e prestimosa colaboração de V. Exas. que contribuiu para o sucesso da I Meia Maratona de Coimbra.Este importante evento, que contou com a presença de cerca de 2.800 participantes que competiram, correram ou caminharam apenas pelo prazer que a atividade física proporciona, cumpriu todos os objetivos previstos e tornou-se no evento do género com mais ampla participação que se realizou na nossa cidade.Fica assim a expetativa de que iniciativas deste tipo poderão, no futuro, ser um êxito ainda maior esperando a CMC poder continuar a merecer a imprescindível colaboração de V. Exas. em eventos que promovem a nossa cidade, através da atividade física e do desporto, projetando-a como destino de referência."

Com os melhores cumprimentos.

O Vereador, Dr. Carlos Cidade

DIREÇÃO DE HISTÓRIA E CULTURA MILITAR

"É com grande apreço que a Direção de História e Cultura Militar reconhece a colaboração, apoio demonstrado e prestado, expressando, deste modo, o apreço pela competência, profissionalismo e exemplar postura patente nos militares do Regimento de Infantaria Nº 14, do Regimento de Engenharia Nº 3, da Unidade de Apoio do Comando da Brigada de Intervenção e do Regimento de Transmissões nomeados para a realização da cerimónia e trabalhos precedentes do evento comemorativa do 204º Aniversário da Batalha do Buçaco, em 27 de Setembro de 2014. (…)"

O Diretor,

João Manuel Santos de Carvalho

Major-General

MUNICÍPIO DE VALENÇA

"No âmbito da evocação do Primeiro Centenário sobre a Primeira Guerra Mundial realizado pelo Município de Valença no passado dia 26 e 27 de Julho, venho por este meio agradecer a V. Exa. a V/ colaboração com exposição estática das Pandur II do Regimento de Cavalaria nº6, de Braga, e militares que com absoluto profissionalismo acompanharam esta participação.

Esta colaboração superou todas as expectativas, sendo um marco norteador para futuros eventos evocativos da identidade militar de Valença.

Gostaria de manifestar os nossos sinceros agradecimentos a todos os que participaram e contribuíram para o sucesso deste evento, ao dispor.

Com os melhores cumprimentos,"

Por Delegação do Exmo. Presidente

O Vereador

José Manuel Temporão Monte

Nota introdutória do Comandante da Brigada de Intervenção

Este é o primeiro número da revista da Brigada de Intervenção publicado após o infausto acontecimento que foi o falecimento do saudoso General Gabriel Augusto do Espírito Santo, figura impar e marcante para várias gerações de militares.

Sentimo-nos honrados por termos podido contar com a sua presença na apresentação, no Comando da Brigada, do seu último livro "Da Arte da Guerra à Arte Militar".

Como singela, mas sentida homenagem, publicamos uma recensão da obra.

MAJ CAV
HÉLDER COELHO

Introdução

Este artigo tem como objeto o livro do General Gabriel Espírito Santo, com o título "Da Arte da Guerra à Arte Militar". A obra é composta por onze capítulos, onde o autor aborda o fenómeno da guerra, a forma de fazer a guerra ao longo dos tempos e como esses ensinamentos passaram ao longo da história, de geração em geração, numa evolução progressiva da Arte da Guerra à Arte Militar. O objetivo deste artigo é dar a conhecer a obra em análise ("Da Arte da Guerra à Arte Militar").

Resumo do texto

A Arte Militar é uma atividade social complexa, exigente e antiga, da qual tudo depende. Para a dominar é necessário ter conhecimento, carisma, capacidade de inventar, capacidade de surpreender e "sorte" (motivo pelo qual é Arte e não Ciência). A Arte Militar é o que os seus mestres fazem para combater, e os seus mestres são os que vencem e se impõem numa guerra.

Para os europeus do século XXI, é estranho referir que a Arte Militar é o campo mais importante de uma sociedade quando se investe menos de 2% do Produto Interno Bruto nas despesas de Defesa, se possui Forças Armadas com uma dimensão inferior a 1% da população e a mesma fica escandalizado quando num conflito se registam baixas que chegam aos dois dígitos. A falta de interesse dos europeus pelo fenómeno militar não é um sinal de novos tempos ou que caminhamos para a Paz Universal, mas um sinal de decadência e da perda de influência da Europa.

De seguida analisa-se um percurso de 4000 anos de Arte Militar na história do "denominado mundo ocidental e atlântico", que foi o Centro de Gravidade da inovação da Arte Militar em quase todo o período temporal analisado. Segundo vários autores, o combate segue os diferentes "ciclos da guerra" que estendem-se no tempo por períodos distintos de duração e são marcados pelas inovações tecnológicas.

O primeiro período de desenvolvimento da Arte Militar a analisar, inicia-se no século VI a.C. e vai até ao século XVII (fim da Guerra dos Trinta Anos (1648) e o aparecimento da arma de fogo na Europa). Desde Sun Tzu (século VI a.C.), passando por Asclepiodotus (século I a.C.), Julius Sextus Frontinus (século I d.C.) e Flavius Vegetius Renatus (século IV d.C.) verificou-se que a Arte da Guerra nasceu da necessidade de sobreviver no combate.

Durante este primeiro período o combate, quer ocorresse em terra ou no mar, travou-se entre homens armados com armamento individual de bronze e de ferro, tendo evoluído para o aço, protegidos, progressivamente, na cabeça, no tronco e nos membros. Caracterizou-se pelo combate da força dos músculos. O combate no mar provou que era necessário possuir plataformas flutuantes e que as mesmas se movimentassem com velocidade, incrementada à base da força de remos. A Idade Média trouxe alterações à Arte da Guerra. Nesta época as ações realizadas limitavam-se a proteger as populações e contra os infiéis. A consolidação dos territórios dos senhorios e Reinos na Europa associada à reconquista Cristã deu origem à necessidade de conceber e organizar uma Força militar.

A Arte da Guerra centrava-se, sobretudo, nos aspetos organizativos da Força militar e foi evoluindo lentamente para a Arte Militar. A Arte Militar iniciou-se pela organização para a guerra e desenvolveu-se face à introdução da arma de fogo, da construção de novas fortalezas e da utilização de uma Força apeada. Verificou-se que não era simplesmente a organização da Força, mas a tecnologia e o melhor emprego dos meios (tática) que era preciso definir e transmitir. A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) marca o início da queda do "Feudalismo". As transformações políticas, sociais e económicas que desenvolveram-se por mais de dois séculos foram acompanhadas por uma "revolução militar" que iniciou-se com a "Re-

volução na Infantaria". A importância dos "comuns" no Parlamento inglês igualou a dos "Lords", materializando a importância que os arqueiros tinham conquistado no Campo de Batalha.

Com a consolidação da "Revolução na Infantaria" iniciou-se a "Revolução na Artilharia" (1420-1430), quando as guarnições de fortalezas começaram a render-se pelo fogo de Artilharia e não pela fome, terminando o domínio da defensiva na Guerra de Cerco. Com o fim da Guerra dos Cem Anos a Arte Militar começa a diferenciar-se da Arte da Guerra.

Nos séculos XV e XVI, o combate terrestre aumentou em intensidade, duração, efetivos e no armamento utilizado. A Força militar orientava-se para a conquista de terreno e para a destruição ou rendição do adversário, e a sua organização tornou-se permanente (a unidade tática fundamental era o "tércio"). Surge a arma de fogo e como consequência deu-se o fim da cavalaria medieval, materializada na Batalha de Pavia (1525). A Arte da Guerra no mar e a sua evolução para a Arte Militar foi considerada matéria secreta para permitir surpreender o adversário, no entanto, foi na Península Ibérica, realçando-se o papel de Portugal, que a Arte Militar se desenvolveu com a introdução da "Caravela" e depois com a sua evolução para o "Galeão" (1500-1555).

O século XVII, que ficou marcado pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), caracteriza-se por um período de modernidade, de desenvolvimento científico e de inovação nos instrumentos militares do Poder, dando origem ao início do segundo período do desenvolvimento da Arte Militar. Na revolução militar salientam-se três escolas de pensamento: na Suécia, a Artilharia torna-se rebocável e capaz de acompanhar o movimento da Infantaria e da Cavalaria; na França, procurou-se reformular a Infantaria, dando origem a maiores contingentes à custa de mercenários e substituiu-se os "tércios" por formações mais lineares, as quais deram origem ao Batalhão; nas Províncias Unidas criou-se uma escola de formação para Oficiais (1617) onde foram desenvolvidos os conceitos de obediência, disciplina e ordem unida, tendo-se aplicado os mesmos à organização da Força militar permanente.

A disciplina e a coesão da Força necessitavam de sinais de identificação e pertença, dando origem aos uniformes e à hierarquia. Criou-se um novo militar profissional e líder, conjugando os conhecimentos militares com os valores sociais e espirituais. No entanto, o poder naval manter-se-ia inalterável durante mais de três séculos, mesmo com a alteração da propulsão do navio, passando da vela para o vapor. O século XVIII caracterizou-se por ter duas metades distintas. Na primeira metade ocorreu a Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1714) e não houve grandes inovações no combate, mas existiram alterações na organização da Força.

Na segunda metade ocorreu a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), onde Frederico II, da Prússia, introduziu alterações ao nível da organização e da tática. A Infantaria manteve o Batalhão como a unidade tática fundamental, mas alongou-se para combate. Desenvolveu-se a Artilharia montada para que as Baterias pudessem ser deslocadas em combate com os seus serventes montados. Com a Guerra da Independência Americana (1775-1783) transitou-se dos "impérios do comércio" para os "impérios das plantações", fruto da fixação dos europeus noutras partes do Mundo. Os Exércitos passaram a desempenhar funções na sua Pátria e nos territórios do Ultramar e com a Marinha a apoiar o transporte dos mesmos.

Foram as Guerras da Revolução e as Campanhas de Napoleão (1789-1814) que revolucionaram a guerra e a Arte Militar, com o desenvolvimento do conceito de cidadão-soldado e a utilização de grandes efetivos na guerra. A Infantaria utilizava o mosquete de pedreneira e baioneta. A Cavalaria começou a utilizar a carabina e a pistola. A Artilharia padronizou os calibres, regulava o tiro a maiores distâncias e introduziu novos rodados nas peças, o que permitiu a sua maior utilização em combate. A Engenharia iniciou o seu processo de diferenciação como elemento essencial do combate, no ataque a fortalezas, na organização do terreno, na apropriação de itinerários e na transposição de cursos de água.

Com a entrada do século XIX, os elementos essenciais de combate continuaram a ser o poder de fogo (arma individual e pela Artilharia), a manobra (movimento das formações) e o poder de choque (Cavalaria). Foram introduzidos progressivamente novos elementos essenciais, tais como o Comando e Controlo, a Segurança e a Informação, no entanto, o fogo e o movimento, que permitiam concentrar o potencial de fogo no momento e local exato, continuavam a ser elementos essenciais para o combate.

O terceiro período de desenvolvimento da Arte Militar iniciou-se com as primeiras guerras da Era Industrial (Guerra da Crimeia (1853-1856) e Guerra Civil Americana (1861-1865)) e vai até à primeira guerra da Era da Informação (Guerra do Golfo - 1991). A Industrialização trouxe avanços científicos e melhorias tecnológicas que permitiram melhorar as pólvoras, fabricar explosivos químicos e produzir aços mais resistentes e baratos. A mobilidade estratégica aumentou com a introdução da máquina a vapor e a sua utilização no navio e na locomotiva.

A primeira Era Industrial transformou a forma de fazer a guerra, entre a Guerra da Crimeia (1856) e a I Grande Guerra Mundial (I GGM – 1914-1918). O século XX iniciou-se com um conflito entre a Rússia e o Japão (1904) que mostrou as potencialidades que a industrialização trouxe para o poder naval.Os cascos dos navios e os canhões tornaram-se mais resistentes, a propulsão a vapor proporcionava maiores velocidades e as comunicações utilizavam o telégrafo sem fio. Apareceram os destroyers, os torpedeiros, os lança e draga-minas e os submarinos.

A Arte Militar transformou-se numa ciência e numa arte a aprender e a praticar. No ensino militar, ministrava-se organização, tática, logística e estratégia militar com a finalidade de gerar, organizar e empregar os meios para atingir os objetivos fixados. Nascia uma Arte Militar que definia-se por

um conjunto de conhecimentos e práticas que permitiam distinguir os limites entre a guerra e a paz, gerir a violência da guerra, terminar as guerras ou evitar as guerras. As Grandes Estratégias delineadas para a I GGM exigiam o desenvolvimento do conceito de "Guerra Total", definido como "o conflito militar em que os intervenientes estão dispostos a fazer todos os sacrifícios em vidas humanas e recursos utilizados para atingirem a vitória".

O combate terrestre não era encarado com a finalidade de travar grandes Batalhas, mas visava conquistar terreno e estava condicionado pelos Teatros de Operações (TO), efetivos empenhados, armamento utilizado e conceção dos Comandantes das Forças empenhadas. Face ao impasse em que caiu a guerra (guerra de trincheiras), os beligerantes desenvolveram novas táticas: descentralização do comando em pequenas unidades e na sua capacidade para efetuar "raids" nas linhas adversárias; e na utilização de novas armas (granada de mão disparada pela espingarda, lança chamas e a utilização de gases).

Simultaneamente procurou-se melhorar o armamento, tendo aparecido o "tank" (1917) com a finalidade de ultrapassar o impasse. As operações terrestres trouxeram as seguintes inovações na Arte Militar: surgiu a Arte Operacional, ou seja, a tática das Grandes Unidades (GU); a utilização de Armas Combinadas; e a Infantaria passou a ser utilizada em escalões mais baixos e mais dispersos.

O combate naval tinha como finalidade a destruição de navios adversários. No início do conflito, as partes em conflito possuíam navios de superfície tecnicamente semelhantes. A partir de 1915, a guerra no mar sofreu um impasse, tal como aconteceu em terra, devido ao aparecimento de defesas assentes em minas, torpedeiros e submarinos para fazer face a navios que pretendiam bloquear os Portos aos navios adversários.

No início do conflito, os meios aéreos eram utilizados para o reconhecimento, tendo evoluído para a fotografia aérea, observação e regulação do tiro de Artilharia. A partir de 1915, o avião passou a utilizar a metralhadora dando origem ao combate aéreo. O bombardeamento estratégico deu os primeiros passos com os "zeppelin" a bombardearem Londres. No entanto, a grande inovação ocorreu quando os beligerantes procuraram obter superioridade aérea para apoio às operações terrestres (1917), desenvolvendo meios e doutrina para o apoio aéreo próximo.

Após o final da I GGM e o início da II GGM (1939-1945), o pensamento militar foi orientado para encontrar soluções que evitassem o que se tinha verificado com a guerra de trincheiras. O pensamento militar acompanhou as inovações tecnológicas que a segunda Revolução Industrial trouxe e concebeu teorias de aplicação em sete áreas que foram fundamentais na II GGM: o combate entre formações blindadas; a luta anfíbia; o bombardeamento estratégico; o apoio aéreo próximo; a luta submarina; a aviação naval; e o desenvolvimento do radar.

No início da II GGM (1939) foi utilizada uma conceção de emprego de Força diferente, a chamada "Guerra Relâmpago" ("Blietzkrieg") que assentava numa tática de GU com colunas de blindados, artilharia e infantaria motorizada apoiadas por a "Luftwaffe", num avanço rápido e com um controlo rádio muito estreito do Comando e entre Unidades. Em nove meses, os alemães tinham desencadeado operações ofensivas com grande mobilidade dos meios terrestres apoiados por a Força Aérea. A Arte Militar sofreu fortes influências à base deste tipo de guerra.

As inovações na Arte Militar e na forma de conduzir a guerra trouxeram táticas e técnicas novas, das quais se salientam: o alargamento dos TO que exigiu novos meios de Comando e medidas de planeamento, coordenação e controlo; o Comando passou a ser mais apoiado por Estados-Maiores diferenciados por áreas; as Ordens de Operações passaram a ser estandardizadas; os Comandos e quartéis-generais desdobraram-se em Postos de Comando Principais e de Alternativa e entre Grupo de Comando e Escalão Recuado; a Tática diferenciou-se em tática das GU e em tática das pequenas Unidades; as Operações preocupavam-se com a Segurança, utilizando Forças de Cobertura; e o carro de combate foi a resposta para conjugar simultaneamente fogo, movimento e proteção.

Todas estas vantagens materializaram-se na proteção da Força, mas trouxeram maiores exigências para o apoio logístico. Há que salientar, também que no ar, a superioridade aérea passou a ser um fator importante para a conduta do combate, e no mar, o porta-aviões aumentou as capacidades do reconhecimento e do poder de fogo.Com o fim da II GGM deu-se início à Guerra Fria. As RI percorreram o período da Guerra Fria com uma bipolarização entre a URSS e os EUA e as suas "esferas de influência". A partir de 1955 até ao fim da Guerra Fria, as Forças da OTAN e do Pacto de Varsóvia preparam-se para um confronto no mar, no ar ou em terra.

A queda do muro de Berlim (1989), a reunificação da Alemanha (1990) e a desintegração da URSS (1991) marcaram o Final da Guerra Fria e o início de um novo período no desenvolvimento da Arte Militar, que veio até aos dias de hoje, marcado pela conceção e utilização da Força. Pode-se subdividir este período em dois: do fim da Guerra Fria até ao 11 de Setembro de 2011; e do 11 de Setembro de 2011 até aos dias de hoje.O conflito da Península dos Balcãs e outras missões de Apoio à Paz lideradas pela ONU condicionaram a evolução do pensamento militar entre 1991 e 2001. A invasão do Kuwair por parte do Iraque, a 2 de Agosto de 1991, foi considerada a "primeira guerra da idade da informação".

A experiência recolhida incidiu sobre aspetos operacionais e táticos relacionados com a condução e a influência do combate, mas as implicações para a Arte Militar foram mais vastas em áreas como a segurança global e novas formas de conflitos, desafios para a conceção e o conceito de emprego da Força militar. As funções de combate influenciadas pela capacidade de liderança passaram a ser enquadradas pela informação.

Em 1992, o Secretário-geral da ONU, Boutros Ghali, difundiu o documento "Uma Agenda para a Paz: Diplomacia Preventiva, Fazer a Paz e Manter a Paz" que se constituía como a visão da ONU para responder a conflitos no Pós Guerra Fria. Este documento expunha definições diferentes para os conceitos de "Peacemaking" e "Peacekeeping" e uma nova interpretação do Capítulo VII da CNU a fim de justificar o emprego da força sem o consentimento das partes. Introduziu, também, o conceito de "Peacebuilding" no pós-conflito.

No final do século XX, o pensamento militar tentava dar resposta a exigências políticas que apontavam para as Forças disponíveis para a "Gestão de Crises", de projeção rápida e que pudessem desempenhar um conjunto de missões diversificadas. A solução encontrada foi a de organizar a Força assente em capacidades militares e melhorá-la com a conciliação de capacidades estruturantes e capacidades orientadas para a Gestão de Crises.

Os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 vieram alertar o Mundo para uma nova ameaça à paz e à segurança internacionais. Grupos radicais islâmicos recuperaram o conceito de Guerra Santa, a "Jihad", com novos meios para a conduzir, que poderia inclusive empregar armas de destruição maciça.

Para combater este tipo de guerras irregulares, o pensamento militar deverá ter em consideração as tendências que surgem em duas áreas diferentes: a primeira está relacionada com as RI, os novos arranjos geopolíticos, a forma como alguns conflitos internos são encarados pela CI e pelas Organizações de Segurança e as possíveis alterações na ONU e no seu Conselho de Segurança; a segunda relaciona-se com a forma como serão conduzidas essas guerras e com que meios.A experiência colhida em conflitos armados recentes mostram a dificuldade que é para a Arte Militar, no uso da Força, encontrar uma doutrina que combata, controle e ponha ordem em situações caóticas.

O caso dos conflitos do Afeganistão e do Iraque (com uma intervenção inicial dos EUA para derrubar regimes e a subsequente responsabilidade internacional para estabilizar as regiões) e o confronto na Faixa de Gaza (opõe as Forças de Defesa de Israel e o movimento Hamas) levantam questões de legalidade, legitimidade e proporcionalidade sobre o uso da força que continuam a ser analisadas e debatidas.

A questão de como serão as "Guerras do Futuro" tem sido bastante discutida em vários fóruns de RI ou de Segurança e Defesa, mas seguindo duas vias de pensamento distintas.

A primeira linha de pensamento baseia-se na ideia de que o passado é um prólogo do futuro, mas com a consciência de que a guerra não segue as relações lineares de causa-efeito e por vezes segue a teoria da incerteza ou do caos. A segunda linha de pensamento assenta na ideia de avaliar as guerras do futuro na perspetiva dos meios que serão empregues para coagir um adversário.

Esta linha é bastante influenciada pelos desenvolvimentos tecnológicos do espaço, do ciberespaço, das armas de radiações, das nanotecnologias e da robótica. Ambas as linhas convergem quando as comunidades que procuram Segurança estudam as melhores respostas para controlar a guerra, nas suas fases de prevenção, dissuasão, coação ou de estabilização, tentando encontrar os instrumentos que consigam atingir a segurança desejada ou possível.

A Arte Militar do futuro terá por objeto a Força militar e a sua utilização, mas em contexto de mudança, de globalização, com diferentes atores e com meios diferentes dos atuais, ou seja, a Força será utilizada em conflitos armados complexos e com um leque variado de atores.

A Força militar continuará a ter as mesmas funções de vigiar, controlar, dissuadir, coagir, negar ou estabilizar, sendo constituída por meios humanos, meios materiais (armamentos e equipamentos) e com regras de atuação de acordo com o Poder, a Legislação sobre a guerra e Códigos de conduta. A organização da Força militar em tempo de paz será influenciada pelo meio em que primariamente terá de combater. Numa situação de crise ou de guerra, a organização da Força tende a crescer, a ser conjunta nas capacidades militares que cada Ramo pode acrescentar com condições próprias.

A conceção, organização e emprego da Força militar no futuro continuará a ser influenciada pelos conceitos de Poder e ordem e na forma como podem ser alcançados. Estes conceitos são regulados por regras instituídas pelas sociedades, mas que se encontram em transformação, num ambiente de incertezas e de caos onde os progressos alcançados pelos Homens estão à frente dos avanços do progresso no seu comportamento com o outro, o diferente, o universo ou o globo minúsculo em que vive.

Conclusões

Esta obra descreve a evolução do "denominado mundo ocidental e atlântico" desde o século VI a.C. até à atualidade. Uma evolução em que a Arte da Guerra centrou-se no combate e na forma de o fazer, e que a Arte Militar centrou-se na Força Militar e nas formas de a gerar, organizar e empregar, tendo por objeto a guerra e a forma de a fazer, mas tendo em consideração, também, a prevenção, a dissuasão, o controlo ou o fim da guerra.

A evolução da Arte da Guerra para a Arte Militar seguiu a evolução da sociedade, da sua organização coletiva e do Poder, da sua economia, dos seus valores e da forma que o Poder pode ser atingido pela Paz ou pela Guerra.

As grandes transformações sociais, que ocorreram ao longo dos tempos, foram responsáveis por influenciar a evolução da Arte da Guerra para a Arte Militar: a conceção, a organização e o emprego da Força militar. Influenciou, também, a forma de combater e os instrumentos utilizados, fruto de novas tecnologias, o que alguns autores designaram de "revoluções nos assuntos militares".

A CONTINUIDADE DO "COMBATE" COM VBR PANDUR II 8X8 NO KOSOVO

TENENTE
JOAQUIM TAVARES

Com este artigo pretendo partilhar a experiência enquanto Cmdt do PelAt PANDUR da BrigInt integrado na UEC de manobra do 1BIMec da BrigMec, FND para o primeiro semestre de 2014 no TO do Kosovo, no âmbito da Kosovo Force (KFOR).

Este artigo encontra-se organizado, genericamente, nas áreas de pessoal, informações, operações e logística e procura analisar o período de aprontamento, que decorreu no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), entre Novembro de 2013 e Março de 2014, e o período de missão no TO do Kosovo, que decorreu entre Março e Setembro de 2014.

A análise realizada apresenta os diversos e constantes desafios colocados nas diferentes áreas a uma força deste tipo, equipada com VBR PANDUR II 8x8 e integrada numa força de outro tipo, bem como a forma como esses desafios foram vencidos, tendo para isso contribuído de forma significativa o treino continuo desta Unidade de Escalão Pelotão (UEP) ao longo do tempo e o domínio completo das capacidades e limitações da VBR PANDUR II 8X8, tendo assim permitido gerar e constituir uma verdadeira capacidade, superior à soma dos requisitos que a compõe.

Aprontamento

O PelAt PANDUR foi organizado a partir da UEC com a valência de controlo de tumultos da BrigInt, organizada e aprontada pelo 1BI no RI13 durante o ano de 2013 e que se encontrava na fase final do período de standby. Assim, com base no 3PelAt da 2CAt, organizou-se o PelAt PANDUR da BrigInt com vista a integrar a FND/KFOR para o primeiro semestre de 2014, tendo sido necessário realizar apenas algumas alterações à ordem de batalha (OB) inicial, que tinha servido de base ao aprontamento da 1ª Unidade de Controlo de Tumultos (1UnCRC) da BrigInt.

O PelAt PANDUR era então composto por vinte e nove militares, de acordo com a OB da FND/KFOR, articulados numa Sec de Comando e três SecAt, sendo que a primeira era composta por dois militares e as restantes por nove militares cada.

Como sabia que era necessário garantir no TO o controlo de três arrecadações, que se encontravam afetas ao PelAt PANDUR, nomeei dois militares para desempenharem esta tarefa, garantindo assim a necessária continuidade durante os períodos de licença de férias. Neste sentido, decidi pela nomeação de dois condutores de VBR PANDUR II 8x8 visto que, simultaneamente, poderiam desempenhar a função de condutor da VBR PANDUR II 8x8 do Cmdt de Pel e controlar as arrecadações.

Em termos de organização das SecAt PANDUR foi mantida a organização com a qual estávamos habituados a treinar, em que cada SecAt dispunha de um Cmdt de Sec, um Cmdt de Esq de viatura e apontador de Metralhadora Pesada Browning 12.7mm, dois Cmdt de Esq de manobra, dois condutores de VBR PANDUR II 8x8 e três atiradores.

Apesar do PelAt PANDUR estar preparado técnica e taticamente para operar e "combater" com a VBR PANDUR II 8x8, em virtude de terem sido atribuídas ao PelAt PANDUR viaturas de outro tipo, nomeadamente seis VBL M11 Panhard, dois Jeep Toyota Land Cruiser, duas viaturas Iveco 40.12 e uma Iveco 90.17, foi necessário enviar militares para realizar os respetivos cursos de condução, ficando assim o PelAt PANDUR com 12 militares habilitados a conduzir VBL M11 Panhard e seis militares habilitados a conduzir viaturas Iveco.

Um dos primeiros desafios com que me deparei no início do aprontamento, apesar de já não ser novo para mim, visto ter-me deparado com ele durante o treino realizado no 1BI, mas que agora assumia uma outra configuração, era o de identificar quem assumia o controlo da VBR PANDUR II 8x8, orgânica da SecAt, particularmente durante a execução de tarefas e missões táticas de nível UEP PANDUR, durante o período de licença de férias dos Cmdt de SecAt.

Assim, foi de forma natural que optamos por ser um Cmdt de Esq de manobra a assumir o controlo da VBR PANDUR II 8x8 no período de licença do Cmdt de SecAt, com natural acompanhamento e supervisão do Comando do PelAt PANDUR, tal como acontecia durante o treino desenvolvido no 1BI, que permitiu aos Cmdt de Esq de manobra adquirirem o conhecimento necessário ao controlo da VBR PANDUR e da respetiva SecAt nestas circunstâncias.

Apesar desta solução poder parecer simples e lógica, a mesma só o foi pelo trabalho contínuo e de longo prazo realizado durante o treino no 1BI e continuado no aprontamento, visto que os Cmdt de Esq de manobra e de Esq de viatura não frequentam o curso de chefes de VBR PANDUR, representando esta opção uma assunção calculada de responsabilidades e riscos só mitigados pelo treino e preparação constante de uma força deste tipo.

Tendo o aprontamento decorrido no CMSM, que apresenta um terreno com características próprias e diferentes daquelas que observamos na região do distrito de Vila Real, onde o 1BI realiza maioritariamente o seu treino, conjugado com as condições meteorológicas verificadas naquele período, com alguma precipitação, levou a que fosse necessário realizar uma adaptação frequente do trem de rodagem da VBR PANDUR II 8x8 ao terreno, não se constituindo este aspeto num obstáculo devido ao conhecimento pleno das capacidades da VBR PANDUR por parte dos condutores e dos Cmdt de SecAt.

Foi também através do treino contínuo no 1BI e numa região com características próprias, mas em tudo semelhantes

àquelas que encontramos no TO do Kosovo, desde desníveis acentuados, áreas urbanas, itinerários e estradas com elevado trânsito civil e de largura diferenciada, presença de civis, entre outros fatores, que permitiu aos condutores de VBR PANDUR II 8x8 e aos Cmdt de SecAt adquirirem perícias e competências que se revelaram fulcrais na exploração e maximização de capacidades e mitigação de vulnerabilidades da viatura no TO.

Do treino em condições "próximas do real" resultou um conhecimento profundo da mobilidade tática da VBR PANDUR e o que isso representa para uma UEP PANDUR, desde a sua elevada flexibilidade e rapidez de projeção dentro do TO, a sua prontidão permanente para "combate", a capacidade para percorrer longas distâncias e a sua autonomia em operações.

integrar as SecAt na ação do PelAt PANDUR. No entanto, sempre que necessário, atribuía tempo para os Cmdt de SecAt realizarem treino ao seu nível relativamente às tarefas que tinham de executar na manobra geral do PelAt PANDUR.

Como foi referido antes, na execução de tarefas e missões táticas de nível UEP PANDUR, era importante também integrar ao nível da Unidade de Escalão Secção (UES) a Esq de viatura e as Esq de manobra, visto que, quando as Esq de manobra têm necessidade de se afastar da Esq de viatura e por consequinte da VBR PANDUR II 8x8, que pode ocorrer até à distância do alcance de sobre apoio da Esq de viatura, que é conferido pelos meios letais e de comando e controlo da VBR PANDUR II 8x8, os primeiros na ordem dos 1200m, a Esq de viatura tem de se movimentar taticamente para assim garantir o necessário sobre apoio às Esq de manobra.

Foi ainda através do treino que os condutores e os Cmdt de SecAt se aperceberam das capacidades técnicas da viatura e a forma como estas poderiam ser conjugadas, exploradas e maximizadas em cada tarefa e missão tática, desde as suas dimensões e ângulos de viragem, muito importantes em ambiente urbano, as velocidades que podem atingir e o seu comportamento em estrada e em todo o terreno, importante em missões tipo quick reaction force (QRF), qual a assinatura acústica e térmica que apresenta, fundamental para garantir a surpresa na intervenção, a sua capacidade para auto-extração e recuperação, fundamental para a garantia de apoio mútuo entre as SecAt e a autonomia operacional da UEP PANDUR, o comportamento perante diferentes condições meteorológicas e de visibilidade, importante para a continuidade das operações em climas adversos (neve) e em condições de visibilidade reduzida, entre muitas outras.

Assim, na sequência das tarefas e missões táticas que o PelAt PANDUR recebeu neste período, que foram desde operações de cerco e busca, reconhecimentos de área, assaltos a posições, entre outras, eu procurava sempre atribuir grande parte do tempo disponível ao treino da tarefa, no sentido de

Ainda neste período e na condução de operações ao nível da UEC de Manobra do 1BIMec, onde o PelAt PANDUR se encontrava integrado, tornou-se evidente uma incompatibilidade de meios ao nível do comando e controlo, nomeadamente entre o rádio P/PRC-525 das VBR PANDUR II 8x8 e os rádios P/PRC-425, RT-524 e AN/VRC-64 das restantes viaturas da UEC, sendo necessário um trabalho adicional no sentido de se obter a necessária unidade de esforço ao nível da UEC em operações, não sendo, no entanto, possível explorar e maximizar as potencialidades do rádio P/PRC-525 e desta forma todo o sistema de comando e controlo de uma UEP PANDUR, capaz de enviar mensagens de texto e mensagens gráficas, de aceder a fontes, centralizar dados e partilhar informação, entre outras capacidades, garantindo assim uma integração vertical entre os diferentes escalões de comando e uma interligação lateral entre cada VBR PANDUR II 8x8.

Para além das áreas de treino que a região de Vila Real oferece para treino de uma UEP equipada com VBR PANDUR, é também importante toda a capacidade associada e disponível para manter uma força deste tipo. Refiro-me à existência de arrecadações e telheiros, fundamentais para proteger os sis-

temas da VBR PANDUR e garantir as condições necessárias para realizar a sua manutenção, particularmente perante condições meteorológicas adversas, com instalações elétricas que permitam de forma permanente ligar os carregadores de baterias e assim fazer o seu carregamento, sem falhas ou interrupções, evitando-se danificar o sistema elétrico das viaturas ou comprometer o seu normal funcionamento.

Refiro-me também a rampas de lavagem e a todo o sistema de apoio à lavagem da VBR PANDUR , que deve apresentar características específicas, como seja a capacidade de lavar o casco e o rodado a partir de uma posição inferior e água de corrente contínua com pressão adequada para realizar a correta lavagem do trem de rodagem.

Tendo o aprontamento do PelAt PANDUR decorrido no 1BIMec, unidade com características próprias relativamente à manutenção de viaturas, revestiu-se de particular importância o conhecimento das tarefas de manutenção associadas à VBR PANDUR por parte de todos os militares do PelAt PANDUR, visto que esta tarefa é responsabilidade de todos e em que todos participam, permitindo assim otimizar as condições existentes para manutenção e estabelecer prioridades de limpeza e manutenção, de forma a prevenir e evitar o deficiente funcionamento de algum sistema da VBR PANDUR II 8x8. Para além deste aspeto, é ainda de referir o exemplar acompanhamento e apoio técnico realizado neste período pela equipa de manutenção que integrava a FND.

Cumprimento da Missão no TO

Após chegar ao TO do Kosovo, a prioridade passou por preparar o PelAt PANDUR até atingir a full operational capability (FOC) da Kosovo Tactical Maneuver Batalion (KTM), que passou pela realização de um exercício de controlo de tumultos, no qual organizei o PelAt PANDUR numa Esq de viatura com uma VBR PANDUR, uma Sec de Comando, uma Sec de apoio com Lança Granadas Cougar e shotgun Fabam e duas Sec de proteção.

Após atingir a FOC, o PelAt PANDUR passou a cumprir diariamente uma das seguintes três tarefas: patrulhas de presença de UES três vezes por dia (manhã, tarde e noite) na região de MITROVICA Norte; QRF com *notice to move* (NTM) de trinta minutos; segurança ao campo de Slim Lines onde a KTM se encontra aquartelada.

Esta atividade era desenvolvida semanalmente, sendo que, na semana em que o PelAt PANDUR não realizava estas tarefas realizava reconhecimentos ao TO e treino de controlo de tumultos em Camp Vrelo, em conjunto com as subunidades da KTM, a polícia militar da KFOR, o destacamento de liberdade de movimentos e a equipa de inativação de engenhos explosivos, bem como treino em Slim Lines, nomeadamente de embarque em helicópteros.

Dos reconhecimentos realizados, colocamos maior enfase no estudo do terreno na área de MITROVICA Norte, designada como *area of interest* (AOI) pela KFOR, particularmente nas suas vias de comunicação, no sentido de identificar as que permitiam ou não o movimento de VBR PANDUR , no sentido de saber e assim poder aconselhar o Comando da KTM no emprego destas viaturas nesta região, tendo conseguido concluir este estudo rapidamente, devido ao treino prévio do PelAt PANDUR em ambiente urbano, matriz base desta região.

Para além dos reconhecimentos realizados à AOI e em virtude de decorrer durante o período de missão as eleições legislativas no Kosovo, foi atribuída à Bravo Company (BCoy) portuguesa a missão de reconhecer todas as assembleias de voto no Kosovo, tendo o PelAt PANDUR reconhecido os itinerários principais e alternativos, áreas para zonas de reunião, zonas para aterragem de helicópteros e a área circundante a cada assembleia de voto.

Nestes reconhecimentos, foi dado particular relevo aos itinerários para VBR PANDUR, sendo recorrente no Sul do Kosovo encontrar algumas restrições ao deslocamento do PelAt PANDUR, particularmente devido a pontes com capacidade apenas para viaturas com tonelagem inferior àquela que a VBR PANDUR apresenta, bem como devido ao facto de que algumas assembleias de voto se encontrarem em áreas muito rurais, não permitindo assim a aproximação ao local da assembleia de voto.

No âmbito das operações realizadas destaco a operação SCORPION RIDER, uma operação de apoio às eleições legislativas e em que a KTM esteve com um NTM reduzido, estando o PelAt PANDUR equipado e preparado para ser projetado para todo o TO com capacidade para operar durante vinte e quatro horas, em virtude da capacidade de carga e de transporte das VBR PANDUR, capazes de transportarem todo o pessoal, armamento e equipamento orgânico, o equipamento para controlo de tumultos, munições, rações de combate, etc... garantindo assim uma autonomia operacional de acordo com as necessidades de cada operação.

Neste âmbito, destaco ainda a operação *SKYFALL*, que antecedeu a operação *SCORPION RIDER*, que foi uma operação desenvolvida pela KFOR no sentido de se preparar para o apoio à Kososo Police contra possíveis manifestações, levadas a cabo por Kosovo Albanians em MITROVICA Sul contra o roadblock na ponte de Austerlitz.

Nesta operação, a KTM foi mobilizada para o Camp Novo Selo e o PelAt PANDUR, equipado e armado com os seus meios orgânicos, tinha a missão de reserva da KTM. No decorrer da operação, a KTM recebeu a ordem de se deslocar para uma zona de reunião avançada e mais próxima de MITROVICA Sul, tendo deslocado de imediato a Charlie Company (CCoy) húngara e o PelAt PANDUR.

Após chegar à zona de reunião avançada, o PelAt PANDUR recebeu de imediato a ordem para se deslocar para a ponte sobre o rio Ibar a Oeste de MITROVICA e deter, à ordem, o tráfego sobre a mesma.

O PelAt PANDUR ocupou a região da ponte e manteve observação constante sobre a sua área envolvente, recebendo posteriormente a ordem para regressar a Camp Novo Selo.

Quanto à manutenção no TO, é de referir que o Campo de Slim Lines apresenta boas condições para parquear e manter as VBR PANDUR II 8x8, desde arrecadações e telheiros, rampas de lavagem e material de limpeza e manutenção, para além de existir uma VBR PANDUR Recovery de apoio à equipa de manutenção, garantindo assim um acompanhamento e apoio técnico eficaz nesta área em coordenação permanente com os militares do PelAt PANDUR.

DUR II 8x8, integrada com o escalão da unidade que a opera e emprega, resultou de técnicas, táticas e procedimentos (TTP) adquiridos ao longo do processo de formação e treino prévio, em que cada elemento conseguiu acumular "saber fazer", fundamental para gerar o produto operacional esperado e de acordo com as necessidades operacionais identificadas.

Desta forma e apesar de que esta UEP apresenta uma tipologia própria, caracterizada em grande medida pela natureza dos meios a ela associados, à base tecnológica em que assentam e às valências que lhe conferem, tal facto não invalidou a possibilidade de uma "integração modular" da capacidade PANDUR em forças de tipologia diferente.

Considerações finais

Como referi, com este artigo pretendia partilhar a experiência de comandar o PelAt PANDUR da BrigInt integrado numa UEB de uma tipologia de forças diferente, referindo os desafios com que me deparei e a forma como esta UEP os conseguiu superar, durante a fase de aprontamento no CMSM e de cumprimento da missão no TO do Kosovo.

Atendendo aos resultados obtidos, devo reconhecer que a organização do PelAt PANDUR, com base numa UEP já constituída, bem como o treino continuado no 1BI e a "convivência" permanente com a VBR PANDUR II 8x8, se revelaram de elevada importância para ultrapassar diversas situações e, sobretudo, para tirar o máximo rendimento das potencialidades dos meios de que dispunha, desde a simples adaptação ao terreno do CMSM como à exigente condução em ambiente urbano dos bairros de MITROVICA.

Desta capacidade da UEP para colocar ao serviço das operações, a plenitude das características técnicas da VBR PAN-

Considero assim que, tal como o emprego de novos equipamentos bélicos verificados ao longo da história militar, fruto da contínua evolução tecnológica, alteraram a forma de combater pela inovação das suas capacidades técnicas e o que elas ofereciam ao "combate", tais como a pólvora, o mosquete, o carro de combate, o avião e agora os unmaned aerial vehicles, também me parece que, a VBR PANDUR II 8x8, na devida dimensão e proporção, exigiu a adoção de uma forma própria de operar e "combater", traduzida em TTP específicos, com particular relevo ao nível dos baixos escalões, onde a interligação, a dependência e o apoio mútuo assumem elevada importância no cumprimento de tarefas e missões táticas.

Assim, considero que o PelAt PANDUR da BrigInt que integrou a FND/KFOR 1-2014, que tive a honra e o privilégio de comandar, representa uma forma moderna e singular de operar e "combater", onde a "digitalização" do campo de batalha e a "modularização" da capacidade PANDUR são uma realidade, na qual se pode constatar que esta tem muito mais a oferecer do que o simples transporte de pessoal.

A MILITARES DA BRIGINT PARTICIPAM NA FORMAÇÃO E TREINO DE UNIDADES DO EXÉRCITO DOS EUA

TEN INF
FILIPE PINA

Dois oficiais e dois sargentos do 2º Batalhão de Infantaria (2BI), do Regimento de Infantaria Nº14 da Brigada de Intervenção, participaram na formação e treino de uma unidade do exército dos Estados Unidos da América (EUA) com o objetivo de integrar a força da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) no Kosovo, *Kosovo Force* (KFOR).

O período de treino decorreu de 29 de setembro a 03 de outubro de 2014, na base americana em Hohenfels, na Alemanha e contou, para além dos militares do 2BI, com a participação de militares do Regimento de Lanceiros Nº 2 (RL2), Entidade Técnica Responsável pela formação de Controlo de Tumultos no Exército Português. Juntos constituíram-se como equipa para dar formação e treino ao contingente americano no âmbito do Crowd and Riot Control (CRC).

Na senda do que tem vindo a acontecer no Kosovo, cada vez mais as forças internacionais, que fazem parte da KFOR, procuram os portugueses para receber formação nesta área técnica específica.

Assim, já pela segunda vez, o exército dos EUA demonstrou interesse em que militares portugueses formassem as suas unidades nestas áreas técnicas.

Fotografia 1 – Formação e Treino de *Fire Phobia* em Camp Slim Lines

O treino de CRC é obrigatório na preparação das forças que passam a integrar a KFOR.

O treino e aprontamento dessas forças, que é uma responsabilidade nacional, englobam as técnicas e as tática de CRC muitas vezes com base em matéria policial ou de Polícia Militar.

Fundamentado nos recentes incidentes no Kosovo como as manifestações e roadblocks, alguns dos quais envolvendo Forças Nacionais Destacadas (FND) portuguesas, nasceu a necessidade de formar os militares da KFOR na reação a dispositivos incendiários, como por exemplo os Cocktail Molotov.

Assim, o *Fire Phobia Training*, "Treino de Fobia ao Fogo", é um exercício realizado no âmbito do treino e instrução das Operações de CRC.

Surgiu no Kosovo, em Camp Slim Lines, enquanto conceito mas tem a sua génese no Curso de Controlo de Tumultos ministrado no RL2. A finalidade do exercício é familiarizar os militares com os dispositivos incendiários com que uma força de CRC se pode vir a deparar e saber como reagir a estes.

Esta tipologia de treino aparece como consequência de uma formação contínua e exigente na área da manutenção de ordem pública e por o Exército Português o entender dessa forma, os contingentes portugueses na KFOR, constituíram-se como formadores da força multinacional.

Identificada a necessidade nas forças da KFOR, e olhando ao plano de treino nacional de cada uma, Portugal surge naturalmente como formador na área. Nascem os exercícios de Fire Phobia.

Todos os contingentes que chegam ao Kosovo efetuam treino de Fire Phobia ministrado por portugueses no campo português - Camp Slim Lines, Pristina.

Também nos exercícios *SILVER SABER*, da KFOR, todos os países participantes assistem a demonstrações e recebem formação de como reagir a agentes incendiários em atividades CRC.

Rapidamente os portugueses no Kosovo tornam-se referência na formação de CRC na KFOR, e o famigerado *Fire Phobia Training* um momento aguardado com impasse e excitação pelos novos militares que integram esta força multinacional.

Esta formação à *4th Infantry Brigade Combat Team (Airborne), 25th Infantry Division*, consistiu na apresentação do conceito português de Controlo de Tumultos, com base na nossa escola de CRC, e na evolução emergente dos confrontos de forças KFOR.

A parte prática do exercício evoluiu desde a técnica individual ao treino de unidades constituídas, até ao nível pelotão.

As instruções individuais e de parelha visaram apenas a técnica de reação dos militares, em situação de emergência.

Fotografia 2 – *Militar enfrenta chamas de Cocktail Molotov*

As técnicas, depois de demonstradas, foram executadas por todos os formandos primeiro em versão sem fogo real, *Cold Training*, e só depois recorrendo ao uso dos cocktails molotov reais, *Hot Training.*

Conjugando a técnica com a tática da unidade, evoluiu-se para a reação a *cocktails molotov* por unidades de escalão secção e pelotão, primeiro em posição estática e depois em deslocamento.

Procurou-se treinar todas as situações passíveis de acontecer numa ação de CRC incrementadas com a presença permanente do fogo.

As forças internacionais em aprontamento naquela base americana integraram, na sua maioria, o Multinational Battlegroup East (MNBG-E) constituído por militares dos EUA, Arménia, Moldávia e Roménia.

No entanto, outras forças estacionadas na base receberam a mesma formação, como seja a National Guard do estado do Arizona, que, aproveitando a nossa presença, fez o treino de Fire Phobia ficando assim, também ela, preparada para este tipo de operações.

O *Lt. Col. Clint J. Baker,* comandante da *4th Infantry Brigade Combat Team (Airborne) da 25th Infantry Division,* enalteceu, agradecidamente, a forma como foi executado o treino e instrução e, mais uma vez, classificou como fundamental a formação de *Fire Phobia* para as forças que futuramente integrarão a KFOR.

1 Marques, Carlos (Fotografo). 2013. Formação e Treino de Fire Phobia em Camp Slim Lines. (Fotografia). 13 de novembro de 2013.

2 Parrish, Melissa (Fotografo). 2014. A Paratrooper battles the blaze of a Molotov cocktail. (Fotografia). 4 de outubro de 2014. De http://www.dvidshub.net/image/1602326/hot-day-hohenfels-1-40th-cav em 5 de novembro 2014.

3 Parrish, Melissa (Fotografo). 2014. The Soldiers practice fire phobia training during a situational training exercise. (Fotografia). 4 de outubro de 2014. De http://www.dvidshub.net/image/1602333/hot-day-hohenfels-1-40th-cav em 5 de novembro 2014.

Fotografia 3 – *Militares praticam "fire phobia training" durante exercício de treino*

O PROCESSO DE APRONTAMENTO DE FORÇAS DENTRO DO CONCEITO DE TREINO OPERACIONAL DA BRIGINT:

O CASO DO 1ºBATALHÃO DE INFANTARIA DA BRIGINT

TCOR INF
ANTÓNIO OLIVEIRA

1. Introdução

Após um processo de regeneração, que consideramos bem sucedido, o 1º Batalhão de Infantaria desenvolveu, durante cerca de um ano, a segunda etapa do ciclo de treino adotado pela Brigada de Intervenção – a fase de aprontamento. O quadro em que decorreu esta fase teve como enquadrante a preparação do 1BI para se constituir a unidade de manobra da Força-Tarefa 1200 da Brigada.

Pretendemos com este texto explanar a forma como este aprontamento foi preparado, planeado e executado, destacando os aspetos que nos parecem mais relevantes.

Para tal faremos uma abordagem teórico-prática, isto é, partindo das considerações teóricas enformadoras, apresentaremos a forma como elas foram materializadas na prática.

Mas o fim deste ciclo de treino do Batalhão coincidiu também com o fim de um ciclo de comando do mesmo. Nestes termos, parece também adequado complementar a avaliação interna do processo de aprontamento com algumas considerações pessoais que decorrem das observações e lições identificadas com que nos fomos deparando ao longo destes dois anos.

2. O planeamento

Por definição o planeamento é o processo de COMO traduzir a direção e orientação superior em ações, integradas e agrupadas em séries sequenciais, utilizando os MEIOS disponíveis (recursos humanos, materiais, financeiros, etc.), para alcançar os FINS (objetivos e estado final) estabelecidos de forma eficiente e com riscos aceitáveis.

Nesta fase a articulação com o escalão superior é fundamental e após coordenação com o Comando da BrigInt estabeleceu-se o seguinte estado final: "o 1 BatInf/BrigInt está certificado enquanto Unidade de Manobra da FT1200; e, As forças atribuídas em Diretivas específicas foram aprontadas e certificadas". No entanto, e na sequência de uma fase de regeneração que acabava de ser executada, o aprontamento teria que ser mais ambicioso, mas também mais complexo. Era necessário articular a condução do aprontamento com a construção / desenvolvimento da capacidade PANDUR, continuar a reorganização funcional do Batalhão, manter a execução de outras tarefas dentro das OMIP e outras missões atribuídas, nomeadamente no apoio às populações da região.

Tendo em consideração a apreciação das condições internas e externas (impacto), a apreciação das capacidades, limitações e a implementação da intenção do comandante da BrigInt, consideraram-se, assim, os seguintes elementos enquadrantes do planeamento:

(1) O 1 BI seria a Unidade de Manobra Força Tarefa 1200;

(2) Teria que ser garantido o aprontamento e prontidão, de duas UnCRC de escalão companhia;

(3) Sendo o 1BI uma força PANDUR-Centric, era necessário continuar a desenvolver o sistema C3I do BI, bem como a doutrina de emprego dos escalões Companhia / Batalhão equipado com VBR PANDUR II 8X8;

(4) Considerando a situação das instalações e infraestruturas do 1BI, era indispensável manter o esforço na melhoria das condições de vida interna dos militares;

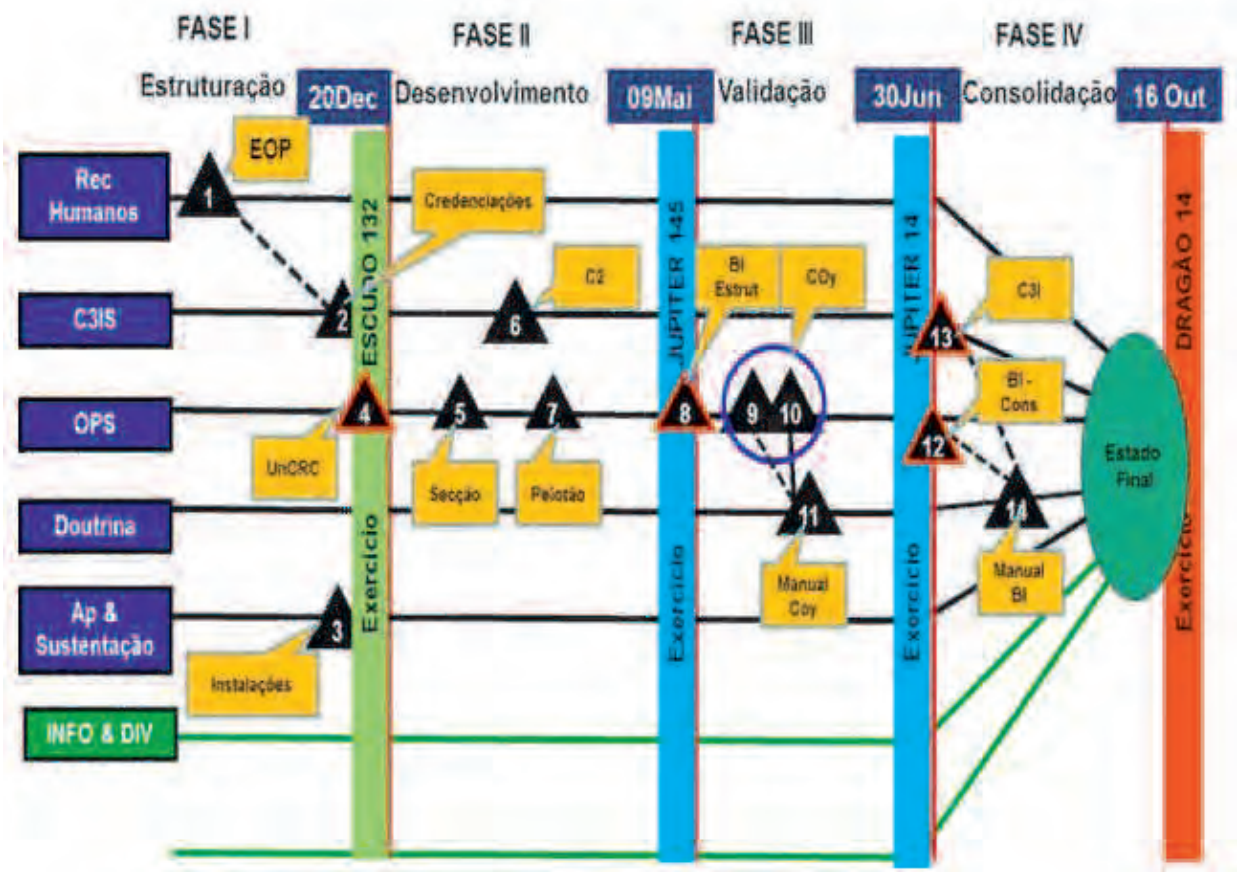
(5) Por outro lado, era necessário garantir o apoio às atividades do RI13, do qual o BI faz parte integrante, e;

(6) Participar nas diversas atividades determinadas superiormente (escalões Brigada e Exército).

Área Geral - Linha de Operações			Gestor - OPR
1	RH	RECURSOS HUMANOS	S1 - CAP MOURA
2	C3IS	Comando, Controlo, Comunicações, Informações e Segurança	S2 - CAP ANDRADE
3	OPS	OPERAÇÕES	S3 - MAJ BERNARDES
4	DOUTRINA	DOUTRINA	S3 - MAJ BERNARDES
5	AP&SUST	APOIO E SUSTENTAÇÃO	S4 - CAP MOURA
6	INFO&DIV	INFORMAÇÃO E DIVULGAÇÃO	2CMDT - MAJ ALMEIDA
7	MORAL	MORAL E BEM ESTAR	SCH COSTA

Com estes elementos enquadrantes e tomando-se como ponto de referência o estado final desejado, desenvolveu-se um processo de aprontamento em que a manutenção de um equilíbrio entre as vertentes do treino operacional, do esforço de reorganização das estruturas do 1BI e o moral e bem-estar da força era fundamental. Assim, foram definidas as áreas gerais onde era necessário intervir de forma concorrente e integrada, para garantir um desenvolvimento equilibrado e coerente do processo de aprontamento da força.

Estas áreas, sendo transversais, tinham no treino operacional o seu centro de gravidade e foi à volta do calendário de treino que todas as restantes tarefas foram calendarizadas e se definiram os pontos decisivos do planeamento.



3. A execução – algumas considerações

Um ciclo de treino é por natureza muito complexo. Sendo um período muito longo e influenciável por um conjunto de fatores internos e externos, o grande desafio para a execução foi o garantir que se passasse de um conjunto de intenções, vertidas no planeamento, para um conjunto de ações coerentes que permitissem ir atingindo os objetivos fixados.

Este aspeto é fundamental quando se desenvolve um projeto com múltiplas dimensões, em que o aprontamento sequencial das forças do Batalhão decorre em simultâneo com a manutenção da prontidão de parte do Batalhão - empenhado na valência CRC, com o desenvolvimento de doutrina e a procura de novas soluções – o desenvolvimento integrado da capacidade PANDUR (C2, manobra, apoio de combate, apoio de serviços) em parceria com o processo de construção genética das VBR PANDUR, ainda em curso, e em que os inputs exteriores têm que ser devidamente acomodados e o emprego dos diversos meios do Batalhão quer nas OMIP, quer no apoio à formação, quer ainda no apoio às diversas atividades do RI13, que deveria ser permanentemente acautelado.

Para garantir esta execução complexa adotamos uma estratégia apoiada num conjunto de vetores:

(1) Manter o plano flexível e o 1BI focado nos objetivos a atingir e estado final a alcançar;

(2) Garantir orientação e direção permanente aos escalões subordinados, mantendo uma articulação e colaboração próxima entre o EM e os Cmdt Compª;

(3) Adotar a organização e articulação mais adequada do Batalhão para cada momento, balanceando o esforço e permitindo a focalização de pequenos escalões por tarefas;

(4) Garantir a unidade de esforços no emprego dos meios e o envolvimento de todos no esforço coletivo. Era fundamental que todos os níveis de decisão (Cmdt de Batalhão, Companhia, Pelotão e Secção) estivessem em sintonia com a intenção do Cmdt, com o planeamento geral e com o resul-

tado esperado. O princípio deverá ser "liderar líderes" – sendo o grande desafio resolver a dicotomia entre a centralização do planeamento e da fixação dos objetivos, com a descentralização da execução, mantendo a coerência no processo;

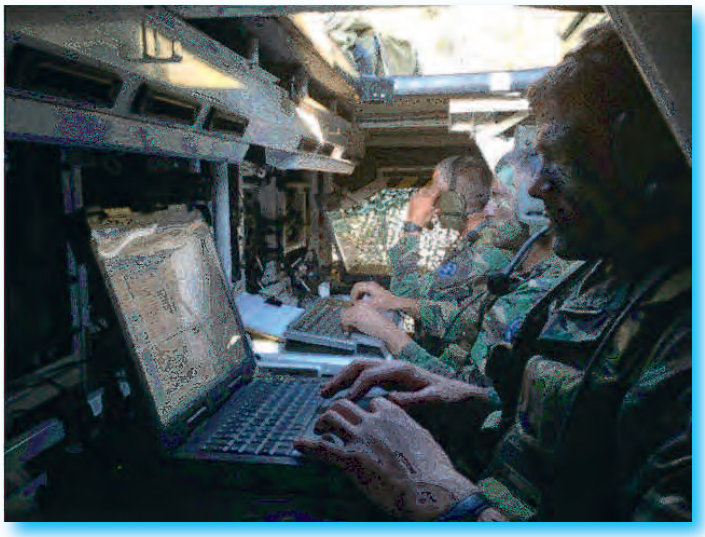
(5) Determinar e ir obtendo os meios necessários para estabelecer as condições pretendidas nos pontos decisivos;

(6) Garantir a sustentação adequada pela articulação permanente com a estrutura regimental e o escalão brigada;

(7) Garantir uma gestão operacional adequada, que permitisse uma avaliação permanente dos resultados obtidos, a rearticulação e reatribuição de meios e tarefas e o refinamento e adaptação do planeamento.

Foi pela materialização desta estratégia de ação que durante o ciclo de aprontamento atingidos os pontos decisivos planeados. Durante este período foram realizados oito exercícios que envolveram todo o efetivo do Batalhão, preparada uma segunda Unidade CRC, aprontado um PelAt PANDUR para posterior emprego no TO do Kosovo, ministrados três cursos de condutores e chefes de VBR PANDUR II 8x8, desenvolvidas várias atividades no âmbito do moral e bem-estar e garantida a participação em diversas OMIP e cerimónias militares. Simultaneamente, foi reorganizada a estrutura de apoio ao 1BI, nomeadamente as diversas arrecadações e parques, mas também as casernas adquiriram novas condições de habitabilidade, num esforço desenvolvido essencialmente pelos militares que delas fazem uso diário.

Mas, concomitantemente, continuou também todo o processo genético do 1BI, com o desenvolvimento de soluções para o treino, que permitissem colmatar as lacunas abertas pela



não implementação completa do projeto das VBR PANDUR. Neste âmbito, o desenvolvimento de soluções para o apoio de combate, mas essencialmente com o enorme salto nas capacidades de Comando e Controlo com base nas VBR PANDUR PC, merecem especial realce. Este foi o exemplo mais relevante da importância do envolvimento multiorganizacional num projeto. O desenvolvimento coordenado da ação do 1BI, da CTm/BrigInt e do Comando da BrigInt permitiu um salto qualitativo sem precedentes na capacidade de C3I da BrigInt.

Terminado o exercício "JÚPITER 14", em MOIMENTA DA BEIRA, em que a unidade de manobra da Força Tarefa 1200 foi concentrada, exercitada e avaliada, e atendendo aos resultados obtidos, quer ao nível da avaliação interna, quer da avaliação externa, podemos concluir que o processo de aprontamento foi um sucesso.

No entanto, alguns aspetos merecem ser realçados, tendo em conta as lições identificadas e os conceitos de emprego previsível para a força.

Em primeiro lugar, o conceito de armas combinadas, aos baixos escalões, parece merecer atenção no desenvolvimento das valências da BrigInt. A tipologia de operações que se deparam hoje à força militar exige opções flexíveis e orientadas para os efeitos a atingir em cada ação específica. Parece assim apontar para a organização de forças desde os mais baixos escalões, que disponham das valências adequadas para a tarefa atribuída – num conceito troop to task - que permitam atingir os efeitos pretendidos. Parece assim adequado organizar unidades de escalão pelotão ou companhia com recurso aos meios da componente operacional da BrigInt e que empregues de forma combinada se adaptem ao efeito pretendido.

Para que este conceito seja implementado é necessário um aprofundamento no desenvolvimento técnico-tático dos comandantes destes baixos escalões.

Estes terão que deixar de pensar apenas e só como comandantes de unidades de um determinado escalão, de uma só valência, para terem que pensar como comandantes de uma força que tem diversos meios, e consequentemente com diferentes possibilidades, que terão de combinar e empregar da forma mais eficaz.

A estes comandantes coloca-se o desafio de integrar outras componentes, que, aparentemente, tenderiam a aparecer apenas em escalões mais elevados, ao mesmo tempo que as devem combinar e empregar da forma mais eficaz, gerando assim um efeito superior ao que resulta do emprego de cada componente isoladamente.

Parece assim ser necessário preparar os comandantes dos baixos escalões para pensar em termos de efeitos a atingir com o emprego de força. Isto implica aprender a construir a força, para que a conjugação das valências que lhe foram atribuídas permita obter o efeito pretendido, em vez de querer "obrigar" a ameaça a ter um comportamento que se adapte à utilização padronizada da força.

Esta abordagem implica desenvolver nos jovens comandantes uma nova abordagem ao emprego tático dos diversos escalões. Implica reconfigurar uma nova "caixa" de pensamento para que, face a uma situação específica e não padronizada, possamos pensar fora dela e olhar para a uma nova configuração quanto à organização e emprego das capacidades, para nos adaptarmos aos novos desafios que o ambiente operacional coloca.

No caso da Brigada de Intervenção, esta escola está a ser desenvolvida, pelo que o incremento do intercâmbio entre os diversos encargos operacionais, com diferentes capacidades será um caminho a prosseguir.

Um outro ponto de reflexão é o próprio projeto PANDUR. A VBR PANDUR II 8x8 provou nas diversas situações de treino em que foi utilizada ser um sistema de armas com capacidades excecionais.

O processo de construção da capacidade está ainda numa fase de desenvolvimento, mas é já evidente que as críticas iniciais de que foi alvo foram claramente exageradas e eventualmente pouco fundamentadas. É nosso entendimento que a grande questão que se coloca não é a qualidade da VBR PANDUR II 8X8, mas sim a forma de estar à altura do desafio que este salto tecnológico representa quer em termos individuais, quer em termos de organização. No nosso caso, ficamos rendidos às PANDUR!

4. Considerações finais

A aplicação das linhas enquadrantes do conceito de treino da BrigInt parece claramente adequado à estruturação da fase treino de aprontamento genérico das suas unidades de manobra. Este deve ser apoiado nas lições aprendidas resultantes das boas práticas desenvolvidas e numa utilização parcimoniosa dos recursos. Com o desenvolvimento do quadro doutrinário adaptado às especificidades da BrigInt, estarão garantidas as condições para a regeneração e aprontamento de um encargo que se pretende motivado, coerente na articulação das suas capacidades e com elevada prontidão operacional.

A dupla experiência de aplicação do conceito de treino (regeneração e aprontamento do 1BI) provou ser possível aplicar todos os conceitos teóricos e doutrinários, desde que adaptados e traduzidos à realidade concreta. É, no entanto, necessário garantir três pré-condições básicas: (1) apoio externo, ao nível do comando da Brigada, (2) preparação técnico–tática e comprometimento, aos diversos escalões internos, (3) criação de condições materiais, pela utilização parcimoniosa dos recursos humanos e materiais.

Um conjunto de desafios se coloca aos comandantes. Manter a força focada nos objetivos, criar uma dinâmica adequada, gerir as naturais expectativas e envolver os diversos escalões, parece ser um dos vetores. Estabelecer prioridades, atenta a importância das tarefas (alegoria das pedras), gerir a atribuição / balanceamento de recursos e assumir / gerir o risco, será de importância similar.

A "gestão operacional " de todo o ciclo é indispensável. A aplicação do ciclo - planeamento, preparação, execução e avaliação, com a integração das lições aprendidas no processo - a cada tarefa /condição decisiva/ objetivo - é fundamental para obter as necessárias sinergias e integrar as boas práticas ao longo da própria execução.

No entanto, só é possível ter sucesso e materializar um conceito com um conjunto conscientemente motivado e profissional, que coloque o interesse coletivo à frente dos interesses e motivações pessoais. Foi este o grupo de militares bem preparados, motivados, empenhados e envolvidos num projeto que permitiram dar mais um forte impulso na construção da capacidade da força blindada de rodas, tendo por *"único móbil a honra e a d ignidade".*

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O APRONTAMENTO DO 2ºBI COMO FND E OS DESAFIOS DE PREPARAÇÃO DA NRF 2016

TCOR INF
FERNANDO GONÇALVES

Da missão do Regimento de Infantaria 14 (RI14), explanada no seu Quadro Orgânico (QO), aprovado em 22 de junho de 2006, consta " *Apronta um Batalhão de Infantaria"*.

O 2º Batalhão de Infantaria (2BI) da Brigada de Intervenção, como Unidade pertencente ao Elemento da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército, e sediado no RI14, tem participado em várias missões no âmbito da NATO e da ONU.

O 2BI, no seu QO aprovado em 05Ago09, apresenta uma missão generalista e abrangente, que reflete o caráter muito flexível e dinâmico do emprego do Batalhão que, de acordo com as possibilidades determinadas, se prepara para conduzir toda a tipologia de operações em todo o espetro de operações militares.

"O 2º Batalhão de Infantaria prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza".

É neste âmbito que o 2BI se tem constituído como FND e participado em missões internacionais nos seguintes períodos e Teatros de Operações:

- Bósnia-Herzegovina
  - 2000 – Agrupamento Conjunto ALFA/BLI/SFOR
  - 2002 – 2BI/BLI/SFOR

- Kosovo
  - 2005 – 2BI/BLI/KFOR
  - 2007/2008 – 2BI/BrigInt/KFOR
  - 2013/2014 – 2BI/BrigInt/KFOR

- Timor
  - 2001 – 2BI/BLI/UNTAET

A preparação destas forças, tiveram sempre como base o 2BI, embora com algumas alterações inerentes às Estruturas Orgânicas de Pessoal (EOP) aprovadas para cada FND.

Neste sentido, os documentos enquadrantes (respetivas diretivas do CEMGFA, CEME, CFT e de Brigada) são os documentos de referência e orientadores para que a unidade aprontadora comece a desenvolver todo o processo conducente à missão atribuída.

É nestes documentos que é referido a sua constituição, o material posto à disposição para o aprontamento e missão, e quais os objetivos ou seja, aquilo que a unidade deverá estar pronta e apta a desenvolver nos TO determinados.

É claro que o histórico de participação neste tipo de missões no seio do Exército (desde 1996) e no 2BI em particular, nos tem dado algum Know-How, e que de alguma forma tem auxiliado a unidade que tem esta tarefa em mãos.

No entanto, existem alguns aspetos que no meu entender são importantes para que as atividades de aprontamento e treino decorram normalmente e se atinjam os objetivos propostos.

- Os documentos enquadrantes, dos escalões superiores, devem ser conhecidos o mais breve possível, pois é com base neles que se consegue:

- Organizar a Força em termos de estrutura de pessoal.

- Completar o seu Estado-maior, fundamental para a produção de documentação necessária para o aprontamento e missão;

- Completar todas as subunidades e valências previstas, para que desde cedo e sem exceção (data de referência do início do aprontamento), se possam conhecer, uniformizar procedimentos e contribuir para o sucesso do aprontamento com vista a um desempenho o mais proficiente possível na missão;

- Organizar o plano de treino no tempo disponível;

- Garantir as formações necessárias, com a finalidade de facultar as competências necessárias aos militares que as necessitam para operar equipamentos e/ou funções específicas necessárias ao cumprimento da missão. Estas formações, quanto mais cedo se conseguirem efetuar, menos impacto têm no treino individual e coletivo e nas atividades da Força;

- Acautelar a quantidade e tipo de material, viaturas, equipamento e armamento que se irá encontrar em TO e que, os militares devem estar aptos a tirar o maior rendimento dos meios à disposição e a fazê-lo em segurança;

- Efetuar um aprontamento administrativo e sanitário, integrado nas restantes atividades.

- A experiência das unidades antecessoras;

- O conhecimento da atividade desenvolvida em TO pelas forças em missão;

- O reconhecimento ao TO, que se for em tempo oportuno, pode influenciar positivamente a condução das atividades de treino da força, introduzindo alterações oportunas e pertinentes de acordo com a realidade com que se vai deparar no TO.

Muitas destas questões estão explanadas nos vários relatórios produzidos pelas forças que passam por este processo

(relatórios de fim de aprontamento e de fim de missão) e que devem ser de conhecimento da força à qual foi determinado o cumprimento desta tarefa.

É claro que a o aprontamento e missão não se esgotam na condução das atividades de treino/operações propriamente ditas.

É de referir a importância da componente logística quer durante o aprontamento, quer durante a sustentação da força no período de tempo da missão além-fronteiras.

A componente logística, devido à escassez de meios e à sua grande diversidade, é de importância capital para que os militares tenham à sua disposição e em tempo oportuno tudo o que necessitam para que se possam atingir os objetivos propostos, e que durante a missão seja acautelado o reabastecimento e funcionamento normal do campo, quer para a condução das operações quer para o funcionamento da unidade incluindo o apoio no âmbito do moral e bem-estar do contingente.

da força de forma coerente, das quais se destacam:

- Documentos enquadrantes;
- Estrutura Orgânica de Pessoal;
- Origem dos militares para completar a força e qual a sua situação administrativa;
- Estrutura Orgânica de Material;
- Capacidades e possibilidades que a força deverá ser possuidora.

De referir a importância da componente Regimental, que deverá ter neste processo uma parte muito ativa, de aconselhamento e de estreito acompanhamento das atividades em todas as fases, procedimentos inerentes à sua condição como unidade aprontadora.

Para que isso seja uma realidade, não se deve exaurir a unidade aprontadora mas sim facultar-lhe os meio humanos, pre-

Os desafios para a NRF 2016, revelam ser de monta mais difícil, uma vez que para as FND, temos o histórico e a sua atividade em teatro para nos orientar, no caso daquela, pela sua dimensão, cerca de 600 elementos, e duração (períodos de certificação nacional e internacional e o estipulado como período de stand by), careceria de mais informação pertinente e essencial, uma vez que em termos de calendário quanto mais tarde se conhecer estas informações mais dificuldades podem surgir, criando algum atraso na organização

vistos em Quadro Orgânico, que permitam o seguir as atividades relacionadas com a NRF a par das relacionadas com a vivência normal do Regimento.

Sejam quais forem o tipo de forças a aprontar, quanto mais cedo se conhecerem todas as variáveis, mais cedo se começa a desenhar a sua estrutura, a produção de documentos necessários e a sua atividade, e mais probabilidades de sucesso (no aprontamento e missão) serão alcançadas.

O EMPREGO DO PCTact/BrigInt NO EXERCÍCIO "DRAGÃO 14"

MAJ INF
VARANDA PINTO

O Exercício "DRAGÃO 14" constituiu-se de vários desafios para o Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt), nomeadamente o operacionalizar do emprego do Posto de Comando Tático (PCTact) da Brigada.

1. O emprego do Posto de Comando Tático

O Comandante emprega o PCTact como uma extensão do Posto de Comando Principal (PCPrinc) para apoiar o controlo da execução de uma operação, ou de uma tarefa específica, por um período limitado de tempo. Para manter a continuidade do exercício do comando-missão, o PCTact pode localizar-se em qualquer ponto da Área de Operações (AOp) da Brigada, inclusive pode co localizar-se com um Posto de Comando (PC) de uma das Subunidades.

d. Atividade desenvolvida:

Durante o emprego do PCTact, foram efetuadas todas as atividades conducentes á condução da operação de defesa através do controlo desta operação e da monitorização da situação.

Para a condução desta atividade, foi estabelecida uma videoconferência (VTC) com o Centro de Operações Táticas (COT) do PCPric para atualização e avaliação da situação, utilizado o sistema SICCE e efetuada a troca de informação por voz e correio eletrónico;

2. Considerações Finais

A experiência vivida no Exercício DRAGÃO 14, ainda que reduzida no tempo, permite-nos afirmar que o Cmd da BrigInt está em condições de exercer o comando-missão através do emprego e atividade em simultâneo do PCPrinc e PCTact.

O PCTact, compreende um mínimo de pessoal e equipamento necessário para auxiliar o comandante na conduta das operações, dependendo da situação, é organizado com recurso a elementos selecionados do PCPrinc.

a. No Exercício DRAGÃO 14, ambicionou-se empregar o PCTact, para apoiar o controlo da operação decisiva da Brigada, na defesa da posição, contra um eventual ataque por Forças Inimigas, no país onde a BrigInt participava na condução de uma Operação de Imposição de Paz.

b. Pretendeu-se verificar a capacidade de, em simultâneo, os dois Postos de Comando, PCPrinc e PCTact, continuarem a desenvolver as tarefas inerentes à situação tática do momento, tendo sido testada a monitorização e controlo da operação decisiva através do PCTact.

c. Os meios humanos empregues foram constituídos com recurso a elementos da célula de Movimento e Manobra, Informações e Fogos, que foram apoiados em termos de meios materiais por 3 VBR PANDUR II 8x8 CPV.

O enorme salto tecnológico proporcionado pelas VBR PANDUR II 8x8 CPV, permite, sem limitações, implementar uma das componentes do comando-missão, a ciência do controlo, através do PCTact da BrigInt.

Este pequeno passo constitui-se, em nosso entender, num embrião, tendo em vista criar as condições para incrementar, consolidar e permitir num futuro próximo uma operacionalização alargada do exercício do comando-missão.

O EXERCÍCIO DRAGÃO 14 DA BRIGINT E AS FUNÇÕES DE COMBATE

MAJ ART
DIAS COSTA

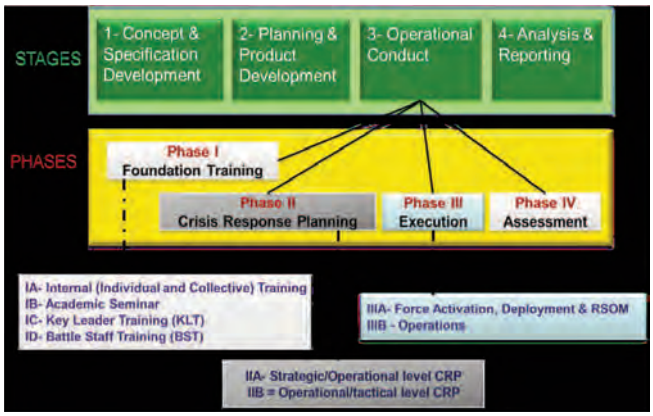
No âmbito do Treino Operacional da Brigada de Intervenção decorreu, de 07 a 16OUT14, o exercício DRAGÃO 14 na região de Moimenta da Beira. Este exercício materializa o fim do treino efetuado por todas as Unidades do ECOSF da BrigInt durante o ciclo de treino de 2014 e garante a validação da Força de Tarefa 1200 da Brigada.

Este é um exercício setorial de nível Brigada, sendo a audiência primária de treino o Comando e Estado-Maior da BrigInt, mas envolvendo todas as Unidades da Brigada, através de células de resposta, que se constituíram como audiência secundária de treino.

O exercício DRAGÃO 14 assumiu a forma de *Command Post Exercise (*CPX), do tipo Combined *Post Field Exercise* (CFX), tendo o Comando e Estado-Maior da BrigInt sido projetado para o Distrito de Moimenta da Beira, com o Posto de Comando Principal a ser montado em tendas e organizado por funções de combate.

PLANEAMENTO DO EXERCÍCIO

De acordo com a *Bi-SC Collective Training and Exercise Directive* 075-003, de 02Out13 da NATO, um exercício é composto por quatro etapas. Numa primeira etapa o *Officer Scheduling the Exercise* (OSE) define o conceito e especificações para o exercício; numa segunda etapa o *Officer Conducting the Exercise* (OCE) apresenta o plano e desenvolve os produtos necessários para a realização do exercício; a terceira etapa corresponde à conduta operacional e a última etapa à análise do exercício.



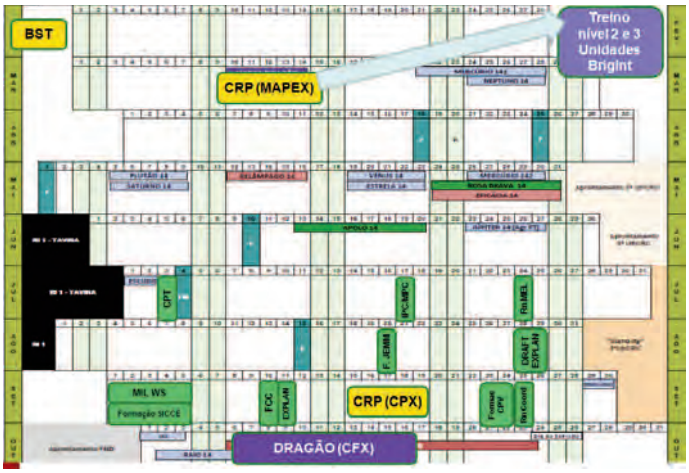
Assim, no que respeita à primeira etapa, é importante referir que o OSE (TGen CFT) definiu nas EXSPEC os seguintes Objetivos do Exercício:

- Treinar e avaliar a BrigInt na condução de operações;
- Treinar a capacidade CSI da BrigInt;
- Apoiar a CREVAL da CCS/BrigInt.

Com base nestes Objetivos, o OCE (Cmdt BrigInt) definiu na segunda etapa e através das EXPLAN os objetivos descritos em baixo:

- Treinar e avaliar os procedimentos inerentes ao Processo de Decisão Militar, no planeamento de operações de escalão Brigada;
- Treinar e avaliar a capacidade de planeamento, comando e controlo de operações táticas por parte do Cmd e EM da BrigInt, incluindo a projeção do PC Tático da BrigInt;
- Treinar os procedimentos de Cmd e EM, na condução de operações, nos escalões UEB e UEC independente;
- Exercitar o planeamento e a coordenação do Cmd e EM da BrigInt organizado por funções de combate;
- Treinar a capacidade do C2 com recurso ao SIC-T, incluindo a utilização do SICCE na área das operações e das informações;
- Garantir as condições necessárias à realização da CREVAL à CCS/BrigInt.

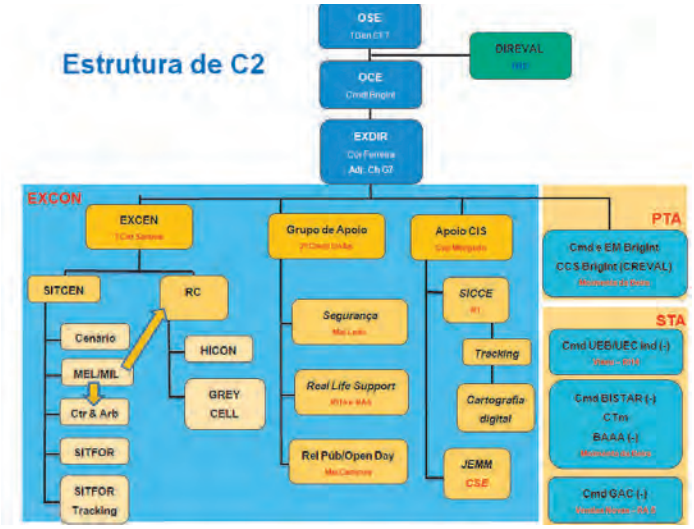
No que respeita à etapa da conduta operacional, esta é dividida em quatro fases, em que a Fase 1 corresponde ao treino base e poderá incluir atividades como treino individual e coletivo, seminários académicos, treino dos comandantes, ou treino do Estado-Maior. A Fase 2 é materializada pela realização de Planeamento de Resposta à Crise (Crisis Response Planning), a Fase 3 corresponde à execução propriamente dita e a Fase 4 à avaliação do exercício.



FASE 3 (EXECUÇÃO) DA ETAPA DA CONDUTA OPERACIONAL -ESTRUTURA DE CONTROLO DO EXERCÍCIO

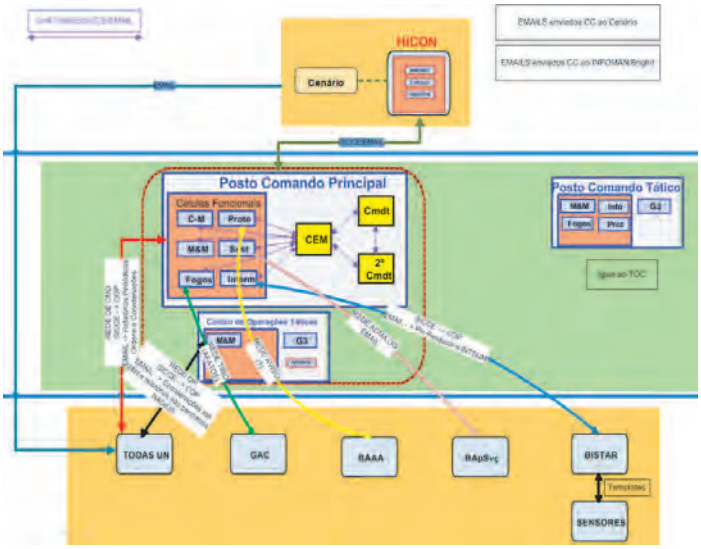
Quanto à estrutura de controlo do exercício (EXCON) e para permitir que o Comandante da Brigada concentrasse a sua atenção no âmbito da audiência primária de treino (da qual fazia parte), foi estabelecido como Diretor do exercício (EXDIR) o Comandante do RC6.

Do EXCON fazia parte um Centro do Exercício (EXCEN), que



juntou todas as atividades que permitiram materializar o cenário desenvolvido anteriormente, dando assim corpo às ações desenvolvidas como resposta pelas audiências de treino. Neste âmbito, o G7 da BrigInt elaborou as *Main Event List* (MEL), que serviram de base para o desenvolvimento das *Main Incident List* (MIL) por uma equipa de trabalho com base nas Unidades Regimentais da BrigInt.

Esta listagem de incidentes foi, durante o exercício, gerida por uma equipa de responsáveis pelo cenário, sendo que a maioria dos incidentes foram injetados junto das células de resposta das UEB e UEC Independente (audiência secundária de treino) que, através do fluxo de informação assente na plataforma do SICCE, obrigava a uma ação pelo Comando e Estado-Maior da Brigada (audiência primária de treino).



A estrutura do EXCEN materializou ainda as células de resposta do HICON e da GREYCELL, e também incluiu um grupo de Oficiais para o Controlo e Arbitragem, fundamentais para o acompanhamento das respostas por parte das audiências de treino.

Fazia ainda parte da estrutura do EXCON um Grupo de Apoio responsável pelas áreas da Segurança, do Real Life Support (RLS), das Relações Públicas e do Open Day, sendo de destacar a visita de delegações da Escola das Armas, do CFT, da Brigada Mecanizada e da Brigada de Reação Rápida com o intuito de partilha de conhecimentos no âmbito das Funções de Combate.

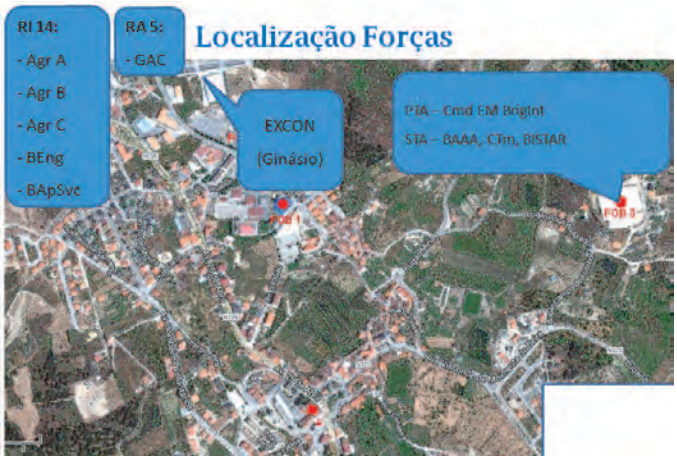
O EXCON foi completado com um Grupo de Apoio CIS, foi fundamental na coordenação da implementação do SICCE na área das operações e das informações, plataforma que se revelou fundamental para exercitar o comando e controlo da Brigada.

No âmbito do SIC-T realça-se ainda o excelente trabalho desenvolvido pela CTm, que disponibilizou um conjunto de serviços que muito auxiliaram o C2, sendo de destacar, além do SICCE, as funcionalidades Voz, o Email, um Portal colaborativo, Chat e VTC.

Destacam-se também os testes feitos com sucesso total na implementação do Tracking das Viaturas PANDUR, que permitiu ao Cmd EM acompanhar a projeção do PC Tático em tempo real e através das plataformas SICCE no PC Principal.

FASE 3 (EXECUÇÃO) DA ETAPA DA CONDUTA OPERACIONAL -AUDIÊNCIAS DE TREINO

No que respeita às audiências de treino durante a Fase 3 (exe-

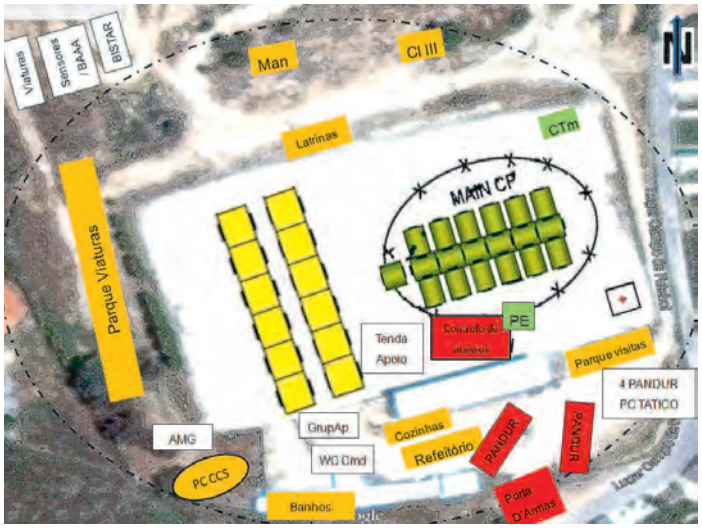


cução) da etapa da conduta operacional, refere-se que o exercício DRAGÃO 14 foi conduzido pela Brigada de Intervenção, nas seguintes modalidades:

- *Command Post Field Exercise* (CFX) para o Comando e Estado-Maior da BrigInt que, com recurso a augmentees dos seus Regimentos, constituiu a Audiência Primária de Treino *(Primary Training Aud ience – PTA)* e foi projetado para Moimenta da Beira.

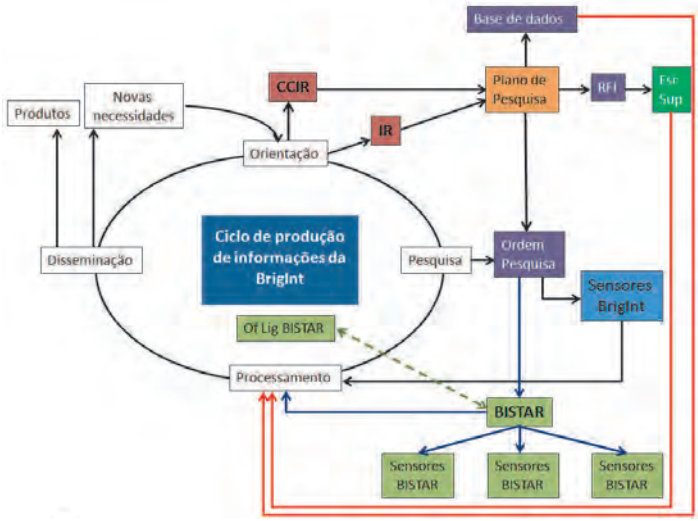
- *Command Post Exercise* (CPX), em que as UEB e UEC Independente, da Estrutura Operacional da BrigInt, constituíram em célula de resposta a Audiência Secundária de Treino *(Secondary Training Aud ience – STA)*, ficando instaladas no Regimento de Infantaria 14 em Viseu e no Regimento de Artilharia 5 em Vendas Novas.

- *Field Training Exercise (FTX)* para a CCS/BrigInt, no âmbito da realização de uma CREVAL e inserido no plano



anual de inspeções do Exército para 2014, conduzida pela IGE, responsável pela montagem e manutenção da área do PC Principal em Moimenta da Beira.

O exercício DRAGÃO 14 permitiu ainda exercitar outras forças atribuídas de reforço à BrigInt, de acordo com a missão e QO aprovados, nomeadamente o Batalhão ISTAR. Esta



situação constituiu uma mais-valia para o trabalho desenvolvido na área das informações da Brigada, com a integração no ciclo de produção de informações da Brigada a ser facilitada com a presença em permanência no PC Principal de um Oficial de ligação do Batalhão ISTAR.~

Para enquadrar o treino foi desenvolvido ainda durante a fase de planeamento um cenário a partir do Cenário # 02 (AMARIL) da PDE 2-20-00, com as adaptações necessárias que permitissem a consecução dos objetivos propostos, nomeadamente:

- Criar as condições de treino, no âmbito da sua missão primária, a todos os ECOSF designados como Audiência de Treino;

- Utilizar um cenário flexível, adaptável às regiões geográficas onde decorreu o treino dos baixos escalões;

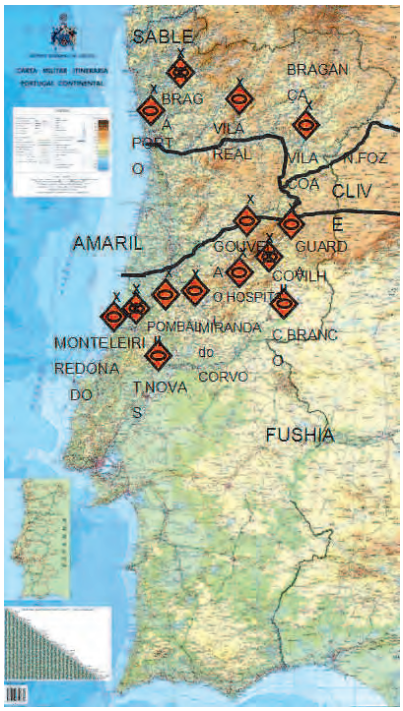
- Possibilitar o treino abrangente que permitisse o planeamento e execução de tarefas críticas aplicáveis em combate;
- Combinar, de forma simultânea, a capacidade de execução de operações em todo o espetro da conflitualidade;

- Integrar de forma plausível as ameaças de terrorismo e de IED;

O cenário criado teve como base os países de FUSHIA e SABLE, duas potências regionais separadas por um estado tampão, AMARIL que, apesar de ter pouco armamento, tira proveito da presença militar de FUSHIA ao abrigo de acordos de defesa entre os dois países. SABLE e FUSHIA são rivais ideológicos na luta pela influência regional. Isto levou a um conflito entre os dois países envolvendo forças militares e paramilitares (Milícia MARRON, Grupos GRIS) no território de AMARIL.

Face à degradação da situação humanitária e de segurança em AMARIL, assim como em FUSHIA, o Conselho de Se-

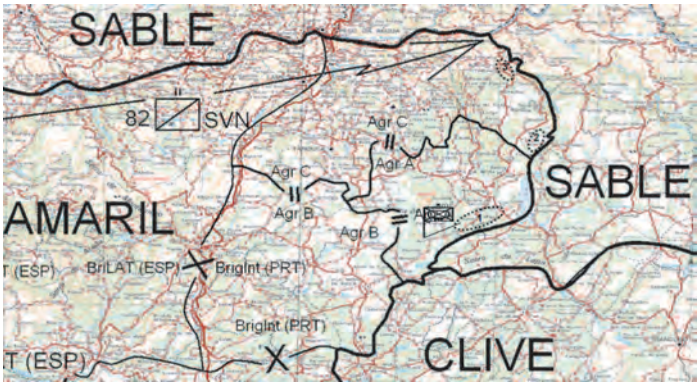
gurança da ONU votou unanimemente uma resolução para enviar uma força multinacional aceite pelos três países, tendo sido implementado um Mandato que confere a essa força de Imposição de Paz (AFOR), ao abrigo do capítulo VII, a competência e responsabilidade de garantir a cessação de todas as ações militares dentro de AMARIL.



Durante o exercício DRAGÃO 14, a área geográfica de AMARIL foi "transportada" para o Norte de Portugal, especificamente para a região de Moimenta da Beira;

Desta forma, o cenário criado permitiu, numa primeira fase, treinar as tarefas características de operações non article 5 *Crisis Response Operations* (CRO), situação explorada durante o CPX do DRAGÃO 14.

Numa segunda fase, e já durante o CFX em Moimenta da Beira, o cenário evoluiu, com a possibilidade de forças de SABLE tentarem algumas atividades de deceção ou demonstrações de força, como teste às capacidades e determinação da AFOR, o que levou à necessidade de aumentar



os níveis de vigilância e pesquisa, em particular nas regiões fronteiriças, de forma evitar a passagem de elementos dos Grupos GRIS para SABLE, assim como eventuais forças de operações especiais de SABLE, para o interior de AMARIL, com a finalidade de identificar possíveis santuários ou locais de abrigo daqueles grupos.

Foram ainda incrementados os reconhecimentos aéreos, nas regiões fronteiriças, a fim de identificar os principais itinerários/eixos de progressão, bem como reconhecidas possíveis posições de detenção, ao longo da fronteira, que barrassem os principais itinerários de acesso de SABLE para AMARIL, assim como planos de obstáculos, para dissuadir uma eventual ofensiva por parte de SABLE, situação que viria a verificar-se, ainda que de forma limitada.

Composição e Articulação das Forças

Agr A	**Agr C**	**Tropas da Brig**
1BI (-)	GAM (-)	2/1BI
1/GAM	1/2BI	BtrAAA (A/C) (-)
1/CEng	ERec	CTm
1/2/BtrAAA (A/D)	1/2CEng A/G	CCS
Agr B	**BEng**	**BApSvc**
2BI (-)		
2/GAM	**GAC**	
2/CEng		
	BISTAR	

Assim, esta degradação da situação respeitante ao cenário permitiu treinar, ao nível do Comando e Estado-Maior da Brigada e das suas UEB e UEC Independente, um conjunto de tarefas específicas das Operações Defensivas.

Para isso, tinham sido elaborados durante o MAPEX o OPLAN da BrigInt "*DECISIVE FIST*" e um Plano de Contingência "*BORDER CUFF*" que foram posteriormente aplicados, respetivamente, durante as fases de CPX e CFX do exercício DRAGÃO 14.

FUNÇÕES DE COMBATE

No exercício DRAGÃO 14, o Comando e Estado-Maior da Brigada de Intervenção adotou, em Moimenta da Beira, uma organização por funções de combate. Importa, no entanto, relembrar que este processo não aparece como um ato isolado, mas sim como o corolário de um conjunto de atividades desenvolvidas ao longo do ano, nomeadamente:

- Seminário académico sobre Funções de Combate ministrado pelo IESM;
- BST realizado em janeiro, com o Estado-Maior da BrigInt a ensaiar uma primeira abordagem a esta organização;
- MAPEX em março, com o EM organizado em funções de combate a planear a operação que iria desenvolver durante o exercício em novembro;
- CPX em outubro, com o Estado-Maior da BrigInt, já com os augmentees, também organizado por funções de combate.

Assim, e tendo como referência o QO 24.0.10 de julho de 2010 da BrigInt, o Posto de Comando da Brigada de Intervenção foi projetado para a região de Moimenta da Beira, tendo-se organizado no decorrer do exercício em três tipos de posto de comando (principal, tático e grupo de comando), de acordo com a situação tática.

O posto de comando principal (PC Principal) foi montado em tendas para ensaiar uma estrutura passível de ser totalmente projetável, sendo constituído pela maioria dos militares da Brigada, constituindo assim a estrutura de maior di-

mensão e com menor mobilidade, e que incluía representantes de todas as células de planeamento, bem como os sistemas de informação, comando, controlo e comunicações.

Numa lógica de integração funcional, o PC Principal da

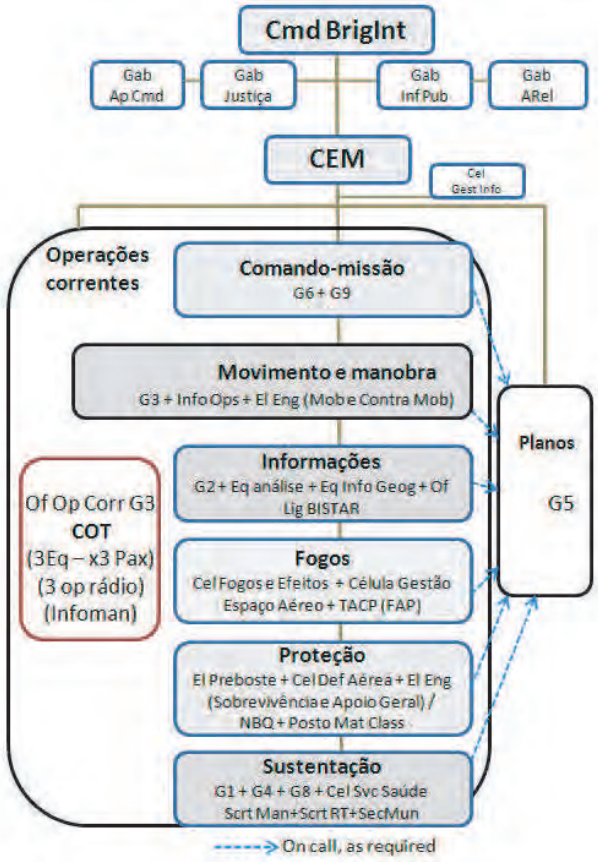
BrigInt estava assim organizado por funções de Combate com base em seis células funcionais: Comando-missão; Movimento e Manobra; Informações; Fogos; Proteção; Apoio de Serviços.

A Função de Combate "comando-missão" desenvolveu e integrou todas as atividades que garantiram ao Comandante um equilíbrio adequado entre a arte do comando e a ciência do controlo. Nesse sentido, esta função de combate incluiu o G6, o G9, o Gabinete de Assessoria Jurídica, o Gabinete de Apoio ao Comando e a Equipa de Gestão da Informação (que funcionava em permanência junto do Centro de Operações Táticas - COT). Apesar de fazerem parte da mesma célula, não existia nenhuma dependência hierárquica entre os seus elementos. O CEM, estava co-localizado junto dela, garantindo assim uma maior interligação entre o Comandante e as restantes células funcionais.

A função de combate "movimento e manobra" relacionou as tarefas e os sistemas responsáveis por movimentarem e empregarem as forças na área de operações, destacando-se naturalmente as unidades de manobra da Brigada, mas também fazendo a integração das outras forças existentes, como por exemplo as Unidades de Engenharia empregues no âmbito da mobilidade e contra-mobilidade. Assim, esta célula era composta pelo G3 (chefe da célula), o Oficial de Atividades de Informação e Influência e o Elemento de Engenharia responsável pela área de Mobilidade e Contra-Mobilidade.

Na dependência desta célula estava também o COT, que garantiu ao PC Principal uma capacidade de funcionamento ininterrupta. Para isso, era chefiado pelo Oficial de Operações Correntes e constituído por três equipas de Watch Keepers, que funcionavam por turnos e eram compostas por um Oficial, um Sargento e um Operador de rádio. De referir que o COT poderia ser reforçado, se a situação assim o exigisse, por elementos de qualquer uma das células funcionais ou por oficiais de ligação das forças. Junto do COT funcionou também a equipa de Gestão da Informação, que permitiu uma maior coordenação e eficiência na gestão da informação no seio do Estado-Maior da Brigada.

A função de combate "informações" integrou todas as tarefas e sistemas que permitiram compreender o ambiente operacional, tendo sido fundamental na sincronização do emprego tático da pesquisa, da vigilância e do reconhecimento. Esta célula era composta pelo G2 (chefe da célula), por uma Equipa de análise, pelo Oficial de ligação ao Batalhão ISTAR e pela Equipa de Informação Geográfica. Destaca-se aqui a mais-valia de o Batalhão ISTAR ter participado no exercício como uma das UEB da Brigada especificamente dedicadas a esta área.

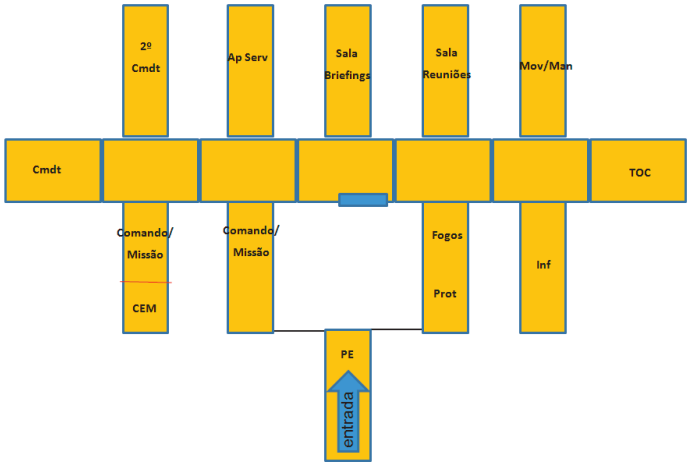


De igual forma, refere-se a importância da Equipa de Informação Geográfica para um Comando de Brigada, e em particular a sua capacidade de apoiar a atividade das informações.

A função de combate "fogos" foi responsável pela coordenação do emprego dos fogos indiretos, através do processo de targeting, incluindo a aquisição (deteção, identificação e localização de alvos), a discriminação (seleção de um alvo específico) e o empenhamento (aplicação de um sistema de armas). Esta célula era composta pela Equipa de Apoio de Fogos (chefe da célula), pelo Oficial de Apoio Aéreo e pelo TACP (que não chegou a ser jogado).

A função de combate "proteção" visou minimizar a vulnerabilidade da Brigada às ações das ameaças e dos perigos, contribuindo assim para o sucesso da missão. Abrangeu as áreas da defesa aérea, da sobrevivência, das operações de de-

Organização PC Principal/BrigInt - CFX



fesa NBQR e da avaliação e gestão do risco, sendo composta pelo Elemento Preboste (chefe da célula), pela equipa da Defesa Aérea, pelo Elemento de Engenharia responsável pela sobrevivência e pelo apoio geral (que acumulava funções NBQR).

A função "apoio de serviços" incluiu as seguintes áreas de atividade principais: logística (manutenção, transporte, reabastecimento e serviços), pessoal (gestão de recursos humanos e financeiros e apoio legal) e o apoio sanitário (evacuação, hospitalização e logística). Desta célula faziam parte o G1, o G4 (chefe da célula), o G8, o Elemento Sanitário. Neste exercício optou-se também por co-localizar junto desta célula a Secretaria de Manutenção, a Secretaria de Reabastecimentos e Transportes e a Secção de Munições.

Numa lógica de integração temporal das várias células funcionais descritas anteriormente, o PC Principal estava organizado em "Operações Correntes" e em "Planos" (sendo que a integração temporal em "Operações Futuras" apenas acontece nos níveis de Divisão e superiores).

Assim, a integração do trabalho realizado pelas várias células funcionais do PC Principal num horizonte de planeamento que poderia variar entre horas, dias ou semanas, era feita pela célula funcional "Movimento e Manobra" (neste âmbito, de referir que as atividades inferiores a 24h eram integradas ao nível do COT, libertando os restantes elementos do "Movimento e Manobra" para fazer a integração no horizonte temporal de dias ou semanas).

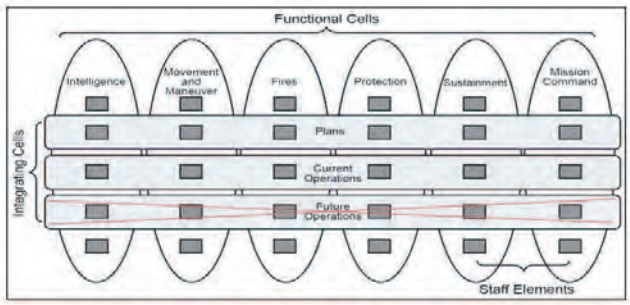
Por outro lado, a integração feita com vista a um horizonte de planeamento mais alongado seria feita no âmbito dos "Planos", com o G5, reforçado pelas outras células funcionais mediante a necessidade, a ter a responsabilidade de integrar este planeamento (na realidade, durante o exercício DRAGÃO, optou-se por não trabalhar a área da integração no âmbito dos "Planos").

PC Tático BrigInt VBR CPV

Quanto ao posto de comando tático (PC Tático), sendo uma estrutura completamente móvel e assente nas viaturas CPV PANDUR, foi destacado do posto de comando principal durante o desenrolar da operação e estabelecido por um período de tempo limitado para controlar os aspetos críticos considerados fundamentais pelo Comandante da BrigInt.

De realçar que no PC Tático da BrigInt assente nas viaturas CPV PANDUR estão disponíveis, de forma autónoma, quase todos os serviços que existem no PC Principal, nomeadamente SICCE, Voz, Email, Portal colaborativo, Chat e Tracking, o que permite ao Comando da Brigada uma grande capacidade de C2.

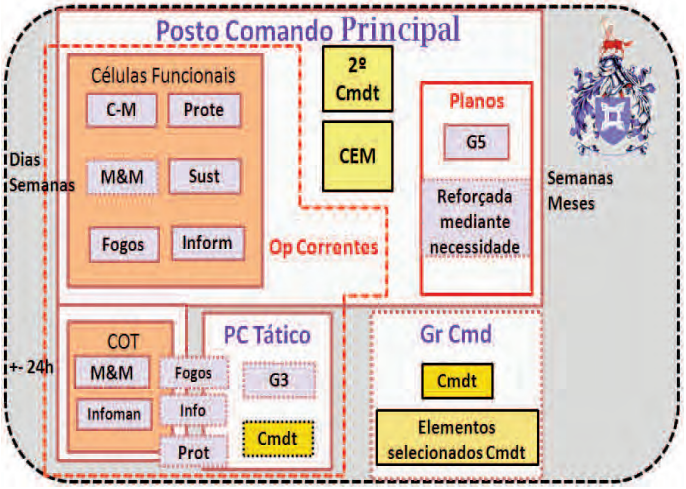
Funcional & Integrating Cells



- Functional cells group personnel and equipment by warfighting function.
- Integrating cells group personnel and equipment by planning horizon.

(ATTP 5-0.1 Commander and Staff Officer Guide - 2011)

Células Func & Integradoras BrigInt



Quanto à VTC, muito embora tivesse sido utilizada durante a projeção do PC Tático, a disponibilização deste serviço já implica a existência de uma viatura SIC-T para apoio do PC Tático.

Em relação ao Grupo de Comando, consistiu num conjunto de militares selecionados pelo Comandante que o apoiavam no controlo da operação em curso, tendo sido também projetado para junto do PC Tático .

CONCLUSÃO

O exercício DRAGÃO 14 constituiu uma excelente oportunidade para colocar em prática um conjunto de atividades no âmbito do treino operacional da Brigada de Intervenção.

Desde logo, porque o Exercício DRAGÃO 14 não se limitou apenas à fase da condução operacional, tendo envolvido um conjunto de atividades diversificadas que a antecederam e que permitiram uma melhoria significativa do resultado final. Aqui destaca-se o Seminário das Funções de Combate, o BST, o MAPEX, a formação em SICCE e o CPX.

Também é de realçar a possibilidade de validar a organização, orientada para campanha, do Comando e Estado-Maior da BrigInt por Funções de Combate, sendo de destacar a mais-valia para a interligação das diversas áreas funcionais, bem como a sua integração tendo em vista diferentes horizontes de planeamento temporal, com ganhos de eficiência consideráveis.

Quanto ao cenário do exercício, a sua flexibilidade e atualidade, permitiram, com sucesso, treinar os procedimentos inerentes ao Processo de Decisão Militar, no planeamento de operações de escalão Brigada, bem como a capacidade de planeamento, comando e controlo de operações táticas por parte do Cmd e EM da BrigInt, incluindo a projeção do PC Tático da BrigInt.

Também é de realçar o treino da capacidade do C2 pela utilização dos diversos serviços disponibilizados numa plataforma segura com recurso ao SIC-T, do qual se destaca a utilização do SICCE na área das operações e das informações, que se revelou uma excelente plataforma por permitir, em tempo real, o acesso a um conjunto de informações fundamentais para o Comando e Controlo.

Como corolário, podemos afirmar que o exercício DRAGÃO 14 contribuiu para a divulgação e projeção da imagem do Exército na sociedade civil, tendo-se a atividade da BrigInt durante este exercício enquadrado no âmbito do treino operacional, desenvolvido num cenário de Operações de Apoio à Paz no exterior do Território Nacional, decorrente das necessidades de treino operacional para garantir a prontidão das Forças Nacionais.

A GESTÃO DO CONHECIMENTO/INFORMAÇÃO NO APOIO DO COMANDO MISSÃO NO EXERCÍCIO DRAGÃO 14

MAJ ENGº TMS MORGADO

Introdução

A expressão "Informação é Poder" é, na atualidade uma afirmação que se aplica na plenitude, pelo facto do ativo – informação ser um dos motores da atividade das organizações.

O ritmo acelerado de mudança dos contextos organizacionais e o desenvolvimento tecnológico fazem com que as organizações, independentemente da sua dimensão, da sua natureza ou mesmo atividade necessitem deste ativo para poderem executar e continuar a sua missão e cumprir com os seus objetivos.

Atualmente os maiores desafios que as organizações se deparam focam-se na conversão do conhecimento dos seus colaboradores em conhecimento organizacional e na transformação em conhecimento estratégico das informações recolhidas pela monitorização do ambiente competitivo dos seus concorrentes.

A crescente predominância do bem essencial informação na geração de valor das organizações, obriga ao desenvolvimento de uma capacidade de adaptação continua centrada numa estratégia de gestão do conhecimento ativa, eficaz e eficiente suportada pela implementação de fluxos de informação necessários ao apoio da tomada de decisão com recurso a infraestruturas de suporte baseados em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).O presente texto, aborda a Gestão do Conhecimento (GC) ao nível do escalão Brigada. Explica como é que a GC contribui para a função de combate comando missão e apresenta o caminho seguido para a implementação da GC no exercício DRAGÃO14.

Gestão do Conhecimento ao nível Brigada

A GC é um processo que permite o fluxo do conhecimento de modo a melhorar a compreensão e a avaliação da situação por forma a sustentar as tomadas de decisão. Em suma, GC contribui para um comando missão mais eficaz e eficiente.

O objetivo da GC é criar um ambiente de perceção e avaliação da situação através do alinhamento dos quatro componentes fundamentais da GC (Pessoas, Processos, Ferramentas e Organização - Estrutura Organizacional) para aumentar a colaboração e interação entre os decisores e subordinados, resultando em melhores decisões, aumentando a flexibilidade, adaptabilidade, integração e sincronização de modo a atingir uma posição de superioridade e de vantagem.

A GC ao nível de Brigada é muito mais abrangente que o simples melhoramento na utilização das TIC.

A sua aplicação requer uma visão sistemática mais profunda de modo a envolver e formar as pessoas mais adequadas, rever o processo pelo qual a informação é partilhada, ajustar e adequar a estrutura organizacional, e adaptar as ferramentas de trabalho que usamos para visualizarmos a *Common Operation Picture* (COP) e de colaboração entre todos os utilizadores.

Figura 1 – Componentes da GC

A transformação do conhecimento tácito em explícito é muito importante para a GC em unidades escalão Brigada. De acordo com a referência doutrinaria americana FM 6-01.1, o conhecimento tácito é a forma de conhecimento pertencente a cada pessoa, adquirido através de experiencias ao longo da vida como seja em situações de trabalho ou de sociabilização.

Este conhecimento por ser proprietário de cada individuo não é mensurável, é de difícil documentação em textos ou de ser explicado a outras pessoas e, por isso mesmo, é muito valioso para as organizações modernas que tem no capital humano o seu maior património.Por outro lado, o conhecimento explícito é aquele que está documentado e escrito em livros, manuais, etc, cuja informação pode ser organizada, transferida e utilizada.

O Apoio da Gestão do Conhecimento ao Comando Missão

A função de combate comando missão e gestão do conhecimento, bem como gestão da informação estão intimamente relacionadas.

A gestão da informação contribui fortemente para o desenvolvimento e administração do conhecimento e este através da GC contribui para a avaliação da situação que suporta as tomadas de decisão conducentes ao exercício do comando missão.

O comando missão estabelece uma filosofia de pensamento e de sintonia entre os decisores de que a melhor avaliação e perceção da situação corrente flui no sentido de baixo para cima e não ao contrário.

A fundamentação desta abordagem reside no conhecimento tácito dos indivíduos que contactam diariamente com as experiencias vivenciadas nas operações em condições e circunstancias muito especificas.

A GC pretende alinhar as pessoas, os processos e as ferramentas no seio da estrutura organizacional de modo a tornar o conhecimento tácito e explicito disponível para todos os que precisarem dele.

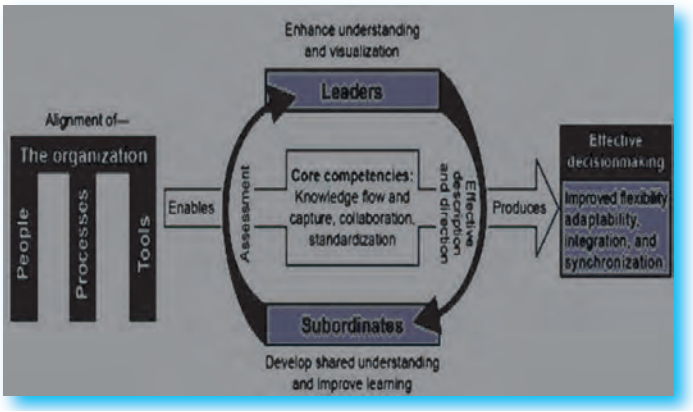


Figura 2 – O Apoio da Gestão de Conhecimento na Tomada de Decisão [Fonte: FM 6-01.1]

Através do alinhamento da organização, os comandantes conseguem visualizar e compreender melhor as variáveis operacionais e de missão, bem como o ambiente operacional único rodeado de influências e circunstâncias que ajudam a clarificar o significado da situação de modo a permitir vislumbrar um conjunto de condições que representam o estado final desejado da operação.A figura 2 esquematiza o processo de apoio da GC à melhoria da tomada de decisão e consequentemente ao comando missão.

Gestão do Conhecimento no Exercício DRAGÃO 14

A metodologia aplicada nos trabalhos conducentes á implementação da GC no exercício DRAGÃO 14, serviu para identificar lacunas na partilha e difusão de informação, e visualizar tendências e boas práticas a utilizar na GC para criar um ambiente colaborativo com incremento positivo ao nível da produtividade e qualidade do trabalho. Os trabalhos incidiram essencialmente nos seguintes componentes da GC: Pessoas, Processos, Ferramentas e Organização.

Organização – A implementação do Posto de Comando (PC) por funções de combate levantou um desafio bastante interessante, sendo necessário encontrar e agrupar todas as áreas por afinidade. A localização da célula de Gestão da Informação foi um aspeto importante e tido em consideração de modo a extrair os melhores contributos desta área. Concluise e verificou-se que o melhor posicionamento é no Posto de Comando Tático.

Pessoas – Inicialmente foi necessário transmitir e sensibilizar os utilizadores para esta temática. Considerou-se que é fundamental a criação da função de gestão da informação como ferramenta crucial para gerir e manter toda a informação do PC da Brigada. Foram alocados os recursos humanos necessários para operar em períodos de 7D/24H em dedicação exclusiva e não como acumulação de funções em simultâneo.

Processos – O desenvolvimento do processo dos fluxos de informação obrigou a uma análise criteriosa e cuidada da forma como seria mais eficiente a circulação da informação, tendo em atenção os vários pontos de entrada e os vários tipos de informação existente, bem como, evitar a duplicação da informação a circular entre os utilizadores do PC.

Ferramentas – As ferramentas constitui-se como um factor crucial na GC em virtude se serem elas a permitir, facilitar e disponibilizar o resultado final esperado. No contexto do exercício DRAGÃO 14, as ferramentas de eleição da GC foram o portal de informação sharepoint, o SICCE disponibilizando a COP em tempo quase real e o correio eletrónico. Estas são as ferramentas mínimas, contudo com a afirmação da função GC é fundamental a implementação de mais e novas ferramentas que facilitem o exercício do comando missão.

Conclusões

A gestão do conhecimento é uma função bastante importante, mas para serem úteis às organizações é necessário conhecer os seus fundamentos e objetivos. Um dos ativos mais valiosos das organizações, o conhecimento, reside apenas na mente dos seus colaboradores.

A GC tem como um dos seus objetivos finais a otimização da transferência desse conhecimento para outros profissionais, cabendo às organizações facilitar, criar e incentivar esse fluxo de conhecimento.

No exercício DRAGÃO 14 foi dado um passo importante nesta área reconhecendo as mais-valias desta função que contribui para o comando missão mais eficaz e eficiente, mas também, identificando que a sua revelação e aceitação é um processo lento e demorado havendo a necessidade de conquistar as mentes de todos os colaboradores.

É necessário, em coordenação com todo o EM, incluir a GC em todos os processos de planeamento operacional desenvolvendo uma filosofia efetiva e integradora da GC nas atividades da Brigada. Denotou-se no decorrer do exercício que a atividade da GC ia pouco além da simples gestão e monitorização dos fluxos de informação. Considera-se, nesta fase, ser normal mas mesmo assim positivo.

No entanto é imperioso identificar as suas áreas de atuação, avançando para a gestão documental, análise de relatórios, compilação, partilha e transferência do saber na Brigada de modo a criar uma cultura de conhecimento no seio da Brigada de Intervenção para constituir memória futura.

Referências

FM 6-01.1 – Knowledge Management Operations, 2012;
Creating a knowledge Management Strategy, Col Lepak J.J., 2009.

EXERCÍCIO ""VULCANO 14"

O Exercício de fogos reais "VULCANO 14" realizou-se no período de 10 a 14 de Novembro de 2014 no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), tendo contado com a participação do 1BI, do 2BI, do GAM e da CEng da BrigInt.

Pela Diretiva nº09/BrigInt/14, o 1BI constituiu-se como a Entidade Primariamente Responsável da BrigInt para esta atividade, planeando e coordenando com os POC responsáveis do Cmd/BrigInt, 2BI, GAM e CEng, todos os aspetos do exercício.

O Exercício VULCANO 14 teve por finalidade:

- Colocar em prática a formação e o treino ministrados;
- Executar tiro real com todas as armas orgânicas, garantindo que os Militares fiquem aptos a proceder, individual e coletivamente, de acordo com a situação e ameaça com que possam vir a ser confrontados, fazendo a correta utilização do armamento e do equipamento ao seu dispor;
- Testar o grau de operacionalidade do armamento.

De acordo com as funções orgânicas, o Plano de Tiro do Exército e o crédito de munições atribuídas, o exercício teve como objetivos:

- Realizar as tabelas de tiro propostas para estabelecer níveis de eficácia;
- Adquirir o ritmo de tiro, aumentar a experiência e consolidar a confiança;
- Reavivar e desenvolver ações táticas convencionais que poderão ocorrer no quadro de uma missão de paz utilizando o armamento, nomeadamente, Preparar para o Combate e Fogo e Movimento.

Após a fase de planeamento e de coordenação das atividades, seguiu-se a preparação de todos os meios necessários para a realização do exercício, tanto no âmbito da execução do tiro e dos rebentamentos, como no âmbito do apoio logístico.

Após a preparação dos meios necessários, as unidades participantes projetaram as suas forças nos dias 09 e 10 de Novembro para o quartel da Pucariça, no CMSM, onde ficaram instaladas.

Chegadas ao CMSM e decorridas as necessárias coordenações relativamente à utilização das infraestruturas de treino, carreiras de tiro e respetivos apoios, a par dos respetivos reconhecimentos pelas unidades executantes, as unidades participantes desenvolveram os programas de tiro e de rebentamentos definidos e de acordo com os respetivos objetivos de treino.

Assim, em 11Nov14, a CEng e o 1BI, realizaram o rebentamento de cargas. A CEng realizou rebentamentos, articulados em atividades no âmbito da mobilidade e da contra-mobilidade.

EM 12Nov14, os apontadores de metralhadora ligeira (HK21 e MG42) das SecAt do 1BI e do 2BI realizaram tiro, ao mesmo tempo que os atiradores granadeiros realizavam o lançamento de granadas com recurso ao lança granadas HK-79 e efetuando-se também o lançamento de granadas de mão ofensivas.

Surgindo o exercício "VULCANO 14" após o exercício "JUPITER 14", onde o 1BI se constituiu como Unidade de Manobra da FT1200, procurou-se com a realização deste exercício de fogos reais "transpor" a situação tática exercitada em Moimenta da Beira, naquilo que foi física e taticamente possível, para o CMSM.

Desta forma, em 13Nov14, realizaram-se fogos indiretos em resposta a pedidos de apoio de fogos das unidades de manobra, integrados e articulados pelo PC Tat do 1BI.

Assim, ao longo deste dia foi possível realizar fogo (com metralhadora pesada Browning 12,7mm) e movimento (com 04 VBR PANDUR II 8x8 *Infantry Carrier Vehicle* – ICV) com os PelAt PANDUR (do 1BI e do 2BI), ao mesmo tempo que eram executados fogos (com morteiros pesados 120mm) pelos Pel-MortP (do 1BI, 2BI e FT1200).

Neste dia, foi ainda possível realizar tiro com a AM V150 (através da peça de 90mm e das metralhadoras ligeiras M60D e M60E) e em VBR PANDUR II 8x8 ICV (através da metralhadora pesada Browning 12,7mm) (pelo EAM do GAM), tiro com o SLM MILAN (pelo PelACar do 1BI), tiro com metralhadora externa FN MAG 7,62mm em VBR PANDUR II 8x8 *Revovery Vehicle* (pelo 1BI e 2BI), tiro com metralhadora pesada Browning 12,7mm (pelo 1BI e 2BI) e metralhadora ligeira HK-21 7,62mm em tripé (apenas pelo 1BI).

Tendo também sido superiormente fixado como objetivo para este exercício, testar parte do sistema de proteção da VBR PANDUR II 8x8 ICV, particularmente o seu sistema de lançamento de potes de fumo, que pode ocorrer à ordem do Cmdt SecAt/PelAt PANDUR ou de forma automática, se estiver instalado e ativado o *Threat Detection System* (TDS), foi realizado, ainda durante este dia, o lançamento de potes de fumo a partir da VBR PANDUR II 8x8 ICV (pelo 1BI e 2BI).

Releva-se que no decurso do dia

13Nov14 estiveram a observar os fogos reais, o Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, MGen Aguiar Santos, o 2ºComandante da BrigInt, os Comandantes do RI 13, RI14 e RC 6, bem como uma delegação de Oficiais do Estado-Maior da BrigInt.

Após realizarem os seus programas de tiro e de rebentamentos, as unidades retraíram de forma autónoma do quartel da Pucariça no CMSM para as suas unidades de origem durante os dias 12 (CEng) e 14 de Novembro (1BI, 2BI e GAM).

Participaram neste Exercício os seguintes efetivos

Unidades	Oficiais	Sargentos	Praças	Total
1BI/RI13	19	30	129	178
2BI/RI14	9	20	89	118
GAM/RC6	3	9	16	28
CEng/RE3	3	6	12	21
				345

Foram empregues no Exercício, as seguintes viaturas:

Unidades	PANDUR ICV	PANDUR RV	V150	Viat Lig	Viat Med	Viat Pes
1BI/RI13	3			4	6	9
2BI/RI14		2		3	3	4
GAM/RC6		1	3	2	1	
CEng/RE3				2		2

Na perspetiva do 1BI e enquanto EPR por este exercício de fogos reais, não poderá deixar de ser constatado que este exercício representou simultaneamente um desafio e uma excelente oportunidade para o 1BI.

Um desafio pelas inúmeras coordenações a desenvolver num exercício desta natureza, tanto na fase de planeamento como na fase de execução, tanto com o Comando e EM da BrigInt como com os ECOSF da BrigInt que participaram no exercício, bem como uma oportunidade, no sentido em que permitiu dar sequência e continuidade ao treino desenvolvido no âmbito do aprontamento do 1BI enquanto Unidade de Manobra da FT1200.

Com este exercício foi possível integrar parte dos elementos da FT1200 na execução de fogos (e rebentamentos) com movimento e manobra, considerando-se este exercício o culminar do processo de aprontamento do 1BI enquanto Unidade de Manobra da FT1200, ao mesmo tempo que se considera este exercício um patamar importante que se alcançou nesse mesmo processo de aprontamento, representando uma ancoragem e um ponto de referência permanente para continuar a edificação de uma força motivada, coerente, pronta e capaz.

EXERCÍCIO "NEPTUNO 142"

TEN ART
RICARDO CARVALHO

Realizou-se, de 3 a 7 de Novembro de 2014, na Região de Fonte dos Morangos em Vieira de Leiria, o exercício de fogos reais de Antiaérea "NEPTUNO 142", da responsabilidade do Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt), com vista a proceder ao treino das unidades de Artilharia Antiaérea (AAA).

O exercício "NEPTUNO 142" teve como objetivos o treino de nível tático diurno e noturno das Guarnições dos sistemas míssil e canhão, ocupação, organização e segurança das posições de tiro, bem como o treino de nível técnico diurno e noturno dos apontadores e dos respetivos Encargos Operacionais.

A Força Operacional criada para a realização do exercício integrou Forças do Grupo de Artilharia Antiaérea sediadas no Regimento de Artilharia Antiaérea nº 1 (RAAA1), a Bateria de Artilharia Antiaérea (BtrAAA) das Forças de Apoio Geral, a BtrAAA da Brigada de Intervenção (BrigInt), a BtrAAA da Brigada de Reação Rápida (BrigRR) e a BtrAAA da Brigada Mecanizada (BrigMec).

Para além do Encargo Operacional, o exercício "NEPTUNO 142" contou ainda com a participação ativa de uma delegação da Escola das Armas, composta pelos Aspirantes a Oficial do Tirocínio para Oficial de Artilharia (TPOA) 14/15 que guarneceram o sistema canhão Bitubo AA 20 mm/81.

O Exercício contou ainda com a participação de outras Forças em apoios específicos, nomeadamente uma equipa de inativação de engenhos explosivos (EOD) da Regimento de Engenharia N.º1, viaturas de transportes especiais do Regimento de Transportes e de uma equipa de cobertura vídeo fotográfica de Centro de Audiovisuais do Exército.

É de salientar, ainda, o apoio de várias entidades, militares e civis, na organização deste Exercício, designadamente da Marinha de Guerra Portuguesa, da Força Aérea Portuguesa, da Policia Marítima, da Guarda Nacional Republicana, dos Bombeiros Voluntários de Vieira de Leiria e da Unidade de Gestão Florestal do Centro Litoral. No exercício "NEPTUNO 142" estiveram envolvidos cerca de 225 Militares, 43 viaturas, 38 tendas, 10 alvos aéreos do tipo "BATS", 5 mísseis MIM 72 destinados ao Sistema Míssil Chaparral, 1 míssil FIM 92 destinado ao Sistema Míssil Stinger e 700 munições 20mm para o Sistema Canhão Bitubo.O Exercício contou com a presença do Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, do Exmo Comandante da Brigada Mecanizada, Major-General Luís Nunes da Fonseca e do 2ºCmdt da Brigada de Reação Rápida, Coronel Tirocinado Pedro Miguel Andrade da Fonseca Lopes que puderam constatar a eficácia da sessão de fogos reais e muito especialmente o profissionalismo e a eficiência do trabalho desenvolvido por todos os militares empenhados no Exercício "NEPTUNO 142".

EXERCÍCIO "RELÂMPAGO 14"

Realizou-se, de 12 a 16 de Maio de 2014, na Região de Fonte dos Morangos em Vieira de Leiria, o exercício anual de nível Exército, de fogos reais de Antiaérea "RELÂMPAGO 14", com os sistemas míssil ligeiro Chaparral M48A2E1/M90 e portátil Stinger FIM-92A, bem como com o sistema canhão Bitubo AA 20 mm/81. O exercício teve como objetivos o treino de nível tático diurno e noturno das Guarnições dos sistemas míssil e canhão, ocupação, organização e segurança das posições de tiro, bem como o treino de nível técnico diurno e noturno dos apontadores e dos respetivos Encargos Operacionais, envolvendo a execução de fogos reais com sistemas míssil e canhão de Antiaérea.

No exercício participaram todas as unidades de AAA do Exército Português, respetivamente: Bateria AAA da Brigada de Intervenção (RAAA1); Bateria de AAA das Forças de Apoio Geral (RAAA1); Bateria AAA da Brigada de Reacção Rápida (RAAA1); Bateria AAA da Brigada Mecanizada; Bateria AAA do Regimento de Guarnição n.º 2 (ZMA); Bateria AAA do Regimento de Guarnição nº3 (ZMM).

O Exercício contou ainda com a participação de outras Forças em apoios específicos, nomeadamente uma equipa de inativação de engenhos explosivos (EOD) da Regimento de Engenharia N.º1, seções de serviços de campanha da Escola Prática dos Serviços, uma equipa de contacto de manutenção do Regimento de Manutenção, viaturas de transportes especiais do Regimento de Transportes, uma equipa de cobertura vídeo fotográfica de Centro de Audiovisuais do Exército. Salienta-se também a participação de uma equipa dos Estados Unidos da América, de alvos aéreos tipo "Outlaw" da Griffon Aerospace para simulação e de uma equipa de contato da Raytheon para a prestação de apoio ao sistema míssil portátil Stinger.

Durante os primeiros dias do exercício foram implementadas as áreas de apoio de serviços e bivaque necessárias à sustentação da Força, assim como as posições de tiro dos vários sistemas de armas, alvos aéreos e estruturas de comando e controlo. Após a ocupação das posições, foram realizados treinos essencialmente técnicos, primeiramente a nível individual e posteriormente gerais, que permitiram implementar medidas corretivas e de adequação ao novo alvo aéreo em exercício. Importa referir que o Outlaw constituiu uma melhoria significativa ao nível da simulação, permitindo efetuar seguimentos sob um alvo eficaz e desafiante ao nível da simulação de perfis de voo de uma aeronave real, com o consequente empenhamento sobre o mesmo.

No exercício estiveram envolvidos cerca de 259 Militares, 43 viaturas, 41 tendas, 13 alvos aéreos do tipo "BATS", 5 alvos aéreos do tipo MQM-170A Outlaw, 12 mísseis MIM 72 destinados ao Sistema Míssil Chaparral, 5 mísseis FIM 92 destinados ao Sistema Míssil Stinger e 2300 munições 20mm para o Sistema Canhão Bitubo.

O Exercício "RELÂMPAGO 14" constitui-se como uma oportunidade única de treino para a Artilharia Antiaérea Portuguesa, na medida em que permite treinar em conjunto todas as Unidades de Antiaérea do Sistema de Forças Nacional, bem como todos os sistemas de armas em uso pelo nosso Exército numa situação plena de simulação, segurança e eficácia.

MAJ INF
ASCENDINO BERNARDES

Enquadrantes do Exercício

No contexto do ciclo de aprontamento e treino da Unidade de Manobra da Força Tarefa 1200 da Brigada de Intervenção (BrigInt) (Agr A/FT 1200), decorreu de 25Jun14 a 02Jul14, em Moimenta da Beira, o Exercício (Exerc) JÚPITER 14, sendo este um exercício setorial de nível III, contemplado no Plano Integrado de Treino Operacional para 2014 e planeado e conduzido pela BrigInt.

O Exercício JÚPITER 14 enquadrou-se no Ciclo de Treino da BrigInt e visou a validação do treino operacional do Comando e Estado-Maior (Cmd e EM) e das Unidades Escalão Companhia que constituem o Agr ALFA/FT1200, com a finalidade de avaliar/certificar as respetivas capacidades operacionais, tendo em vista a sua integração na FT 1200.

Foi um exercício tático, planeado pela BrigInt e executado pelo 1BI/BrigInt, enquanto unidade base do Agr ALFA/FT1200, ao qual foram atribuídas outras Forças sob diversas relações de comando e apoio, a realizar na modalidade de *Field Training Exercise* (FTX), constituindo este Agrupamento a Audiência Primária de Treino e o qual contou com as seguintes forças e respetivos efetivos:

Para o efeito, o Exerc JÚPITER 14 apoiou-se no Cenário # 02 (AMARIL) da PDE 2-20-00, no qual foram tidas em consideração, não só as ações características das Operações de Estabilização, mas também atividades e tarefas de âmbito convencional, tendo por referencial a doutrina da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Assim, as atividades desenvolvidas pelo Agr ALFA/FT1200 no exercício foram orientadas para as missões mais prováveis do seu emprego num Teatro de Operações (TO), idêntico ao definido no MAPEX DRAGÃO 14, tais como:

Capacidade de planear operações em todo o espetro das operações militares e estar preparado para conduzir toda a tipologia de operações, num ambiente complexo de guerra irregular, com especial enfoque para as operações de estabilização, como resposta inicial, a uma situação de pós-conflito.

Como objetivos para o exercício foram previstos os que de seguida se indicam:

- Treinar os procedimentos inerentes ao Processo de Decisão Militar, no planeamento de operações de escalão Batalhão/Agrupamento, incluindo a elaboração e difusão de Ordens e Planos de Operações (OOp/PlOp);

- Treinar e testar a capacidade de planeamento, comando e controlo de operações táticas por parte do Cmd e EM do Agr/FT1200 e os procedimentos de comando no escalão Companhia/Subagrupamento;

- Garantir a condução do treino operacional, num ambiente de armas combinadas e promover o emprego operacional, integrando as forças atribuídas ou em apoio no planeamento e condução das operações;

- Treinar a execução de TTP no âmbito das Operações Defensivas, com especial incidência para a ocupação e defesa de posições de detenção/combate, ao nível Pelotão e Companhia/Subagrupamento;

- Exercitar o planeamento e a coordenação do emprego do Apoio de Fogos;

- Exercitar e treinar tarefas relacionadas com o emprego do Apoio de Combate;

- Exercitar e treinar tarefas relacionadas com o emprego do Apoio de Serviços, nomeadamente a aplicação dos conceitos de manutenção e sanitário ao escalão Batalhão;

- Testar e treinar a capacidade do Comando e Controlo com recurso aos meios Comunicações e Sistemas Informáticos (CSI) disponíveis;

- Exercitar o treino de tarefas e procedimentos relacionadas com a proteção da força.

DESIGNAÇÃO			Of		Sar		Prç		TOTAL
			Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	
AGRA	CMD		7		8		4	2	21
	EM/1BI	Elem Fogos (GAC)	1		1		1		3
	Estágio Operacional (RI13 e 14)		11		21				32
	1/1BI		5		16	1	98	4	124
	CAC	CMD	1		2		5		8
		PelRec	1		4		14	1	20
		PelAcar	1		3		9	2	15
		PelMort	0	1	4		13		18
		SecVCB	0		3		7		10
		PelMort (-) / 2BI	0		2		6		8
	CCS	CMD	1		2		9		12
		PelReabTransp	0		5		23	4	32
		PelTms	1		7	1	12	1	22
		Pel San	1		3	1	13	7	25
		Pel Man Dedicado	1		9		22		32
		Eq Latrinas (EPS)					2		2
	2CAt/2BI		5		19		100	1	125
	EAM/GAM		4		10	1	34	6	55
	Estágio Operacional (RC6)		2		2				4
	Pel Eng		1		3		8		12
TOTAL			43	1	124	4	380	28	580

Execução da série de Exercícios JUPITER

O 1BI e as outras UEC e demais forças que constituíram o Agr A/ FT1200, iniciaram, paralelamente ao seu treino individual e coletivo, um conjunto de pequenos exercícios de planeamento e de procedimentos de Comando e Estado-Maior (Cmd/EM) para estarem aptas a participar no Exerc JUPITER 14.

Nesse sentido, o 1BI como unidade enquadrante do Agr A, solicitou a presença de todas as SubUnidades (SubUn) a fim de treinarem a aplicação do Processo de Planeamento Operações (PPO) no MAPEX "JUPITER 142" que decorreu nas suas instalações no RI13, no mês de Abr14 e no qual foi restabelecida a missão atribuída pelo Escalão Superior (EscSup), definida no MAPEX "DRAGÃO14" e foi elaborado o Conceito para a Operação (CONOPS).

Este MAPEX, permitiu também um primeiro contacto com as Unidades Subordinadas e permitiu a familiarização com o cenário.

Dando continuidade aos trabalhos e no sentido de treinar os procedimentos de Cmd/EM da estrutura do Agr A e efetuar o treino de tarefas táticas de UEC, foi conduzido em Mai14 o CFX JUPITER 145/146.

Este exercício, foi realizado na região de Vila Real e permitiu executar treino ao nível do Cmd/EM do Agrupamento, assim como o treino em ambiente de armas combinadas e facilitando a integração dos apoios de combate.

No final do JUPITER 145/146 foi elaborado o plano de operações, bem como o CONOPS na sequência do Plano de Contingência do EscSup.

Toda esta preparação inicial, simples mas eficaz, permitiu alcançar níveis de confiança e conhecimentos necessários à execução do exercício final do ciclo de aprontamento do Agr A/ FT 1200, o FTX JUPITER 14.

No âmbito da execução do FTX, as atividades decorreram com a seguinte calendarização geral:

- 23Jun14 - projeção das Secções de Quarteis do Agr A para a área do exercício, a fim montar a FOB 2 nas instalações de uma das escolas do Agrupamento de Escolas de Moimenta da Beira;

- 25Jun14 - projeção do "grosso" do Agr/FT1200 para a área de Moimenta da Beira e instalação do Posto de Comando (PC); configuração redes de CSI; testes de *WarmUp*; difusão da Ordem Preparatória (*WarnOrd*) às Un Sub;

- Em 26Jun14 - instalação e organização do Centro de Operações Táticas (COT) do Agr, bem como a instalação dos PC das UnSub;

- 261400Jun14 - "Startex" do exercício;

- 26 a 30Jun14 - O Agr/FT1200, assumiu o controlo da sua AOR e desenvolveu um conjunto de tarefas no sentido de garantir o controlo da DMZ, e na AOR em geral um *Safe And Secure Environment* (SASE).

Face à degradação das condições de segurança foi necessário colocar em prática um conjunto de tarefas na sequência da ordem de ativação do plano de contingência.

As Un de manobra implementaram um esquema de rendição para adotar o dispositivo de defesa na DMZ (Posições de detenção/combate); o PC tático móvel (VBR "Pandur II" Posto de Comando) acompanhou o movimento e assumiu o controlo efetivo das operações com a ligação das suas Un Sub ao PC principal através de vários sistemas de comunicações seguros e redundantes, voz e dados (Por rádio 525 ou IP), e monitorização das SubUn por GPS "Tracking".

- 01Jul14 – Realização do *Distinguishers Visitors Day* e Retração das forças.

Quanto à sustentação logística[1] nas fases de planeamento e FTX, foi da responsabilidade do 1BI, em estreita coordenação com o EM/Brigint, apoio do RI13 e colaboração das Unidades que integraram elementos no AgrA/FT1200.

Constituiu-se, desde muito cedo, num verdadeiro desafio, o garante da sustentação logística , na sua componente de *Real Life Support* (RLS), e aplicação doutrinária do conceito de manutenção[2] e conceito sanitário[3] , tendo em consideração: a localização da área de operações, a dispersão territorial na origem das entidades participantes e diversidade de meios humanos e materiais necessários empenhar.

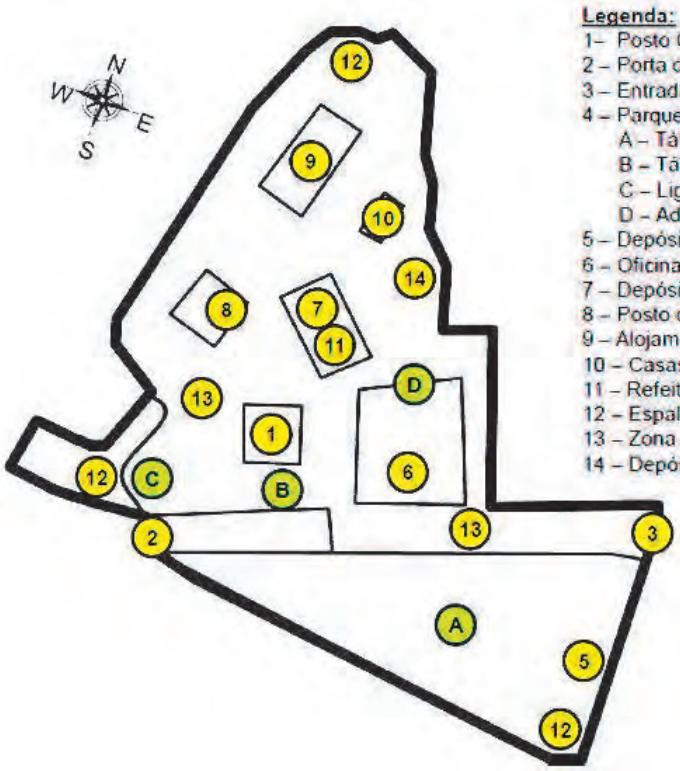
Da composição e articulação das forças, relevam-se: o Pelotão Dedicado de Manutenção[4] da Companhia da Manutenção; o reforço do Pelotão Sanitário com os elementos ativados em caso de treino; uma Equipa com operadores de latrinas de campanha vinda das Forças de Apoio Geral.

No que se refere ao apoio de Manutenção e Sanitário foi um momento único de treino e RLS para o AgrA, tendo sido possível identificar informações para o processo de lições apreendidas.

O Pelotão Dedicado de Manutenção foi organizado para a missão designada, e englobou elementos e material do 1BI, 2BI, GAM e CMan na sua composição.

O Pelotão Sanitário[5] como previsto no seu modelo orgânico de pessoal recebeu parte dos militares designados pela Direção de Saúde, previsto para situações de treino ou empenhamento operacional, e contribuiu de forma significativa, para o moral e bem-estar, ao proporcionar os recursos humanos e materiais de apoio ao emprego tático da força.

O aquartelamento foi montado na Escola Preparatória de Moimenta da Beira e num terreno adjacente, por um período de 10 dias, com a organização apresentada na figura ao



Legenda:
1– Posto Comando do Agr ALFA
2 – Porta de Armas / Casa da Guarda
3 – Entrada Secundária (abertura à ordem)
4 – Parques:
A – Táticas Pesadas
B – Táticas Ligeiras
C – Ligeiras e Civis / Visitas
D – Administrativas
5 – Depósito e Bombas de Combustível
6 – Oficina e Secção de Manutenção
7 – Depósito de Géneros e Secção de Alimentação
8 – Posto de Socorros
9 – Alojamentos
10 – Casas de Banho / Chuveiros
11 – Refeitório/Bar
12 – Espaldão de Viatura / Torre de Observação
13 – Zona / Ponto de Reunião
14 – Depósito de Gás

lado, e permitiu a vivência de uma Unidade de Escalão Batalhão em operações.

O Reabastecimento de Classe I, IW e III foi na Unidade permitindo o planeamento e treino real desta função logística, tendo sido fornecidos de forma periódica os géneros pela Manutenção Militar, e reabastecido o combustível pela Empresa fornecedora de Combustíveis em duas ocasiões.

A grande mais valia foi com certeza a excelente coordenação e combinação das diferentes armas quer na manobra quer nos apoios, o que deixou todos os intervenientes, muito satisfeitos provando que existe vontade para a conceção de emprego "inter-armas" e que o conceito FT1200 é uma ótima forma de o conseguir.

O Exercicio JUPITER 14, cumpriu a sua finalidade, permitiu treinar e avaliar o Cmd e EM do Agr/ FT 1200 assim como das Unidades (Un) diretamente subordinadas.

Esta foi uma excelente oportunidade para exercitar o trabalho de equipa dos vários sistemas de Comando e Controlo da Força, no cumprimento de diferentes tipos de missões, Manutenção do SASE ou Combate, numa Operação de Estabilização.

Em suma, o Exercício JUPITER14 garantiu condições de treino realistas e adequadas.

Tipo	Cmd EM	1CAt	CAC	CCS	2/2BI	PelMortP 2BI	EAM	PelMan	Mod TMS	PelEng	TOTAL
Lig	5	1	2		2		1	1		2	14
Med			3	3		2	1	1			10
Pes	1	1	1	8	1		1	3	3	2	21
ICV	1	13	7		13		1				35
IFV		2	1		2		2				7
VBR PC	3										3
V150							9				9
M816								1			1
M49				2							2
Amb				3							3
VBR RV				1							1
VBR MEV				1							1
Total	10	17	14	17	18	2	15	5	3	4	107

O Movimento e Transporte foi efetuado com recurso a um total de 107 viaturas, provenientes de diversas Subunidades da BrigInt, descriminadas na seguinte matriz:

Este foi seguramente um exercício de Nível III muito completo e de elevada intensidade para o 1BI, constituindo uma referência para os exercícios vindouros.

1-A sustentação logística do Exército, é realizada mediante a execução das diferentes funções logísticas (Reabastecimento, Movimento e Transporte, Manutenção, Apoio Sanitário, Infraestruturas, Aquisição, Contratação, Alienação e Serviços). (PDE-4-46-00, 2014);

2 Despacho 225/CEME/11;

3 Despacho 152/CEME/11

4 QOP – Batalhão de Apoio de Serviços (08.02.19), 2011.

5 Modelo Orgânico Pelotão Sanitário 02 (BIPandur), 2011.

O Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) da Brigada de Intervenção (BrigInt) executou em Vendas Novas, no período de 13 a 16 de outubro de 2014, o Exercício "URANO 14", enquadrado nas atividades de treino operacional da BrigInt, destinado à manutenção das capacidades operacionais do GAC.

O exercício decorreu no Polígono de Tiro de Vendas Novas, herdade da Afeiteira e em terrenos próximos à fábrica de cortiça.

Procurando cumprir os planos do escalão superior, as forças simularam a ocupação da *forward operating base* (FOB), no Polígono de Tiro de Vendas Novas, de acordo com o plano de Operações "DECISIVE FIST" num cenário de paz instável, com a finalidade de contribuir para um ambiente seguro e estável na região.

Com a implementação do Plano de Contingências "BORDER CUFF", as forças ocuparam novas posições na herdade da Afeiteira, a fim de apoiar a demonstração de força e dissuadir as forças opositoras de violar a zona desmilitarizada.

O exercício URANO 14 foi conduzido em duas fases distintas: uma destinada a treinar procedimentos táticos apoiada no cenário "AMARIL"; outra destinada a treinar procedimentos técnicos do tiro de Artilharia com a realização de fogos reais diurnos e noturnos.

Participaram no exercício o Comando e Estado-Maior do GAC, a Bateria de Comando e Serviços, a 1.ª Bateria de Bocas-de-fogo (1ªBtrbf) e o Pelotão de Aquisição de Objetivos (PAO).

A 1ªBtrbf constituiu-se como audiência primária de treino, com um efetivo de 70 militares e 12 viaturas. O PAO, como audiência secundária de treino, participou com 31 militares e 10 viaturas. No total, estiveram envolvidos no exercício 149 militares e 32 viaturas.

A primeira fase do exercício, de componente tática, decorreu nos dias 13 e 14 de outubro e teve como principais objetivos: exercitar procedimentos de Comando e Controlo; treinar procedimentos de comunicações; treinar movimentos táticos; e treinar técnicas de sobrevivência no Campo de Batalha.

Com o agravar da situação e a ofensiva iminente das forças opositoras, foi implementado o Plano de Operações "STRONG SWORD".

Na concretização deste plano, as forças ocuparam posições nas proximidades da fábrica de cortiça, de modo a assegurar o apoio de fogos adequado para deter as forças de SABLE e garantir a integridade territorial de AMARIL.

Com a finalidade de validar os procedimentos táticos adotados pelas forças no terreno, foram constituídas duas equipas de avaliação, constituídas por um oficial e dois soldados para as forças de cenário.

Estas equipas procuraram introduzir no exercício diversos incidentes, ataques terrestres, emboscadas, ataques aéreos, interferências nas comunicações, danos em material, feridos em combate, mortos etc., com vista a criar as condições, o mais parecidas possível, com a realidade em situação de combate e testar o grau de operacionalidade quer da 1ªBtrbf quer do PAO. Todos os objetivos a que o GAC se propôs na realização do exercício tático foram atingidos com sucesso.

De referir ainda que o exercício "URANO 14" decorreu integrado no exercício "DRAGÃO14" da Brigada de Intervenção, o que permitiu melhorar a proficiência operacional no planeamento, coordenação e controlo do apoio de fogos e, materializar no terreno, os planos do escalão superior e parte dos incidentes injetados pelas equipas das MelMil, respeitantes ao GAC.

Contudo é de referir que o treino ao nível tático do GAC ainda se encontra a dar os primeiros passos, em virtude da transferência do GAC do Regimento em Vila Nova de Gaia para Vendas Novas. Por este motivo não foi possível pôr no terreno todos os meios, nomeadamente o Comando e Estado-Maior, a Bateria de Comando e Serviços, as duas Baterias de Bocas-de-fogo e Pelotão de Aquisição de Objetivos em simultâneo.

A segunda parte do exercício de componente técnica decorreu nos dias 15 e 16 de outubro, tendo por objetivo treinar os procedimentos na condução de missões de tiro com munições reais.

Para a realização dos fogos reais o GAC dispôs de 45 munições explosivas, 25 com espoleta de percussão e 20 com espoleta de tempos.

De referir que em apoio do exercício a secção de topografia, no período que antecedeu a realização do mesmo, efetuou o levantamento topográfico das zonas de posição, da zona de objetivos e dos observatórios, tendo produzido a

Informação Topográfica n.º4, que passou a contemplar todas as coordenadas no Datum WGS 84, informação que serviu de base à realização dos fogos reais.

O treino foi focalizado em missões de tiro de área, de acordo com as possibilidades do polígono de tiro de Vendas Novas. A 1ª Btrbf ocupou a posição no "Inferno Cinzento", os Observadores Avançados regularam o tiro do Observatório dos "3 Sobreiros", o Radar de Localização de Alvos ocupou posição junto às antenas da Marconi em Vendas Novas, o Radar de Localização de Alvos Móveis ocupou posição junto à estrada nacional 380 e a secção de meteorologia ocupou posição junto dos observadores.O maior desafio centralizou-se na realização do tiro noturno com recurso a aparelhos de visão noturna, uma possibilidade pouco treinada nos últimos anos. A missão de tiro noturno só foi possível com o empréstimo dos equipamento do GAC da Brigada de Reação Rápida que, mostrou de imediato a sua disponibilidade, em apoiar a realização desta atividade.

No dia 16 de outubro o GAC contou com a visita do Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. Luís Carlos Piteira Dias e do Exmo. Sr. Vereador da Câmara Municipal de Vendas Novas, Arq.º Joaquim Manuel Marques Barreto Soeiro que tiveram a oportunidade de conhecer com maior pormenor, os meios afetos a Artilharia e o seu funcionamento, fortalecendo-se desta forma as boas ligações existentes entre o Regimento de Artilharia N.º5 e o município de Vendas Novas.

O MOVIMENTO E MANOBRA NUMA FORÇA MÉDIA

MAJ INF
ANSELMO DIAS

A complexidade da atual conflitualidade é caraterizada por ameaças[1] complexas, multiformes, multidisciplinares e descentralizadas, que exigem o emprego de forças ágeis e capazes de serem projetadas num curto espaço de tempo. Tal situação, promoveu alterações significativas no campo de batalha e evidenciou a necessidade de se efetuarem revisões aos conceitos doutrinários, estruturas organizacionais, planeamento, entre outras atividades.

Na sequência do referido e no que diz respeito às forças terrestres, a publicação doutrinária do exército de tática (versão draft – 2014) refere que estas podem ser organizadas em forças pesadas, médias e ligeiras, treinadas e equipadas para conduzirem operações táticas, manter ou ganhar o controlo do espaço físico, recursos ou população. São as únicas forças que detêm a capacidade de derrotar outra força terrestre.

No âmbito da estrutura organizacional e planeamento, no caso do Comando e Estado-Maior da Brigada de Intervenção, uma das formas que se encontrou para aumentar e melhorar a eficiência e eficácia da unidade foi enquadrar o planeamento e treino por funções de combate, agrupando os recursos por afinidades funcionais.

Doutrinariamente as funções de combate definem-se como um "*grupo de tarefas e sistemas (pessoas, organizações, informação e processos) unidos por uma final idade comum que os Comandantes apl icam para cumprir missões operacionais e de treino*"[2] .

Em edições anteriores, o estudo do planeamento e organização do Estado-Maior por funções de combate já foi desenvolvido. Foi identificada a forma como os elementos do Estado-Maior são integrados e articulados nos Postos de Comando, tendo presente os comprometimentos de cada área funcional.

De acordo com o referido nesses artigos, recordo que a célula de movimento e manobra é a responsável por regular a coordenação e sincronização das forças e tarefas, com o objetivo do eficiente emprego dos recursos para cumprimento da missão.

Assim, e na sequência do antecedente, o presente artigo tem por argumento e objetivo analisar a importância da operacionalização do movimento e manobra nas forças médias, para melhor entender e satisfazer as exigências dos atuais conflitos. Em futuras edições iremos continuar a desenvolver o estudo das restantes funções de combate em forças médias.

Movimento e Manobra

O mundo assistiu à decadência de um conjunto de situações onde a atrição, caraterizada por confrontos lineares, fogo e proteção assumiam predominância sobre o movimento. Logo se deduz que a guerra de atrição visa o confronto e destruição, os adversários confrontavam-se e exploravam os seus pontos fortes contra os pontos fortes do inimigo.

A ascensão da guerra de manobra tem pautado a sua conduta pela conjugação do fogo e movimento de forma a obter uma posição vantajosa e explorar os pontos fracos e vulnerabilidades do inimigo. Neste campo, guerra de manobra, salientamos o movimento e manobra, como função de combate, pela capacidade de coordenar todas as atividades e sistemas que visem a movimentação de forças, sempre com o objetivo de alcançar uma posição que confira vantagem em relação à ameaça, formada por tarefas e sistemas que movimentam forças para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo, evitando deste modo um maior dispêndio de recursos, humanos e materiais[3].

A operacionalização do movimento e manobra é feito pelo emprego das suas unidades de manobra e concede especial ênfase ao movimento de forças com o intuito de explorar as fraquezas do inimigo. O sucesso está ao alcance da conjugação destes fatores com os princípios da surpresa, deceção e liberdade de ação.

Se efetuarmos uma analogia com o jogo de xadrez, logo nos lembramos de estratégia, no entanto o mesmo tabuleiro também permite jogar ao "jogo das damas". Mas, vejamos a sua interpretação ao nível tático.

O "jogo de damas" é um verdadeiro jogo de atrição, temos de confrontar o adversário de forma frontal (linear) e o jogo só termina quando o vitorioso consegue "destruir – eliminar" todas as peças do seu adversário. O xadrez é um jogo que permite visualizar a manobra, o jogador tem de usar o movimento das peças, de forma astuta, com o intuito de explorar o ponto fraco ou vulnerabilidades adversárias tentando atingir o centro de gravidade do adversário (rei – peça do jogo), sem ter a necessidade de eliminar todas as peças do tabuleiro de jogo.

Forças Médias

Este racional de forças médias veio gerar uma nova abordagem de emprego de forças na diferente tipologia de ope-

rações. São um nível intermédio entre as pesadas e as ligeiras, dispondo de menor proteção e poder de fogo do que as primeiras, mas maior proteção e mobilidade tática e operacional do que as segundas[4]. Normalmente, o recurso a este tipo de forças é muito mais efetivo, pelas características do actual ambiente operacional[5] e pela capacidade de atingir rapidamente o centro de gravidade do inimigo.

A tipologia de forças médias pode ser empregue em qualquer local, de forma célere, com um grau de proteção bastante satisfatório. A sua flexibilidade permite-lhes serem agrupadas com forças pesadas ou ligeiras, no entanto e fruto do seu equipamento, estas têm de ser muito bem sincronizadas de forma a rentabilizar as suas caraterísticas, podendo estar dispersas no terreno e rapidamente concentrarem-se no momento e local onde for necessário.

Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico tem caraterizado o incremento desta tipologia de forças, aliado ao conceito *centric network*[6].

Este, tem estimulado o desempenho das forças militares, proporciona um comando e controlo que facilita o processo de tomada de decisão de forma célere. Podemos mesmo afirmar que o seu progresso é significativo no que diz respeito à avaliação e compreensão do ambiente operacional, proporcionando a *Common Operational Picture,* com influência na resolução do problema tático, facilitando o comando missão, tal como a gestão da informação.

Este desenvolvimento tecnológico, não vem colmatar a necessidade de proteção e poder de fogo, mas em complemento com o movimento e manobra, consegue alcançar situações que lhe permite ficar em nítida vantagem perante o adversário.

Aliás, a designação de forças médias parece ser de fácil aceitação e compreensão, pois estas conseguem combinar a vertente da proteção e poder de fogo das forças pesadas, com facilidades em garantir a sua projeção estratégica, e simultaneamente possui uma elevada mobilidade tática situação que as privilegia em relação às forças ligeiras. Além disso, as forças médias são caraterizadas por terem baixos consumos de combustível, reduzindo as exigências logísticas no apoio à sua progressão e detêm uma elevada autonomia, aumentando o seu alcance operacional.

As forças médias conseguem atuar de forma precisa e reunir as mais-valias das forças pesadas e ligeiras. Conseguem manter um ataque forte, tornando possível a aplicação da ideia clássica da concentração de elevado potencial de combate num determinado momento e local, pela sua capacidade de fogo e movimento, de tal forma que a sua mobilidade tática permite rapidamente alterar no espaço e tempo a concentração do seu potencial de combate.

A elevada tipologia de viaturas que as forças médias detêm contribui de forma significativa para a eficiência do movimento e manobra. De salientar as viaturas do tipo IFV *(Infantry Fighting Vehicle)* que proporcionam um elemento significativo para o fogo e movimento, equipadas de uma peça-canhão (normalmente de 25 mm ou 30 mm) com uma elevada cadência de tiro e precisão.

Após se estabelecer contacto com o inimigo, esta tipologia de viatura, através de fogos de supressão, permite estabelecer e manter o contacto com o inimigo com o menor efetivo possível, permitindo a manobra às restantes unidades, que através da sua proteção, poder de fogo (metralhadoras 12,7 mm) e mobilidade, rapidamente podem adquirir uma posição que lhes garante nítida vantagem, desembarcar os militares da força e assaltar a posição ou resolver a situação de acordo com a situação tática.

Considerações Finais

No atual ambiente operacional, as forças médias devem procurar o movimento e manobra e dominar o adversário em qualquer situação, de forma a se atingir os resultados desejados e contrariar o potencial de combate, ou vontade de combater, do inimigo. O movimento e manobra deve ser cuidadosamente integrado e operacionalizado de forma a alcançar e explorar a surpresa e deceção.

As forças médias detêm a capacidade de atuar ao longo de todo o espetro do conflito e cumprir um vasto número de missões, em que a tipologia de meios permite articular a força de forma a cumprir tarefas em qualquer tipo de operação.

Em termos concetuais verificamos que o movimento e manobra numa força média é muito mais do que simples movimento e disposição tática, permite-nos a mobilidade tática, mais rápida que as demais forças, impondo um elevado ritmo de combate.

Ritmo, porque a atualidade nem sempre exige a destruição do inimigo, aliás, o que temos verificado é que pretendemos obter a surpresa através do movimento e manobra.

Tal é conseguida, desde que a nossa ação seja mais célere do que a reação do inimigo, dando ênfase ao movimento e manobra em detrimento do confronto linear.

1 Podemos designar como ameaça os Estados, organizações, grupos ou condições, com capacidade para danificar ou destruir vidas humanas, recursos vitais, ou instituições (PDE 3-00, Operações, Exército, 2012, pp 1-6).

2 PDE 3-00, Operações, Exército, 2012, pp 2-24.

3 PDE 3-00, Operações, Exército, 2012, pp 2-28.

4 PDE 3-01-00 Tática de Operações de Combate, Volume I, 1º draft, Exército, 2014, pp A-6.

5 Sendo o atual campo de batalha de cariz não linear e multidimensional, onde se verifica o emprego de forças em situações de superfície, sem frentes nem profundidades, com dificuldades em determinar o local do combate e pela presença de uma elevada multiplicidade de atores.

6 Capacidade de se conetar com todos os sistemas de informação que as unidades de forças médias possuem. (Reaedon, Mark & Charlston, Feffery, From Transformation to Combat – The first Stryker Brigade at War, 2007).

TCOR CAV
JORGE FERREIRA

No último número da Revista da Brigada de Intervenção, escrevemos sobre a proposta apresentada pelo Regimento de Cavalaria nº 6 para a constituição e organização do Grupo de Reconhecimento (GRec), no sentido de contribuir para a edificação da capacidade de Reconhecimento que será materializada no quadro da revisão do Sistema de Forças/Exército.

A esse artigo, seguiu-se um outro de cariz mais tático publicado na Revista do RC6, procurando explicitar um pouco o conceito de "Reconhecimento" através da apresentação de alguns conceitos base, aproveitando o "Estado da Arte" em termos doutrinários tendo como base as publicações do Exército dos Estados Unidos da América e as Publicações Doutrinárias do Exército.

Com o presente artigo pretendemos voltar um pouco atrás e revisitar os trabalhos exploratórios efetuados no RC6 em que começamos por procurar responder à pergunta *"Qual o escalão doutrinário das Unidades de Reconhecimento, numa Brigada Blindada?"*.

A partir da resposta a essa pergunta, os trabalhos prosseguiram tendo culminado com a apresentação da proposta da organização para o GRec, como foi explicado no artigo publicado na Revista da Brigada de Intervenção.

Ao longo dos anos, os Exércitos procuram adaptar-se aos novos desafios, seja em termos doutrinários, seja em termos organizacionais, passando por aquilo que nos últimos anos tem sido denominado "Transformação", *Army Transformation"*, *"Revolution in the Military Affairs"*, etc.

Como é óbvio, as unidades de reconhecimento acompanham a "evolução/transformação" dos Exércitos respetivos. Quase todos os exércitos caminham para a implementação de forças "modulares" centradas em torno de Brigadas.

Procura-se assim criar forças normalizadas, com capacidade de integrar/destacar diferentes "módulos" e a capacidade de dispor ao nível Brigada dum conjunto de forças que permitem a este escalão constituir-se como um escalão de armas combinadas, suficientemente flexível para ser reforçado, reorganizado ou rearticulado com outras forças. Como veremos nos casos que apresentaremos seguidamente, o Reconhecimento desempenha também um papel importante nestes desenhos organizacionais.

Alguns Exércitos, em diferentes países, têm constatado que a aquisição dos "alvos" tem-se revelado como um dos elos fracos na cadeia *"Finding – Fixing - Closing With – Destroying the Enemy"*, aumentando assim o escalão de reconhecimento nas Brigadas.

Em termos conceptuais mais atuais, se considerarmos que o "Comando-Missão sobreleva o primado da liderança nas operações terrestres [e r]ealça a responsabilidade do comandante para compreender, visualizar, descrever, dirigir, liderar e avaliar, e garante ao comandante e ao seu Estado-maior, o conhecimento para operar num ambiente incerto em oposição à tentativa de criar um ambiente de certeza" (PDE 3-0, 2-25) facilmente depreendemos que para "compreender" o ambiente operacional o Comandante precisa de informações fidedignas e atempadas sobre as "relações complexas que se estabelecem entre forças amigas, inimigas, e ambiente operacional incluindo a população [...] [o que] auxilia o comandante a visualizar e descrever a sua intenção e a desenvolver diretivas para o planeamento" (PDE 3-0, 2-27).

Figura 1 - VBR PANDUR II

Daí a necessidade de se dispor de forças de reconhecimento com um escalão adequado aos desafios colocados pela atual conflitualidade num ambiente operacional incerto e com ameaças cada vez mais difusas em áreas contínuas ou descontínuas.

De seguida apresentamos alguns "casos de estudo", relativamente ao escalão de Reconhecimento nas Brigadas em três países (Estados Unidos da América, Reino Unido e Rússia), bem como uma tabela resumo que resultou de anteriores trabalhos exploratórios efetuados no RC6.

O caso Americano

Se tomarmos como referência o Exército dos Estados Unidos da América, verificamos que, de acordo com Johnson et al. (2012), o plano de modernização - proposto em 1999, pelo General Eric K. Shinseki, e implementado apenas a partir de 2003 – alterou de forma significativa a estrutura das forças do Exército. Uma das mudanças implementadas foi a passagem da força baseada em divisões para forças baseadas em brigadas, as denominadas Brigade Combat Teams (BCT), organizadas segundo um conceito de modularidade.

O exército americano dispunha então de um Regimento de Reconhecimento por cada Corpo de Exército, um Grupo de Reconhecimento *(Armored Cavalry Squadron)* em cada uma das Divisões, um Esquadrão de Reconhecimento (Separate Cavalry Troop) por Brigada Independente, e um Pelotão de Exploração em cada Unidade de Escalão Batalhão (UEB) de manobra. Com a transformação do Exército, de acordo com o conceito modular, cada BCT passa a dispor, para além de duas UEB de manobra, de um Grupo de Reconhecimento . Com esta transformação, o exército americano passa de 21 GRec em 2002, para 79 em 2008.

Essa alteração estrutural é acompanhada pela atualização dos principais documentos, pois segundo Dooley (2006) desde 2000 que os vários manuais de campanha de Cavalaria sofreram diversas atualizações, revisões ou consolidação com outros manuais de campanha.

O FM 17-95 *Cavalry Operations* , constituiu-se durante muitos anos como a referência doutrinária para Operações de Reconhecimento *(Cavalry Operations)*. Em 2002 é publicado o FM 3-20.96 *Cavalry Squadron* (RSTA), que em 2006 (após algumas atualizações) se converte em FM 3-20.96 *Reconnaissance Squadron*, mas o seu foco são apenas os GRec dos três tipos de BCT *(Heavy, Light e Stryker)*.

Com a versão de 2010 deste manual, esta importante referência doutrinária volta a considerar todas as unidades de reconhecimento, como refere no âmbito ao considerar que "*the previous edition of FM 3-20.96, Reconnaissance Squadron, published in September 2006, was limited to doctrinal and operational considerations for the reconnaissance squadrons in the HBCT, IBCT, and SBCT. This edition, now titled Reconnaissance and Cavalry Squadron, expands the discussion of doctrine, organization, and operations to include not only the BCT squadrons but also the cavalry squadron in the ACR and the reconnaissance squadron in the BFSB" (FM 3-20.96, ix).*

Na publicação de 2010 do FM 3-20-96 há uma mudança do paradigma do reconhecimento, sendo reintroduzidas as operações ofensivas e defensivas em ***economia de forças,*** que tinham sido eliminadas desde a versão de 2002. Assim, As tarefas operacionais primárias das unidades de reconhecimento encontram-se ao nível das ***Operações de Reconhecimento e de Segurança,*** podendo ainda de acordo com os fatores de decisão e/ou se reforçadas, ser empregues em ***Operações Ofensivas e Defensivas em Economia de Forças*** . Este regresso às tarefas típicas das unidades de reconhecimento advêm da experiência dos Teatros de Operações do IRAQUE e do AFEGANISTÃO.

Figura 2 - Stryker

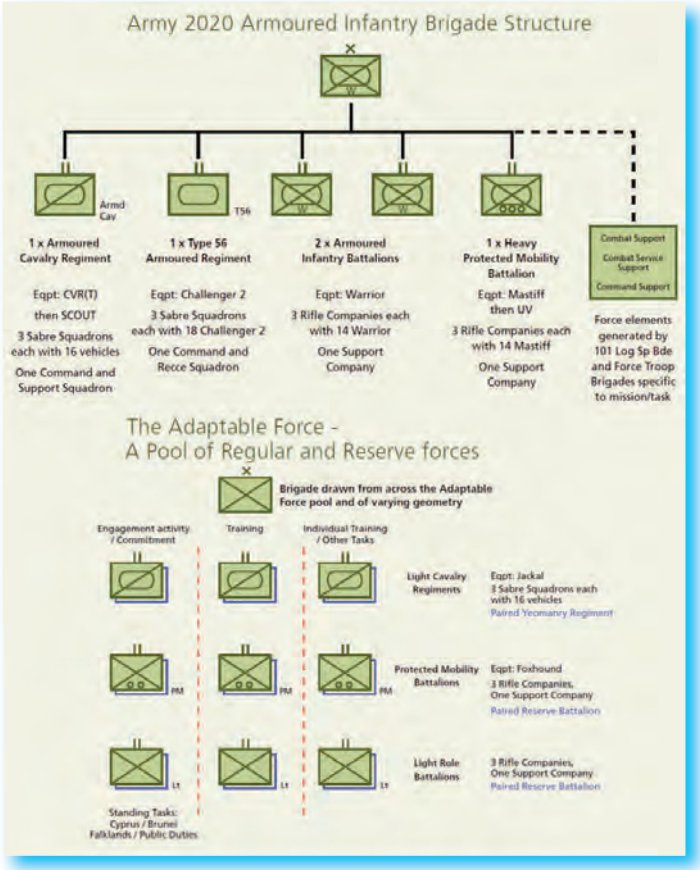
Assim, na "transição" que decorre no Exército Americano, as BCT passarão a ter 3 UEB de manobra mantendo o seu GRec. Em termos de cavalaria, procura-se uniformizar as unidades de reconhecimento, começando nos mais baixos escalões (Seção), até ao nível Grupo, independente da BCT a que pertencem.

Outra das alterações, aprovada em 11Set13 pelo General Robert W. Cone *(Training and Doctrine Command – TRADOC)* foi a padronização das nomenclaturas das unidades de Cavalaria *(Cavalry Squadrons, Cavalry Troops, Scout Platoons e Scout Squads)*, rescindindo as anteriores designações *(Armored Reconnaissance Squadrons, RSTA Squadron, Reconnaissance Troop, Reconnaissance Platoon, etc) (Kranc, 2014, 10).*

Como vemos, o Exército dos Estados Unidos da América possui um Grupo de Reconhecimento orgânico em cada uma das *Brigade Combat Teams.*

O caso do Reino Unido

O Exército do Reino Unido está a passar também por um processo de "transformação" de acordo com o conceito "*Army 2020 design*".



De acordo com dados divulgados no site do governo, o processo de transformação "*will restructure the Army around five multi-role brigades, keeping one brigade at high readiness available for an intervention operation and four in support to provide the ability to sustain an enduring stabilisation operation. [...].The multi-role brigades will include:*

- *reconnaissance forces to gain information even in high-threat situations;*
- *tanks, which continue to provide a unique combination of protection, mobility and firepower; and*

- *infantry operating from a range of protected vehicles. The brigades will be self-supporting, having their own artillery, engineer, communications, intelligence, logistics and medical support. Territorial Army personnel will be fully integrated into the new structures, in both specialist roles and reinforcing combat units" (Fact Sheet 7,1).*

tado às novas estruturas até julho de 2009, os prazos foram prolongados e em agosto de 2009 foi elaborada uma proposta para elevar o escalão da ***unidade de reconhecimento de Esquadrão para Grupo,*** o que foi efetuado em setembro de 2009.

Figura 4 - CVR (T) e a nova SCOUT SV

De acordo com o conceito explanado no *[UK Army] Combat Capability for the Future (2013) os "Armoured Cavalry regiments will be manned and equipped to provide the formation level ground manned reconnaissance capability [...]".*

Verificamos assim, que as unidades de elevada prontidão, como são as *"Reaction Force Brigades" terão um GRec (Armoured Cavalry Regiment)* orgânico, constituído por 3 Esquadrões *(Saber Squadrons)* a 3 Pelotões de Reconhecimento *(Reconnaissance Troops)* equipados com 4 viaturas (atualmente a CVR(T) a ser substituídos até 2020 pelas SCOUT SV.

Também as forças designadas por *"Adaptable Forces"* e que compreendem um conjunto de forças regulares e de forças de reserva (organizadas em tempo de paz em torno de 7 comandos de Brigada, para efeitos administrativos e de treino) têm um par de GRec (um regular e um reservista).

Verificamos assim que também no Exército do Reino Unido, as Brigadas contam com um GRec orgânico.

O caso Russo

De acordo com Barabanov (2011) em 2008 o Ministério da Defesa Russo decidiu realizar um exercício de fogos reais, em Fevo9, com uma *"Motorized Rifle Brigade"* com uma nova estrutura. A nova *"Independent Motorized Rifle Brigade "* incluía na sua orgânica um Esquadrão de Reconhecimento *(Reconnaissance Company)*, á semelhança dos velhinhos Regimentos Russos.

Em termos de potencial esta brigada encontra-se abaixo duma divisão mas acima dos regimentos típicos do Exército Russo. Na mesma altura foi também esboçada a arquitetura para uma Brigada de Carros de Combate *(Independent Tank Brigade)* com uma arquitetura semelhante, alterando apenas as unidades de manobra. Inicialmente previsto para ser adaptado às novas estruturas até julho de 2009, os prazos foram prolongados e em agosto de 2009 foi elaborada uma proposta para elevar o escalão da ***unidade de reconhecimento de Esquadrão para Grupo,*** o que foi efetuado em setembro de 2009.

A reorganização do Exército para as novas estruturas baseadas em Brigadas foi dividida em duas fases: na primeira, terminada em dezembro de 2009, o Ministério da Defesa criou "novas" Brigadas com quadros orgânicos de material, provisórios, (usando os equipamentos existentes).

A segunda fase, que se prevê completa em 2015, com novos quadros orgânicos de material para as brigadas já existentes e a sua reorganização em Brigadas Pesadas *(Heavy)*, Médias *(Medium)* e Ligeiras *(Light)*. As *Heavy Brigades* serão a principal unidade do Exército, equipadas com meios blindados de lagartas, em prontidão imediata. As Medium (mobile) Brigade, equipadas apenas com viaturas blindadas de rodas serão utilizadas como forças de reação rápida. As Light Brigades serão forças de elevada mobilidade, equipadas com viaturas de blindagem ligeira.

Figura 5 - BTR 80

Em resumo

As brigadas modulares do Exército dos Estados Unidos da América, a *Heavy Brigade Combat Team (HBCT), a Stryker Bri-*

	USA	Dinamarca	Itália	Alemanha	Espanha	Holanda	Rússia	Austrália	Nova Zelândia	UK	Canadá
BrigBlind	GRec		GRec	GRec*			GRec				
BrigMec	GRec*	GRec	GRec	GRec*		ERec	GRec	GRec		GRec	GRec
BrigInf	GRec		GRec		GRec		GRec	ERec	GRec	GRec	
Brig Para			GRec	ERec							
BrigInf Legião					GRec						
DivBlind					GRec						
BrigApGer						GRec					

* Com outras capacidades ISTAR além do Reconhecimento.

Quadro 1 - Escalão das Unidades de Reconhecimento

gade Combat Team (SBCT) e a Infantry Brigade Combat Team (IBCT), possuem na sua estrutura orgânica, um GRec.

De acordo com o UK *Army 2020 design,* cada Brigada inclui na sua orgânica um GRec.

Rússia, na transformação dos seus Regimentos para a nova estrutura de Brigadas passará a incluir nas mesmas um GRec.

De acordo com a *Military Balance-2013,* complementado com os dados disponíveis nos sites de forças armadas de outros países, é possível constatar que na esmagadora maioria desses exércitos as brigadas mecanizadas possuem um GRec, conforme quadro resumo apresentado.

Conclusão

As referências doutrinárias apontam para forças de reconhecimento de maior escalão e com mais capacidades, estando a ser dotadas de mais meios cinéticos e não cinéticos, pelo que na maioria dos Exércitos analisados o escalão adotado, ao nível Brigada, é o de Grupo de Reconhecimento.

O reconhecimento é uma atividade realizada para obter informações sobre as atividades de um inimigo, ou outro adversário, terreno e condições ambientais e da população indígena de uma determinada área.

As unidades de reconhecimento devem ainda prover segurança à GU onde se integram e, de acordo com os fatores de decisão e/ou se reforçadas, podem ainda ser empregues em operações ofensivas e defensivas em economia de forças. No moderno espetro das operações militares, as unidades de reconhecimento poderão, adicionalmente, ser empregues em operações de estabilização e outras.

A constituição do GRec materializada no quadro da revisão do Sistema de Forças do Exército, representará um salto qualitativo significativo, não apenas ao nível dos equipamentos desta força, mas em termos doutrinários, garantindo uma força de reconhecimento capaz de conduzir de forma eficaz as tarefas primária ao nível das Operações de Reconhecimento e de Segurança, podendo ainda de acordo com os fatores de decisão e/ou se reforçadas, ser empregues em Operações Ofensivas e Defensivas em Economia de Forças, bem como o cumprimento de outras tarefas em todo o espectro do conflito.

Avante para a Glória!!

Bibliografia

Army (2012) – [UK Army] Transforming the British Army: Modernising to face an unpredictable future. UK Army. Disponível em www.gov.uk, acedido em 18Out14.

Dooley, Matthew A. (2006) - Ignoring History: The flawed effort to divorce Reconnaissance from Security in modern Cavalry Transformation (Tese apresentada para o grau de Master of Military Art and Science); US Army Command and General Staff College, Forth Leavenworth, Kansas.

Exército Português (2012) – PDE 3-00 Operações. Estado-maior do Exército.

HQ Department of the Army (2010) - FM 3-20.96 Reconnaissance and Cavalry Squadron, Março 2010. Washington DC. International Institute for Strategic Studies (2013) - The Military Balance 2013. Volume 113 2013. ISSN 1479-9022. IISS (Online).

i De acordo com Johnson et al. (2012), esta mudança foi acompanhada por outras mudanças, nomeadamente ao nível dos efetivos e da gestão das forças, possibilitando a "criação" de novas unidades, bem como a mudança de algumas capacidades de apoio da Reserva para as unidades do Ativo.

ii A composição e organização dos GRec são diferenciadas em termos de efetivos, estrutura, equipamentos e capacidades, de acordo com a BCT a que pertencem.

iii O número de GRec contempla as unidades pertencentes ao "Active Duty", "National Guard" e Army Reserve" e conta não apenas os Grupos das BCT mas também os pertencentes ao 3rd Armored Cavalry Regiment e à Battlefield Surveillance Brigade.

iv A última versão que chegou ao nosso conhecimento é de Dec96. Este manual aplicava-se ao Regimento de Reconhecimento (ACR - Armored Cavalry Regiment) e a todos os Grupos de Reconhecimento (Blindados, Ligeiros, Aéreos), e apesar de o foco ser nos escalões Regimento e Grupo os princípios e fundamentos aplicavam-se também às respetivas subunidades, bem como aos Esquadrões de Reconhecimento Independentes

v "[..] the fundamental role of the squadron is conducting reconnaissance or security missions in support of its higher headquarters [...]. [...] Depending on the mission variables of METT-TC [...] reconnaissance squadrons and the ACR cavalry squadron can perform offensive or defensive operations in an economy of force role" (FM 3-20.96, March 2010, pag 1-3/4).

vi Para o Exército do Reino Unido: Reconnaissance Regiment é traduzido como Grupo de Reconhecimento, Squadron Sabers é traduzido como Esquadrão de Reconhecimento e Reconniasance Troop é traduzido como Pelotão de Reconhecimento

vii A typical "New Look" independent motorized rifle brigade included: the brigade's command and HQ; three motorized rifle battalions; one tank battalion; two self-propelled howitzer artillery battalions; one anti-tank battalion; one SAM battalion; one air-defense battalion; one rocket artillery battalion; one engineer battalion; one repair and maintenance battalion; one communications battalion; one logistics battalion; one reconnaissance company; one command and artillery reconnaissance battery; one NBC company; one radio-electronic warfare company. (Barabanov, 23-24).

A ARTILHARIA ANTIAÉREA NO APOIO À CAPACIDADE OPERACIONAL DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO -2ª Parte

CAP ART
ALEXANDRE CASINHA

Enquadramento

Na primeira parte deste artigo, retirou-se como essencial o contributo da Artilharia Antiaérea em prol da Capacidade da Brigada de Intervenção, analisado segundo o ponto de vista da nova organização por funções de combate.

Nesta segunda parte, faremos uma abordagem do caso do Grupo de Artilharia Antiaérea e da Bateria de Artilharia Antiaérea, de forma a elucidar o leitor sobre a organização e o modo de emprego concreto e atual da valência de proteção Antiaérea.

Depois, far-se-à uma análise sumária das três componentes da Artilharia Antiaérea: Sistemas de Armas, Sistemas Radar e Sistemas de Comando e Controlo –salientando, sobretudo, as potencialidades dos meios atualmente existentes e dos que se pretendem vir a obter, no intuito de se continuar a melhorar a capacidade da Artilharia Antiaérea em prol das diversas missões cometidas ao Exército e, em particular, à Brigada de Intervenção. Por último, nas considerações finais serão salientados, de forma sumária, os pontos mais importantes de todo o desenvolvimento.

1. *O caso do GAAA*

a. Enquadramento

O Grupo de Artilharia Antiaérea das Forças de Apoio Geral, sedeado no Regimento de Artilharia Antiaérea, consiste numa Unidade da Estrutura de Base que integra em si a Bateria de Comando e Serviços (BCS); a Bateria de Artilharia Antiaérea das Forças de Apoio Geral (BtrAAA/AG), a Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Intervenção (BtrAAA/BrigInt), a Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Reação Rápida (BtrAAA/BRR) e uma Bateria HIMAD (a levantar). O objetivo desta Unidade é o de criar sinergias entre as várias subunidades em termos de treino, pessoal, equipamento, tarefas, responsabilidades, formação e outras áreas de âmbito operacional.

Esta configuração do GAAA apresenta-se bastante vantajosa, pois permite uniformizar procedimentos e rentabiliza a escassez de recursos, garantindo flexibilidade aquando da necessidade de empregar uma força de Artilharia Antiaérea.

b. Emprego Operacional

O emprego de qualquer Subunidade operacional do GAAA (subentenda-se BtrAAA/BrigInt[1], BtrAAA/BRR[2] e BtrAAA/AG[3]) necessita sempre da parte proporcional dos meios de apoio e sustentação[4], os quais são cedidos pela BCS do GAAA e, para além disso, nos casos em que os níveis de levantamento ou de existências de meios humanos ou materiais da Bateria Operacional a empenhar sejam baixos, existe sempre a possibilidade de reforço com elementos provenientes das outras Baterias de Artilharia Antiaérea. Outra situação que torna evidente esta sinergia surge aquando da necessidade de se constituírem Forças Tarefas de Artilharia Antiaérea, dotadas de uma multiplicidade e variedade de meios (vária natureza) específicos, orientados para o cumprimento de uma dada missão, desta forma incrementando flexibilidade de emprego.

c. Outras responsabilidades

O GAAA tem igualmente responsabilidades no enquadramento da formação, treino, assim como responsabilidades na produção ou condução da produção de doutrina; na elaboração de estudos/investigação e formulação de propostas de aquisição de equipamento.

2. *O caso da BtrAAA/BrigInt*

a. Missão

A missão da Bateria de Artilharia Antiaérea da BrigInt, preconizada em Quadro Orgânico é a de se preparar para executar operações em todo o espetro de operações, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.

Como já vimos a missão preconizada no Quadro Orgânico, apesar de ter como virtude não restringir o emprego operacional da Bateria, apresentando uma perspetiva muito alargada de missões; no entanto, parece "pecar" por não dar uma noção mais concreta das reais possibilidades da Bateria de Artilharia Antiaérea no contexto das operações que pode realizar e para as quais pode contribuir. Deste modo, restabelece-se a missão da seguinte forma[5] :

A Bateria de Artilharia Antiaérea prepara-se para, à ordem, efetuar a proteção Antiaérea da Brigada de Intervenção, de outras Forças ou elementos a defender; para reforçar outras forças de Artilharia Antiaérea; para participar no esforço de informações sobre a ameaça aérea e no esforço de gestão do Espaço Aéreo; para integrar forças de manobra na condução de operações de estabilização e apoio e outras operações de resposta crise; e/ou para fazer face a todo o tipo de solicitações que surjam, no âmbito dos planos e tarefas definidos superiormente, assim como das determinações e obrigações da Estrutura de Base do Regimento de Artilharia Antiaérea[6] .

b. Organização

A Bateria de Artilharia Antiaérea contempla na sua estrutura as seguintes estruturas: Comando, Secção de Comando, Secção de Transmissões; Secção de Ligação, um Pelotão Radar (a três secções Radar de Aviso Local e uma secção a levantar ou cedida de reforço pelo GAAA), dois Pelotões de Artilharia Antiaérea (constituídos respetivamente pelo Comando, duas Secções Canhão Autopropulsado e quatro secções Sistema Míssil Ligeiro –cada secção materializada por um sistema de Armas[7]). Para além destes meios, recebe de reforço ou, em segunda prioridade, são levantados na própria estrutura, à ordem, o seguinte: Secção de Manutenção

(BCS/GAAA); Secção de Reabastecimento (BCS/GAAA); Secção Sanitária (BCS/GAAA) e Pelotão Míssil Portátil Stinger (BtrAAA/AG) do GAAA.

Sendo que neste momento o nível de levantamento é de 44%, a prioridade do seu levantamento recai sobre as seguintes estruturas: Comando; Secção de Comando; Secção de Ligação; uma Secção Radar de Aviso Local e um Pelotão Sistema Ligeiro Chaparral (a quatro ou seis secções), sendo os restantes elementos completados, à ordem, pelo GAAA.

c. Nível de ambição

Certificação da capacidade operacional da Bateria de acordo com os requisitos NATO preconizados[8] para Unidades SHORAD[9] .

Intenção em voltar a colaborar, participar ou a nomear militares para missões Internacionais no contexto das Operações de Resposta a Crise ou de outra natureza, como permissa importante para ascender a motivação para níveis ainda mais elevados.

3. Breve descrição de algumas possibil idades de meios materiais da Artilharia Antiaérea na atual idade e ambição para um futuro próximo

a. Sistemas de Armas

(1) Atualidade

(a) O atual Sistema Míssil Ligeiro Chaparral equipa a BtrAAA da Brigada Mecanizada e a BtrAAA/BrigInt. É um sistema míssil americano que consiste numa torre, com possibilidade de carregamento de quatro mísseis[10] , montada sobre uma viatura de lagartas. Serve este sistema para empenhamento sobre uma ameaça aérea voando a baixa e muito baixa altitude-5km. Equipa o Exército Português desde 1981 e da sua guarnição[11] constam cinco elementos.

Fig 5: Sistema Míssil Ligeiro Chaparral

(b) Sistema Míssil Portátil Stinger

O atual Sistema Míssil Portátil Stinger entrou ao serviço do Exército Português em 1997 e equipa a BtrAAA/BRR e a BtrAAA/AG. No entanto, este sistema também pode ser cedido pelo GAAA à BtrAAA/BrigInt e BtrAAA/BrigMec. É um sistema míssil para empenhamento sobre uma ameaça aérea voando a baixa e muito baixa altitude (5Km), mas com a grande vantagem de ser portátil, projetável por forças Páraquedistas e de ser constituído por uma guarnição mais reduzida (três elementos).

(c) Sistema Canhão Bitubo

O sistema canhão bitubo de calibre 20mm é uma arma antiaérea de tiro tenso e elevada cadência de tiro, de origem alemã que equipa o Exército Português desde 1981. Tem como principal possibilidade a defesa de pontos e zonas sensíveis contra a ameaça aérea voando a baixa e muito baixa altitude[12] (2Km) e por esta razão equipa as Baterias de Artilharia Antiaérea da Zona Militar do Açores e da Madeira e a BtrAAA/AG.

(2) Ambição num futuro próximo

(a) Vertente SHORAD: opção equacionada –Skyranger.

Este sistema de origem Alemã caracteriza-se por associar num mesmo tipo deplataforma três componentes: Radar de Aviso Local 3D[13] , Sistema Canhão de 35mm e Sistema Ligeiro. O Canhão Skyranger tem um alcance de 4Km e uma cadência de tiro de 1000 tiros por minuto, algo que o torna capaz de fazer face à ameaça RAM[14] . O sistema Skyranger pode incorporar na mesma estrutura alternativamente o seu sistema de lançamento míssil com quatro lançadores, nos quais são carregados quatro mísseis "Bolide", de fabrico sueco, com guiamento laser e um alcance de 8Km, algo que o torna especialmente eficaz contra UAV e mísseis cruzeiro.

Como grandes vantagens deste sistema em relação aos atuais salienta-se o seguinte:

(1) Mais indicado para a nova tipologia de ameaça;

(2) Possibilidade da sua estrutura de lançamento poder ser montada numa viatura de rodas, tipo Pandur, ou numa viatura de lagartas;

(3) Possibilidade de fazer empenhamentos com a viatura em movimento;

(4) Possibilidade da sua torre ser acoplada em viaturas de rodas, situação esta que o torna mais adequado à mobilidade da Brigada de Intervenção;

(5) Controlo do lançamento de forma remota;

(6) Incorpora Radar de Conduta de Tiro (que permite corrigir trajetórias do tiro);

(7) Pode incorporar Radar 3D;

(8) Esperado como a principal opção SHORAD na Ale-

manha aquando da sua implementação em 2015.

Como possíveis incovenientes:

(1) O encontrar-se ainda em fase de teste, não lhe permitiu por meio da experiência confirmar a existência de lacunas.

(b) Vertente HIMAD: opção equacionada Raytheon SLAMRAAM

O Sistema Raytheon é um Sistema de fabrico norueguês que pode ser montado sobre uma viatura de rodas, tipo, HMMWV, que consiste em quatro lançadores mísseis. Apesar de estar classificado como sistema HIMAD, na sua vertente terra-ar[15], é um Sistema de Médio Alcance em que, dependendo da velocidade da aeronave, da capacidade dos Radares associados, e do facto de vir em trajetória de aproximação ou afastamento, o seu alcance poderá variar entre os 10Km e os 100Km, aproximadamente.

Como inconveniente apresenta-se o facto de ser um sistema ainda em desenvolvimento, de preço de aquisição elevado e de ter o inconveniente de não poder ser instalado numa viatura tipo PANDUR[16] .

b. Radares

(1)Atualidade

(a) Radar de Aviso Local PSTAR

O Radar PSTAR é um Radar de Aviso Local – com alcances de deteção de aeronaves de asa fixa a 20Km e de Helicópteros a 14Km- de fabrico Americano que foi aquirido em 2003 pelo Exército Português. Apresenta como grandes vantagens a sua facilidade de transporte e mobilidade (podendo ser inclusivamente lançado de Páraquedas), ocupando um reduzido espaço e podendo ser transportado por apenas dois militares. Para além disso, os seus dados podem ser transmitidos, via digital (imagem em tempo real), para terminais junto dos sistemas de Armas de Antiaérea (Batterfield Management Terminal –BMT).

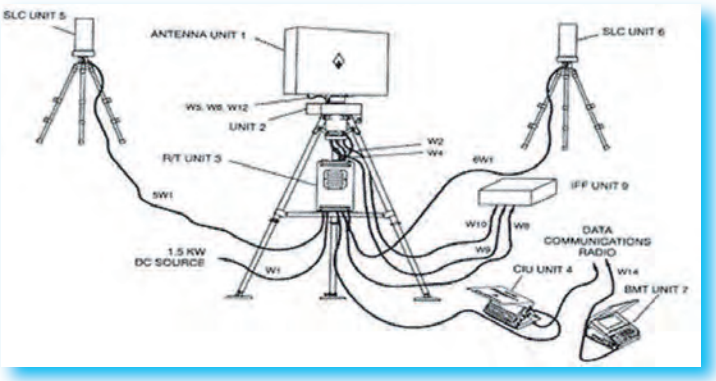


Fig 6: Sistema Radar PSTAR (Fonte: BoletimAAA nº9)

(2) Ambição Futura

(a) Radar de Aviso Local: opção Skyranger

O Skyranger é um radar de Aviso Local – com alcances de 50km de distância e 6Km de altura[17] - de origem Alemã, com possibilidade de ser operável em movimento; de efetuar a transmissão automática de dados para os terminais de armas, de classificar os alvos como sendo de asa fixa, helicopteros, mísseis e RAM. A maior vantagem que apresenta relativamente ao sistema PSTAR é o alcance e o seu tipo de cobertura radar ser "3D"[18] .

Figura 7: sistema Skyranger na sua vertente Canhão, Radar e Míssil Ligeiro
Fonte. Relatório de Progresso da Área de Reequipamento da AAA.

c. Sistemas de Comando e Controlo

(1) Atualidade

(a) Interligação entre os rádios PPRC-525 e os *Battlefield Management Terminal* (BMT)[19]

Esta ligação não se pode considerar um sistema de Comando e Controlo, mas apenas uma ferramenta que permite otimizar a rede de vigilância da Artilharia Antiaérea sobre a ameaça, dotando os terminais de armas, por intermédio da interligação dos Rádios PPRC-525, da possibilidade de receber, em tempo real, informação digital, em forma de imagem, sobre a ameaça aérea.

(2) Ambição num futuro próximo

(a) SICCA3

Muito semelhante à *Air Defense Management and Airspace Cell* americana, o SICCA[20] 3 é um sistema Comando e Controlo, Comunicações, Computadores e Informações cuja grande vantagem é a de integrar em si todo Sistema de Defesa Nacional em interligação com o Sistema NATO[21], e por isso, permitir a respetiva compilação das várias imagens aéreas locais – imagens geradas em cada sensor, sejam eles terrestres ou aéreos- gerando uma Imagem Operacional Comum –*Commun Operational Picture* (COP), que dará ao Comandante da Força uma perspetiva completamente esclarecedora acerca do fluxo do Espaço Aéreo[22] – e lhe permitirá uma gestão adequada do mesmo - assim como das Operações de Defesa Aérea .

O Sistema SICCA3 é composto por quatro elementos:

- o módulo de gestão da Força: módulo que deverá fazer a gestão de documentos, permitir a elaboração de relatórios em todas as áreas de Estado-Maior e disponibilizar em tempo real a imagem do terreno com a implantação das Unidades;

- o módulo de operações: módulo que deverá ter a capacidade de apresentar a COP, para além de permitir efetuar a avaliação da ameaça, fazer a atribuição e monotorização de empenhamentos e indicar os estados de prontidão dos sistemas de armas e radares;

- o módulo de links e comunicações: módulo que deverá ser compatível com os link´s NATO (Link11, 11B –Marinha- e link16 – Força Aérea), e ainda com os sistemas SICCE e SIC-T do Exército;

- módulo de simulação: módulo que deverá gerar cenários, simular o controlo dos sistemas de armas e radares e ter um modo de funcionamento exlusivo para treino dos operadores do próprio sistema de Comando e Controlo.

Figura 8: Shelter de Comando e Controlo
Fonte: Boletim AAA Nº11

4. Considerações Finais

No decorrer da elaboração do presente artigo procurou-se revelar que o contributo da Artilharia Antiaérea em prol da Brigada de Intervenção não se cinge unicamente à proteção Antiaérea conferida pela sua Bateria de Artilharia Antiaérea orgânica em ambiente de guerra total. Mais do que isso, pretendeu-se, pois, evidenciar que este contributo se estende a todo o espetro de operações e a diversas funções de combate, que não somente a função de combate proteção, como empiricamente se faz parecer.

Neste seguimento, o apoio da AAA estende-se à função de combate de Informações (por meio dos Radares – aviso local e vigilância- que detetam, identificam e avaliam a evolução da ameaça aérea); à função de combate de Manobra e Movimento (apoio destas operações por meio do Oficial de Apoio de Fogos que aconselha – Chefe do G3 e Comandante- em assuntos que dizem respeito à Gestão do Espaço Aéreo); à função de combate de Comando e Missão (elaboração e difusão, através do Sistema de Comando e Controlo da Artilharia Antiaérea –SICCA3- dos planos e medidas de Gestão do Espaço Aéreo; presença no Estado-Maior técnico de um Oficial de Apoio Aéreo e de um Oficial de Defesa Aérea que apoiam o Comandante nas suas decisões e estabelecimento das diretivas).

Para além dos contributos mencionados, observámos também, que em algumas missões no âmbito das Operações de Resposta a Crise, a Artilharia Antiaérea executou tarefas de sustentação (ex: Constituição da Companhia Alfa Coy/Agr-Mike/KTM/KFOR na missão do Teatro do Kosovo em Setembro de 2008); noutras constitui-se como elemento de manobra e movimento (ex: projeção do 3º Pelotão da 1ªCat/Agr-Forxtrot/PKF/ UNMISET, em Julho de 2003, no Teatro de Operações de Timor-Leste); noutras funcionou como elemento de fogos (Pelotão de Morteiros Médios/Alfa Coy/Agr-Mike/KTM/KFOR, no Teatro do Kosovo, em Março de 2009); e noutras ainda prestou funções de "mentorização" (ex: projeção da 4ª e 7ª OMLT.G/ISAF, no Teatro do Afeganistão, em Setembro de 2009 e Março de 2011 respetivamente), algo que consideramos mais relacionado com o Comando e Missão. Para esta panóplia de contributos, o apoio à Brigada de Intervenção deve ser visto numa perspetiva de disponibilidade total do Universo que constitui o Regimento de Artilharia Antiaérea, com realce para a estrutura do Grupo de Artilharia Antiaérea das Forças de Apoio Geral.

Não existem dúvidas que são vastas as competências da Artilharia Antiárea, e que são muitos e variáveis os cenários da sua atuação, comprovados pelas experiências destes últimos dez anos, em que o balanço, fruto das avaliações e dos reconhecimentos efetuados, foi sempre bastante positivo.

Por todos os argumentos apresentados, com base na doutrina atual, nas experiências e missões concretizadas, e numa modesta reflexão pessoal, não restam dúvidas de que a Brigada de Intervenção pode contar com todas as valências da Artilharia Antiaérea e, sobretudo, com a vontade, o empenho, o "saber-estar", "saber-saber" e "saber-fazer" dos Artilheiros, em prol da crescente evolução da sua capacidade operacional.

1 Com prioridade para as seguintes estruturas: Comando; Secção de Comando; Centro de Operações da Bateria; Secção de Ligação; uma Secção Radar de Aviso Local e um Pelotão Sistema Ligeiro Chaparral (a quatro ou seis secções).

2 Com prioridade para as seguintes estruturas: Comando; Secção de Comando; uma Secção Radar PSTAR e um Pelotão do Sistema Ligeiro Stinger (a quatro ou seis secções em permanência e à ordem podem ser dadas condições para se constituirem dois Pelotões num total de oito Secções – ou seja, oito sistemas Chaparral).

3 Com prioridade para as seguintes estruturas: Comando; Secção de Comando; um Pelotão Radar PSTAR (a duas ou três secções); um Pelotão Canhão Bitubo (duas ou quatro Secções) e um Pelotão Stinger (a quatro Secções).

4 Secção de Manutenção composta pela equipa de manutenção Auto e pelaa equipa de Manutenção de Sistemas; Secção de Reabastecimento composta pela equipa de reabastecimento e equipa de alimentação e Secção Sanitária.

5 Missão restabelecida.

6 Este é um primeiro passo na tentativa de tentar sintetiza numa missão a panóplia de tarefas que a Bateria de Artilharia Antiaérea pretende estar prepara a efetuar; no entanto, isto não quer dizer que o mesmo articulado não possa sofrer alterações.

7 Neste momento, na falta destes equipamentos, esta estrutura de Pelotão está adaptada da seguinte forma (dois Pelotões Sistema Míssil Ligeiro Chaparral constituídos respetivamente pelo Comando e quatro secções – cada secção materializando um sistema de Armas).

8 Requisitos estes que estão a ser sistematizados pelo Estado-Maior do GAAA, em articulação com a BtrAAA/BrigInt, com base em doutrina NATO relativa aos sistemas SHORAD

9 Short Range Air Defense System; Sistema de Defesa Aérea de curto alcance (alcances até aproximadamente 5Km).

10 Quatro rampas de lançamento.

11 Pessoal essencial para operar eficientemente o sistema

12 Especialmente vocacionado para Helicópteros

13 Radares com alcance na ordem dos 20Km e com possibilidade de obter dados sobre a alvos aéreos, não só de distância e direção, mas também de altitude, daí a designação "3D"

14 Rever o significado desta sigla no sub-parágrafo destinado à caracterização da ameaça – Rocket, Artillery and Mortar.

17 Capacidade para seguir 50 alvos em simultâneo18 Permite acrescentar a altura, aos dados de direção e distância do alvo.

19 Estações em forma de display PPI - Plan Position Indicator- junto aos terminais de armas.

20 Sistema de Comando e Controlo Integrado da Artilharia Antiaérea.

21 Por meio da ligação ao CRC – *Control and Reporting Center, CAOC – Combinated Air Operation Center*, radares de vigilância e controlo do espaço aéreo da Força Aérea.Portuguesa, esquadras de interceptores, aeronaves da NATO e CRC´s de países aliados.

22 Situação Aérea (Situational awareness)

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias:

- ATTP 5_01; Commander and Staff Officer Guide; Setembro 2011.

- ATTP 5-01; Commander And Staff Officer Guide; Setembro de 2011.

- Dicionário Ed itora da Língua Portuguesa; Porto Ed itora; Porto; 2013.

- FM 3-01-50; Air Defense and Airspace Management Cell Operations; 2007.

- FM 3-01.11 Air Defense Artillery Reference Handbook; 2007.

- FM 3_00 Operation; February 2011.

- MC 18-130; Regulamento de Comando e Controlo do Espaço Aéreo; 2001.

- PDE 3-00 Operações; Abril de 2012

- PDE 3_00 RC Operações; Setembro de 2005.

- PDE 5_00 Processo Tático e Tomada de Decisão; Agosto de 2007.

- Quadro Orgânico do Comando e Companhia de Apoio de Serviços da Brigada de Intervenção -24.0.10; 08 de Julho de 2010.

- Quadro Orgânico da Bateria de Artilharia Antiaérea – 24.0.17; 29 de Junho de 2009.

- RC 18-00; Regulamento de Tática de Artilharia Antiaérea; 2001.

- Plano de Implementação de Capacidade – Sistema Integrado de Comando e Controlo; Agosto de 2010.

- RC 18-100; Regulamento de Táctica de Artilharia Antiaérea; 2001.

- Relatório de Progresso – Área de Reequipamento da Artilharia Antiaérea; 08 de Março de 2010.

Fontes Secundárias

- CASINHA, Alexandre (2011); Os Radares de Artilharia Antiaérea Face ao Novo Ambiente Operacional in Boletim de Artilharia Antiaérea (2011).

- Boletim de Artilharia Antiaérea; o RAAA1 nas Forças Nacionais Destacadas nº10 II Série; Outubro de 2010.

- Boletim de Artilharia Antiaérea; – Armas e Equipamentos- Atualidade e Opções Futuras; nº11 II Série; Outubro de 2011.

- Boletim de Artilharia Antiaérea - Uma Artilharia Antiaérea por Capacidades nº9; II Série; Outubro 2009.

- FM 3-01.11; Air Defense Artillery Reference Handbook; 2007.

- MOUTA, Tenente Luís et al; O Emprego de uma ADAM-cell no atual Ambiente Operacional – Trabalho de Investigação de Grupo no âmbito do Curso de Promoção a Capitão; 20 de Junho de 2012, Vendas Novas.

- RAMALHO, General José Luís Pinto; EXÉRCITO PORTUGUÊS – Uma Visão – Um Rumo – Um Futuro; Lisboa; Gabinete do Chefe de Estado-Maior do Exército; 2011.

PRINCIPAIS CAPACIDADES E LIMITAÇÕES CSI DAS VBR PANDUR CPV

CAP TM
SÍLVIA GOMES

1. Introdução

Os sistemas de Comando e Controlo (C2) do Exército revestem-se cada vez mais de grande importância e as facilidades que hoje são disponibilizadas ao utilizador final são, crescentemente, de grande relevo e complexidade. A evolução tecnológica veio permitir fornecer serviços idênticos, quer em instalações físicas (em qualquer UEO do Exército) quer em qualquer operação ou exercício.

Esta complexidade, por sua vez, exige mais e melhores conhecimentos técnicos para garantir o funcionamento de um sistema per si e, no limite, a interligação e integração entre toda a Rede de Dados do Exército (RDE).

A VBR PANDUR II, versão CPV, que equipa a Brigada de Intervenção foi concebida e preparada para apoiar um Posto de Comando dispondo, para tal, de vários equipamentos de comunicações e sistemas de informação instalados.

2. Subsistemas de comunicações

Ao nível dos Sistemas de Comunicação e Sistemas de Informação (SCSI) a VBR PANDUR II CPV é guarnecida com os seguintes equipamentos:

- Integrated Communications Centre (ICC-201);
- Router Switch (RSW-201);
- E/R PRC-525 (quatro rádios, agrupados em duas montagens duplas);
- Rádio de Banda Larga ITT HCDR CENTAUR;
- Dois servidores robustecidos.

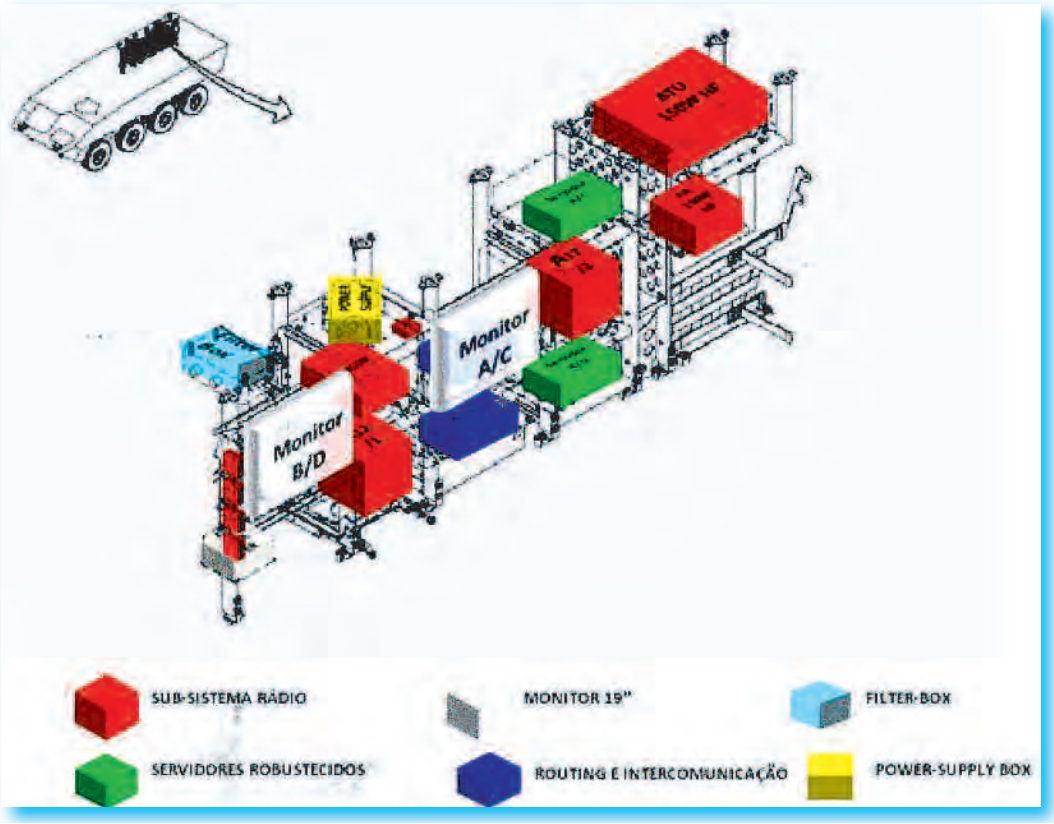


Fig. 1 – Localização dos equipamentos CSI na VBR PANDUR CPV

Os SCSI possibilitam aos ocupantes da viatura enviar e receber dados para atualização do sistema de C2, bem como para o envio e receção de voz. O sistema de comunicação da VBR PANDUR CPV é composto por três componentes distintas: a componente de voz entre viaturas PANDUR e interna da própria viatura, a componente de rede local e a componente de rede externa.

Para que os ocupantes da viatura possam usufruir em pleno dos serviços disponibilizados em operações ou exercícios é necessário que tenham consciência das capacidades e limitações dos sistemas que têm ao dispor por forma a rentabilizá-los da melhor maneira.

Foi neste sentido que a CTm/BrigInt recebeu a VBR PANDUR CPV: reconhecer, identificar e explorar os meios e sistemas de comunicações presentes na viatura.

Os trabalhos foram desenvolvidos no Regimento de Transmissões no período compreendido entre 18mar14 e 08mai14. Estes trabalhos foram complementados e concluídos na semana de 12 a 16mai14, no RI13, durante a realização do CPX do Exercício Júpiter 14.

O sistema de voz é constituído pelos equipamentos rádio P/PRC-525 (quatro equipamentos instalados em duas montagens duplas) e controlados pelo equipamento ICC-201, configurado pela empresa fornecedora.

O sistema de rede local é constituído por um ponto de acesso wireless, um Router Switch (RSW-201), e ainda o equipamento ICC-201. Os diferentes equipamentos interagem entre si por forma a criar um domínio interno da viatura passível de ser integrado com a RDE.

O sistema de rede externa é composto pelo RSW-201, ICC-201 e pelo Rádio de banda larga. A existência de um modem DSL integrado no RSW-201 permite a conexão com uma mesma interface em distâncias bastante superiores.

São consideradas redes externas todas as ligações com redes não existentes no domínio da viatura. Estas interfaces são necessárias para a constituição quer de posto de comando (parelha de viaturas CPV), quer para a integração com a RDE através dos módulos SIC-T.

3. Análise da situação dos principais equipamentos

O conceito inicial para o emprego do Rádio de banda larga (ITT HCDR CENTAUR) previa que cada VBR PANDUR CPV fosse equipada com um destes equipamentos. Fruto da escassez de meios, neste momento cada parelha de PANDUR CPV dispõe de um rádio de banda larga.

No que respeita ao equipamento rádio P/PRC-525, os quatro equipamentos existentes na viatura, divididos por duas montagens duplas, permitem manter em permanência a ligação de voz e dados entre a parelha de VBR PANDUR CPV e outras viaturas PANDUR.

Durante o período de permanência da viatura no RT foram feitos diversos testes de utilização dos equipamentos rádio P/PRC-525 controlados pelo ICC-201, como previsto nos manuais deste último equipamento.

Daqui ressaltam duas principais valências: a possibilidade de configurar o ICC-201 para que o P/PRC-525 entre em controlo remoto e que funcione como estação repetidora. Esta última é claramente uma grande vantagem pelo facto de na Brigada apenas existir uma única estação fixa repetidora para o P/PRC-525.

O ICC-201 é a unidade central da VBR PANDUR CPV, sendo o dispositivo que permite controlar todos os equipamentos de comunicações e sistemas de informação.

O estudo deste equipamento tornou-se no maior desafio, uma vez que apenas houve um curso de formação de ICC-201 ministrado em 2008, e nenhum dos militares da CTm/BrigInt participou nesta formação.

Foram desenvolvidos vários trabalhos para compreender e testar este equipamento, sendo de ressalvar a possibilidade de utilizar um Field Terminal ligado ao ICC-201.

Em qualquer das versões das viaturas PANDUR, no painel externo é feita a ligação de um Field Terminal. Foi testado o funcionamento numa ligação simples, apenas com um terminal.

Para fazer a ligação entre a viatura CPV e o terminal, a chamada deve ser feita no intercomunicador da viatura. Esta ligação é vantajosa e uma mais-valia quando em posição defensiva, uma vez que esta ligação é um prolongamento da própria viatura.

Por fim, o equipamento RSW-201 é constituído internamente por outros dois equipamentos, um router CISCO 3270 e um router SHDSL TELINDUS 1423. Através deste equipamento podem ser estabelecidos dois tipos de ligações:

- Com o router wireless estabelecer a ligação de utilizadores, na área da viatura, à rede privada local (apenas permite ligar terminais a uma rede sem fios na gama 192.168.x.x);

- Com o router CISCO estabelecer a ligação, via LAN ou via ADSL, ao SIC-T e SIC-Op.

4. Ligação entre VBR PANDUR CPV

As VBR PANDUR CPV foram dimensionadas para um Posto de Comando de Batalhão, constituído por duas viaturas

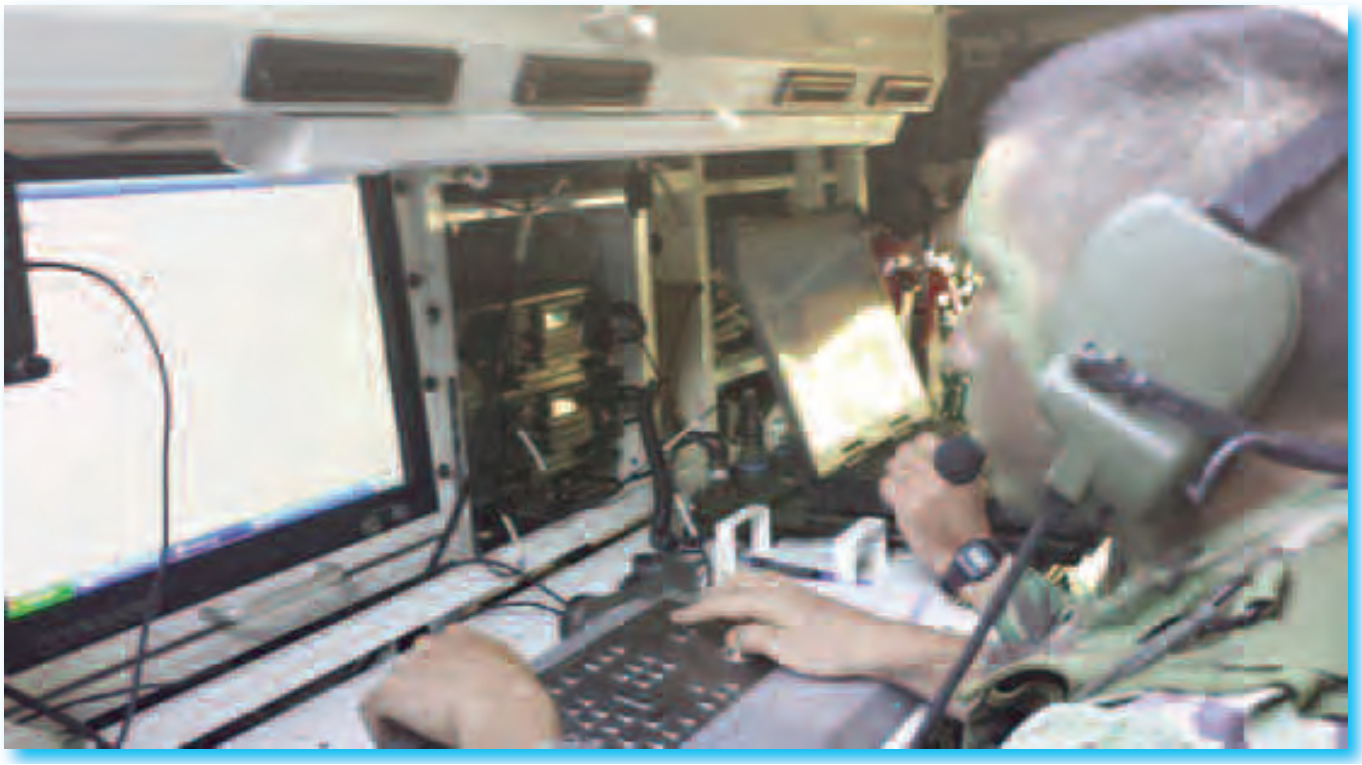


Fig. 2 – Operação do PCTact durante o exercício JÚPITER 14

blindadas PANDUR que trabalham segundo a filosofia de parelha. No entanto, cada viatura tem um domínio e endereço específico.

A solução fornecida pela empresa EID contempla a ligação entre as duas viaturas com recurso a Fibra Ótica (FO) e Ethernet sobre cobre (cabo UTP). Apesar de estarem preconizadas estas duas possibilidades de ligação entre as viaturas CPV, não foi entregue ou adquirida nenhuma FO com esta finalidade.

Assim, os trabalhos realizados e os testes de ligação efetuados foram feitos apenas com recurso a cabo UTP, estando as viaturas fisicamente próximas uma da outra.

5. Interligação com o SIC-T

A RDE é uma estrutura estática de suporte ao C2 do Exército que segue protocolos estabelecidos entre os diferentes ramos das FA, disponibilizando informação e conteúdos aos militares.

Fig. 3 – Organização do PCTact com o apoio dos meios SIC-T durante o Exercício JÚPITER 14.

Os módulos SIC-T foram desenvolvidos para dotar os militares em campanha (em teatros ou em exercícios) do mesmo sistema de informação e serviços que são disponibilizados para o Exército, em qualquer aquartelamento.

Estes módulos seguem regras de integração da rede de campanha com as redes permanentes, e são apoiados nesta integração pela DCSI.

Todas as redes de campanha deverão ser interligadas pelos meios SIC-T e consequentemente integrados na estrutura da RDE.

As VBR PANDUR CPV dispõem de capacidade de integração na RDE, porém esta integração pressupõe apoio da CTm com os meios SIC-T que permitem esta ligação.

6. Conclusões

Os trabalhos realizados pela CTm/BrigInt foram bastante positivos e aliciantes para os militares que neles participaram, tendo ido de encontro aos objetivos inicialmente traçados, fazendo um levantamento das principais capacidades e limitações da VBR PANDUR II CPV.

São várias as capacidades e possibilidades levantadas e demonstradas, apesar das limitações que decorrem, essencialmente, da escassez ou falta de material.

Os trabalhos desenvolvidos seguiram uma abordagem sequencial a todos os equipamentos de comunicações e sistemas de informação e culminaram com testes de interligação ao SIC-T e integração na RDE.

Após a conclusão dos trabalhos no RT foram desenvolvidas várias atividades de sensibilização/demonstração da utilização dos meios e das principais valências no emprego das VBR PANDUR CPV.

Estas atividades, que decorreram durante o CPX do exercício JÚPITER 14 e na preparação do exercício DRAGÃO 14, culminaram no emprego destas viaturas como Posto de Comando em ambos os exercícios.

TCOR INF
ANTÓNIO MASCARENHAS

O Apoio de Serviços vem assumindo cada vez mais relevância tornando-se num fator essencial para preservar o bem-estar das tropas e o potencial de combate das forças.

De nada serve a sofisticação dos equipamentos, se não houver técnicos qualificados para os manter e se os seus utilizadores estiverem desmoralizados e incapazes de os operar nas melhores condições.

Materializa-se na procura e obtenção dos abastecimentos incluindo o seu armazenamento, acondicionamento e distribuição; no planeamento, direção e o controlo dos meios de transporte; na manutenção e reparação de material; na prevenção, evacuação e tratamento de baixas, nos serviços de moral e bem-estar necessários, na atribuição e adequação de instalações, bem como na garantia da satisfação das necessidades de Pessoal para o cabal cumprimento da missão. Assim, o ApSvc subdivide-se em duas grandes áreas: o Apoio de Pessoal e o Apoio Logístico (PDE 3-52-05).

Apoio de Pessoal

As Funções Específicas são da responsabilidade primária do "G1- Pessoal" e agrupam-se em áreas de atividade conforme se indica:

Apoio Logístico

Funções Específicas	Áreas de Atividade
Efetivos.	Manutenção do efetivo
Recompletamento	
Pessoal Militar	Administração do pessoal
Pessoal Civil	
PG	
Pessoal Prisioneiro do In Recuperado.	
Segurança do Pessoal	
Moral e Serviços de Pessoal	Desenvolvimento e manutenção do moral
Condecorações e Recompensas.	
Relatórios de Baixas	
Assuntos Mortuários	
Manutenção da Disciplina, Lei e Ordem	Manutenção da disciplina lei e ordem
Administração Interna	Administração interna
Administração do Potencial Humano	Administração do potencial humano

A PDE 4-00 LOGÍSTICA, é a publicação de nível I que estabelece a base conceptual da LOGÍSTICA do Exército Português, na qual se inclui a sua definição, os princípios orientadores pelos quais as atividades logísticas se devem reger e como estas devem ser agrupadas, concorrendo para a mesma finalidade logística (funções e processos logísticos). Esta publicação organiza e caracteriza a execução das atividades logísticas do Exército nas seguintes funções logísticas:

- Reabastecimento;
- Movimento e Transporte;
- Manutenção;
- Apoio Sanitário;
- Infraestruturas;
- Aquisição, Contratação e Alienação;
- Serviços. Nesta função estão contemplados os seguintes Serviços: Alimentação; Fabrico de Pão; Purificação de Água; Banhos e troca de fardamento, Lavandaria e Renovação de Têxteis; Cantinas; Utilização de Mão-de-obra; Recolha; Camuflagem; Descontaminação; Produção e Distribuição de Energia; Luta contra Incêndios e Lançamento Aéreo.

O BApSvc é a unidade adequada para prestar o Apoio de Serviços à BrigInt, em todo o espectro de conflitualidade dentro e fora do Território Nacional. Há no entanto três funções logísticas (Apoio Sanitário Infraestruturas; Aquisição, Contratação e Alienação) que o BApSvc não consegue garantir, fruto das limitações resultantes das suas Estruturas Operacionais de Pessoal e Material.

Relativamente ao Apoio Sanitário, o despacho 152/CEME/11, estabelece o seguinte: ..." Assegurar o ApSan a Forças e militares do Exército, destacados em operações ou treino dentro ou fora do TN, com recurso a uma estrutura flexível e projetável, a EstrApSan-Camp constituída pelo Agrupamento Sanitário (AgrSan) e os elementos sanitários previstos na estrutura orgânica das Unidades de Escalão Batalhão (UEB) e Unidades de Escalão Companhia (UEC) independentes dos ECOSF; este apoio é complementado pelo HFar, enquanto Instalação de Apoio Sanitário (MTF) role 4, em TN constituindo-se como último elo da cadeia de evacuação; este aspeto pode ser complementado por eventuais MTF multinacionais ou de países aliados, presentes nos Teatros de Operações, nos ter-

Serviço de alimentação fornecido pela CRT

Depósito flexível para água

Local de Banhos

Autotanque de combustível

mos de Memorandum of Understanding/Tecnical Agreement que especificamente venham a ser estabelecidos para o efeito..."

Há no entanto a necessidade de operacionalizar a integração do AgrSan na estrutura da Brigada e dotá-la de um EM que lhe permita conduzir o processo de planeamento, assegurar a sua integração no sistema Comando e Controlo da Brigada, bem como comandar e controlar as operações no âmbito da sua missão específica

No tocante às Infraestruturas, em TN não se vislumbram necessidades de grande monta em operações ou treino, mas fora do TN terá que haver uma entidade responsável por garantir esta função logística.

Quanto à Aquisição, Contratação e Alienação, como o BApSvc apenas tem possibilidade de Assegurar serviços limitados de compras e contratos e esta função engloba um conjunto de atividades, destinadas a assegurar o acesso aos recursos materiais e serviços necessários, que vão além das possibilidades do BApSvc, tal como na função anterior, terá que haver uma entidade responsável por garantir esta função e, salvo melhor opinião, deverá ser constituído para o efeito um National Support Element (NSE).

Em termos de conceito, o NSE é qualquer organização ou atividade nacional responsável por garantir o apoio logístico à componente nacional integrada numa Força OTAN. Normalmente, este órgão não faz parte de uma Força OTAN e encontra-se sob comando da autoridade nacional. A sua missão, organização e localização são específicas de cada Nação.

Tendas Sanitárias

Posto de Socorros

Reboque de uma viatura pela CMan

Trabalhos de Manutenção

Aos NSE pode ser solicitado coordenar e cooperar como Cmdt da Foça OTAN e com a nação hospedeira (tradução livre do *ALP–4.2 LAND FORCES LOGISTIC DOCTRINE*, Jan2004).

Recentemente Portugal aprontou e certificou o EU BG 2011 – 2, com aprontamento nacional no 2º semestre de 2010, aprontamento internacional no 1º semestre de 2011 ficando em Standby durante o 2º semestre de 2011.

Para o aprontamento deste EU BG, o Exército aprontou e certificou um NSE, constituído por:

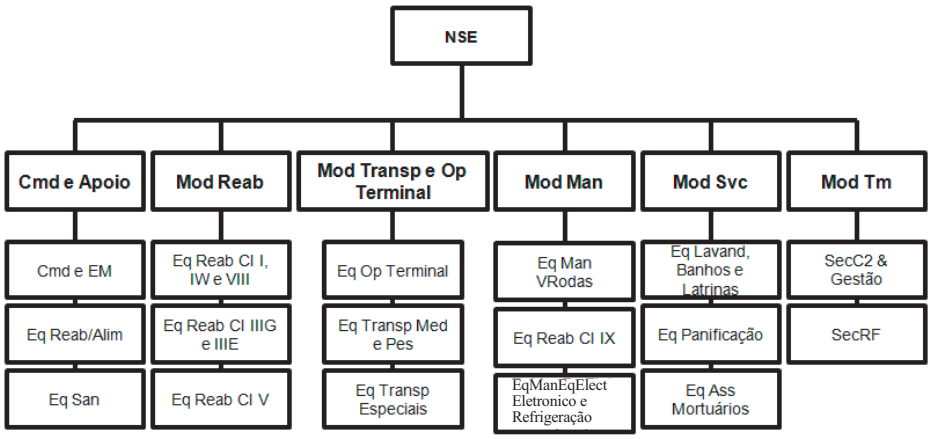
- Cmd e EM
- Módulo de Apoio Terrestre
- Módulo de CIS
- Módulo de Operações Terminal
- Módulo de Manutenção
- Módulo de Serviços de Campanha
- Módulo de Reabastecimento
- Módulo de Apoio Sanitário
- Módulo de Apoio Aéreo
- Cmd
- Módulo de CIS
- Módulo de Logística
- Célula de Informações Militares

Este NSE tinha um QO de 144 militares (13/41/90) e, uma vez empregue, estaria na dependência do CEMGFA.

A Diretiva Nº 15/CFT de 10Jul14 define orientações para planeamento e organização de um Elemento de Apoio Nacional (National Support Element - NSE) para apoio de uma PU do Exército que possa ser projetada para fora do Território Nacional (TN).

De acordo com a referida diretiva e tendo como referência o apoio à NRF16, realizou-se um seminário da BrigInt, onde se propôs a seguinte constituição para o NSE/DestAp:

Tratando-se do apoio ao escalão Brigada será necessário prever a constituição de um NSE que funcionará como escalão superior do BApSvc, e deverá incluir também algumas valências no âmbito do Apoio de Pessoal.



SCh Inf
Carlos Veloso

A formação militar assume-se, inequivocamente, como uma área nobre no contexto das atividades desenvolvidas pelo Exército. Envolvendo o militar desde o primeiro instante, designadamente logo após o momento da incorporação; a qualidade com que for ministrada condiciona o alcançar das competências essenciais que cada militar deve possuir para o desempenho de funções inerentes à sua condição militar. Estas pressupõem, no limite, o desempenho individual em ambiente caraterizado por elevadas exigências psicofísicas, por vezes com risco da própria vida.

Ciente desta realidade, constitui uma preocupação do Exército desenvolver processos internos que confiram uma adequada estruturação e normalização do processo formativo na instituição, quer numa perspetiva transversal, estendendo-se a todas as áreas de atividade, quer numa perspetiva vertical, cobrindo todos os níveis hierárquicos.

A formação no Exército é entendida como o processo de organização das situações de aprendizagem específicas da instituição, destinando-se a conferir perícias, capacidades, conhecimentos e a incutir atitudes apropriadas, para o desempenho de uma função específica, constituindo-se como uma das componentes do Sistema de Instrução do Exército (SIE).

Esta componente do SIE articula-se nas seguintes áreas:

- Instrução Militar;
- Formação Contínua;
- Formação Profissional.

Instrução Militar

A instrução militar integra a Instrução Básica e a Instrução Complementar, sendo definida como um conjunto de atividades de formação, destinada a ministrar os conhecimentos essenciais aos militares que ingressam no Exército, de forma a permitir a integração na organização, a sobrevivência no campo de batalha e o desempenho de uma função.

Formação Contínua

A formação contínua é um conjunto de atividades de formação que tem por finalidade fornecer as capacidades necessárias para o desempenho de uma função ou exercício de cargo específicos, de âmbito técnico ou operacional ou de nível hierárquico superior. As atividades de formação que concorrem, globalmente, para o cumprimento da finalidade supra mencionada são as seguintes:

- Cursos de especialização;
- Cursos de qualificação;
- Cursos de aperfeiçoamento;
- Cursos de reciclagem;
- Cursos de atualização;
- Cursos de promoção.

Formação profissional

As atividades de formação profissional visam satisfazer, em primeiro lugar, as necessidades do Exército e, em segundo, a integração dinâmica dos militares no mundo do trabalho, pretendendo constituir-se como incentivo à adesão e manutenção da prestação do serviço efetivo nos regimes de voluntariado e de contrato.

Neste contexto, a Brigada de Intervenção concorre significativamente para o processo formativo, através dos seus polos de formação, nomeadamente, o RI13, RI14, RI19, RC6, RAAA1 e RE3, conforme espelha o quadro 1, contribuindo, desta forma, para o incremento da qualidade e da valorização dos militares que prestam serviço na instituição e, por conseguinte, para um melhor desempenho de cada militar nas funções que ocupa na estrutura da Brigada e do Exército.

POLOS FORMAÇÃO	CURSOS	DATA INICIO	DATA FIM	FORMANDOS			TOTAL
				Of	Sarg	Pr	
RI13	1º Curso Chefe VBR Pandur II (8x8) - Versão ICV	20Jan14	04Fev14	1	15	0	16
	1º Curso Condutor VBR Pandur II (8x8) - Versão ICV	20Jan14	04Fev14	0	0	32	32
	2º Curso Chefe VBR Pandur II (8x8) - Versão ICV	29Out14	13Nov14	1	15	0	16
	2º Curso Condutor VBR Pandur II (8x8) - Versão ICV	29Out14	13Nov14	0	0	32	32
	1º Curso Chefe VBR Pandur II (8x8) PCan 30mm - Versão IFV	10Fev14	21Fev14	1	11	0	12
	1º Curso Apontador VBR Pandur II (8x8) PCan 30mm - Versão IFV	10Fev14	21Fev14	0	0	16	16
RI14	Reciclagem de Formação Pandur II (8x8)	06Mar14	07Mar14	2	3	3	8
	Reciclagem de Formação Pandur II (8x8)	27Mar14	28Mar14	2	2	3	7
RI19	1º Curso de Promoção a Cabo - Praças RV/RC	08Set14	10Out14	0	0	55	55
	2º Curso de Promoção a Cabo - Praças RV/RC	05Nov14	05Dec14	0	0	53	53
RC6	Condutor de AM Viatura 150 S	13Jan14	24Jan14	0	0	11	11
	Condutor VBL Chaimite/V200	27Jan14	07Fev14	0	0	12	12
RAAA1	Missil Ligeiro Chaparral	13Out14	31Out14	4	7	0	11
	Missil Portátil Stinger	17Nov14	05Dez14	4	7	0	11
RE3	Mecânico Equipamento Pesado Engenharia	27Mar14	05Dez14	0	0	14	14
	Operador de Equipamento Pesado Engenharia	12Mar14	05Dec14	0	0	15	15
	Formação Modular de Eletricista de instalações (Parceria com o IEFP)	13Out14	22Jan15	0	0	19	19
	Formação Específica Inicial de eletricidade de construção (Parceria com o IEFP)	13Out14	22Jan15	0	0	1	1
	Formação Específica Inicial de Carpintaria de Construção (Parceria com o IEFP)	13Out14	08Jan15	0	0	5	5
	Formação Modular de Carpinteiro de Limpos (Parceria com o IEFP)	13Out14	08Jan15	0	0	13	13

Quadro 1- Cursos ministrados nos Polos de Formação da BrigInt no decurso de 2014

CAP ENGº MAT
PAULO FIGUEIREDO

O *Pandur User Group* (PUG) é um grupo de cinco países membros que possuem em comum a utilização nos seus Exércitos, de Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) Pandur.

O *meeting* do *Steering Committee* do PUG (SC-PUG) ocorre com uma periodicidade anual, em local definido sob propostas, no *meeting* anterior. No presente ano ocorreu o 9º meeting do SC-PUG que teve lugar na Bélgica, no período de 07 a 10 de Outubro.

A 9ª Reunião de Trabalho do SC-PUG decorreu no Batalhão ISTAR, em Heverlee, nos arredores de Leuven e no *Competence Center For Rolling Material and Armament (CCR&A)* em *Ans*, nos arredores de *Liége*, tendo decorrido de acordo com o programa e a agenda previamente estabelecidos.

Todos os cinco países que integram o PUG se fizeram representar por uma delegação. A delegação da Áustria (AUT) constituída por dois representantes, a da Bélgica (BEL), país anfitrião, por seis representantes, a da República Checa (CZE) por 3 representantes, a da Eslovénia (SVN) por dois representantes e a de Portugal (PRT) por dois representantes: do Comando da Logística o Maj Mat Paulo Fernandes e da Brigada de Intervenção, o autor do presente artigo.

Figura 1 – Foto das delegações participantes no 9º meeting PUG

Dos cinco países membros do PUG, Portugal e a República Checa possuem ao serviço nos seus Exércitos, VBR Pandur II 8X8. Os restantes três países membros possuem VBR Pandur 6X6. O exército Belga possui ainda VBR 8X8 do modelo PIRANHA.

Os países que detêm VBR Pandur 6X6, sobretudo a Áustria e a Bélgica, possuem a decorrer programas de atualização das mesmas (*mid life update*), derivado da idade que estas viaturas apresentam, tentando dota-las das características necessárias para responder às exigências impostas pelo espetro de operações a um Exército do presente século. Para as VBR Pandur 6X6 da Bélgica estas atualizações consistem num novo *power-pack*, reforço da blindagem e consequente reforço do trem-motriz (suspensão e travões). As VBR Pandur 6X6 da Áustria encontram-se a ser atualizadas a nível da blindagem (incremento), alteração do trem motriz (suspensão e travões) e instalação de *Remote Weapon Station (RWS).*

Figura 2 – VBR Pandur 6X6 BEL

O primeiro dia (07 de Outubro) ficou reservado para a viagem das delegações do país de origem respetivo até *Leuven*. No final desse mesmo dia ocorreu o já habitual jantar *ice break*, no Batalhão ISTAR do Exército Belga. Este primeiro convívio que tem como objetivo juntar todas as delegações num ambiente descontraído, para que mais facilmente se conheçam e travem o primeiro contacto, teve a apresentação de boas vindas pelo secretário permanente do SC-PUG, TCor Thomas MADER (AUT) e pelo anfitrião, TCor Pierre TRUILLET (BEL).

Figura 3 – VBR Pandur 8X8 CZE

No segundo dia o *Chairman*, Cor ROSTISLAV (CZE), deu início aos trabalhos, conduzindo a reunião de acordo com a agenda, nas instalações do Batalhão ISTAR do Exército Belga.

Dos diversos assuntos tratados nesta reunião, destacam-se a informação da delegação Austríaca de que já se encontram terminados os testes de endurance e esforço ao novo sistema de travagem para as VBR 6X6, encontrando-se a ser instalado. As falhas do sistema de travagem antigo não se deviam propriamente a esforço, mas antes a uma deficiente resposta quando solicitados com uma frequência elevada. Situação que piorava com o aumento da temperatura ambiente.

As VBR 6X6 utilizadas pelo Exército Belga, praticamente todas de reconhecimento, encontram-se a ser atualizadas com um novo sistema de travagem fornecido pelo fabricante destas viaturas, encontrando-se ainda em estudo a alteração de power-pack, através de análise das diversas propostas de vários fabricantes.

Figura 4 – *Leuven, Bélgica*

As melhorias desenvolvidas nos sistemas de travagem são impostas não só por um incremento de peso decorrente do aumento da blindagem, mas também tentando compensar com engenharia, possíveis erros humanos decorrentes de uma diminuição de aptidões dos condutores; testemunho fornecido pela delegação AUT, país fabricante, e que possui uma larga experiência no uso de VBR Pandur.

Por parte de todas as delegações, teve lugar uma atualização dos dados referentes às respetivas frotas das VBR PANDUR 6x6 e 8x8. Nesta atualização foram abordados assuntos referentes à operacionalidade das VBR e principais preocupações e dificuldades na manutenção destas viaturas.

Verifica-se que existem diferentes abordagens na manutenção destas VBR, pelos diversos Exércitos dos países membros do PUG. Constata-se no entanto que existem muitas dificuldades comuns. Cada país membro tem tentado ultrapassar estas dificuldades ao longo do tempo, partilhando essas experiências nas reuniões do PUG.

A grande mais-valia destas reuniões prende-se fundamentalmente com este ponto: a identificação de dificuldades e o debate de propostas de resolução, uma vez que muitas delas já foram colocadas em prática por pelo menos um país membro do PUG. Ao nível da utilização e manutenção das VBR, as dificuldades experimentadas por um ou mais membros do PUG, que se apresentam como novidade para outro determinado membro, traduzem-se num novo dado de planeamento, com vista a evitar ou mitigar estas dificuldades.

Existe, deste modo, a possibilidade de conhecer diferentes abordagens à resolução de um mesmo problema, assim como colher resultados de uma determinada abordagem, sem necessidade de a colocar em prática. Este ponto reveste-se de uma especial importância para Portugal, uma vez que é o país com a maior frota de VBR Pandur ao serviço.

No terceiro dia, a reunião teve lugar em *Ans*, nos arredores de *Liége, no Competence Center for Rolling Material and Armament (CCR&A)*, instalações de Manutenção de nível de Depósito, não só para material afeto ao Exército BEL, mas às Forças Armadas Belgas.

Após uma apresentação desta Unidade, efetuada pelo seu Comandante, a reunião prosseguiu. Continuou-se com a identificação de dificuldades técnicas na manutenção das VBR, apresentação e discussão de possíveis soluções e/ou soluções já implementadas.

Como exemplo: a delegação Eslovena referiu que se encontra a alterar algumas operações de manutenção preventiva sistemática para manutenção preventiva condicional, tentando desta forma baixar os elevados custos da manutenção preventiva sistemática, caracterizada pela mudança de componentes assim que atingidos determinados limites de tempo, distância percorrida ou ciclos, independentemente do estado do componente.

No final da reunião houve lugar a uma abordagem ao próximo *meeting*, o 10º, em Outubro de 2015, tendo ficado estabelecido que ocorrerá na Eslovénia.

A atividade desse dia terminou com um jantar oficial, dirigido pelo *Chairman* Cor ROSTISLAV (CZE), no qual participou o anterior *Chairman*, Cor MEERPOEL (BEL). Esta atividade marcou a despedida oficial das delegações, que no dia seguinte viajavam com destino aos seus países de origem.

Na 9ª reunião de trabalho do PUG e através dos contactos estabelecidos durante a mesma, muita informação essencial foi e continuará a ser trocada, tentando fazer evoluir em eficiência e eficácia de desempenho, o sistema de armas VBR Pandur II 8X8.

CAP ENGº MAT
CÉSAR POUSA

O Despacho Nº 225/CEME/2011 aprova o atual Conceito de Manutenção para o Exército Português, a aplicar a todas as viaturas, sistemas de armas e demais equipamentos, bem como para ser orientador e enquadrador na elaboração e organização das estruturas orgânicas das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos (U/E/O) afetos ao Sistema de Manutenção do Exército.

Em Novembro de 2011, através do Despacho de 07NOV11 do Exmo. GEN CEME, são aprovados os Quadros Orgânicos (QO) das unidades de Apoio de Serviços, realçando o QO nº 08.02.19 do BApSvc/BrigInt, que contempla a CMan da BrigInt, objeto de análise deste artigo.

Após este enquadramento inicial, interessa explicar a articulação desenvolvida na elaboração deste Artigo. Como foco principal, surge a participação de um Pelotão Dedicado de Manutenção (PelDedMan) da CMan/BrigInt no Exercício JÚPITER 14. Interessa referir o desafio da constituição de um ModMan ou PelDedMan em apoio a uma Unidade de Armas Combinadas (Ex.:Agrupamento), com uma análise fundamentada nas necessidades específicas de meios humanos e materiais, realçando a tecnicidade necessária, enformada em termos conceptuais por aquilo a que hoje se chamam, Sistemas de Armas Complexos, como são exemplo a VBR PANDUR II 8x8 e CC Leopard 2A6.

No subtema, do Apoio de Manutenção na FND/KFOR, é desenvolvida a análise à constituição da equipa de manutenção VBR PANDUR II 8x8, em virtude daquilo que é a panóplia de equipamentos e procedimentos específicos, deste Sistema de Armas.

Por fim, são apresentadas as considerações finais.

Participação do Pelotão Dedicado de Manutenção no JÚPITER 14

No período compreendido entre 23JUN14 e 02JUL14 decorreu na região de Moimenta da Beira o Exercício JÚPITER 14. Os objetivos propostos à Companhia de Manutenção da Brigada de Intervenção para a participação e apoio a este Exercício consistiram na constituição de um Pelotão Dedicado de Manutenção ao Agrupamento Alfa (AgrA).

O pelotão constituído foi responsável pela montagem de um Local de Reunião de Material e Local de Reabastecimento de Sobressalentes, classe IX (CL IX).

Para os apoios à frente de combate, no decorrer do exercício, foram constituídas equipas de contacto com as mais diversas valências de manutenção, inclusive a capacidade de recolha e evacuação de VBR PANDUR II 8x8, utilizando a VBR PANDUR II 8x8 RV, e para as demais viaturas a Viatura de Recuperação M816.

O PelDedMan, foi constituído por trinta e um militares provenientes de diferentes Unidades da Brigada de Intervenção, quinze militares da Companhia de Manutenção, quatro militares do GAM/RC6, oito militares do 1BI/RI13 e dois militares do RAAA1. A orgânica do PelDedMan descreve-se da seguinte forma:

- Comando (1/0/1);
- Eq de Reabastecimento (0/1/2);
- 2 Eq de Manutenção de Viaturas de Rodas (0/1/2);
- 3 Eq de Manutenção VBR PANDUR II 8x8 (0/1/2);
- Eq de Manutenção de V150 (0/1/3);
- Eq de Recolha e Evacuação de Rodas (0/1/2);
- Eq de Recuperação VBR PANUR II (0/1/2).

As Equipas supra citadas, ficaram sediadas na Forward Operation Base (FOB) do AgrA (localizada junto à escola preparatória 2+3 de Moimenta da Beira), ficando cada Equipa de Manutenção VBR PANDUR II 8x8 em apoio direto aos três Subagrupamentos de manobra.

Numa primeira análise, decorre que a centralização de recursos, permitiu um comando holístico, promovendo a economia de meios humanos e materiais, tendo sempre subjacente a especialização e versatilidade dos militares integrantes do PelDedMan.

No decorrer do exercício, houve uma série de incidentes, que podem ser classificados de ***"Play"*** entenda-se *"Jogo"*, ou seja, avaliação da capacidade de resposta dada pelo PelDedMan, quando ocorre um incidente, e ***"No Play"***, entenda-se esta categoria de incidentes como os reais, isto é, que acontecem de uma forma fortuita, no decorrer do exercício, e que põem à prova a capacidade decisória e de resposta do PelDedMan, face ao acontecimento, tendo em vista, sempre, a mais rápida e eficaz resposta, garantindo a operacionalidade dos meios, ao cumprimento da missão.

Decorre do referido anteriormente que, o PelDedMan teve durante todo o exercício, 21 incidentes ***"No Play"*** e 8 incidentes **"Play"**. A resposta pronta e em tempo caracterizaram o desempenho da Manutenção no seu todo, no decorrer do JÚPITER 14.

A melhorar, surge inequivocamente o C3 (Comando, Controle e Comunicações) por falta de meios adequados às necessidades previstas.

Desafio para a constituição de um Módulo de Manutenção em apoio a um Agrupamento

A constituição de um Módulo de Manutenção (ModMan) em apoio a um Agrupamento (Agr), surge hoje muito mais facilitada, atendendo à versatilidade, nos mais diversos contextos enquadrantes do Quadro Analítico da Função Logística Manutenção, das equipas constituintes deste.

De uma forma sintética, atendendo às valências necessárias pretendidas, como resposta adequada à imprevisibilidade do *Battle Rhythm* , há que garantir a operacionalidade dos equipamentos em todo o seu espectro, desde a cozinha que confeciona os alimentos que garantem a subsistência da força, aos Sistemas de Armas que são seguramente fundamentais ao cumprimento da missão.

Assim, e sabendo de antemão que um ModMan deverá ser sempre revisto e ajustado em função da especificidade do Agr, expõe-se como exemplo a seguinte constituição:

- Comando;
- Equipa de Manutenção de Sistemas de Armas (VBR PANDUR II 8x8);
- Equipa de Manutenção de Viaturas;
- Equipa de Manutenção Eléctrica/Electrónica/Electricidade Auto e Sistemas de Comunicações;
- Equipa de Manutenção de Armamento e Torre;
- Equipa de Reabastecimento CL IX;
- Equipa de Serviços Gerais e Evacuação.

Equacionando a constituição de um Agr que inclua um SubAgr constituído por Sistemas de Armas distintos (p.ex. CC Leopard 2A6), a Equipa de Manutenção de Sistemas de Armas terá que ser reforçada por pessoal e material especializados, que garanta a operacionalidade deste equipamento, assim como a Equipa de Serviços Gerais e Evacuação.

Sintetizando, o apoio prestado por Módulos de Manutenção, que incluam as valências supra citadas, para apoio a unidades constituídas, revela-se ser a resposta mais adequada em termos de meios humanos e materiais. Alcança-se assim, o objetivo máximo da eficácia e eficiência em prol do cumprimento da missão.

Apoio de Manutenção na KFOR

A partir de Novembro de 2013 a FND/KFOR, passou a contemplar no seu Quadro Orgânico de Material 6 VBR PANDUR II 8x8, 4 ICV, 1 RV e uma ICV em Volante de Prontidão Operacional.

Do Quadro da Manutenção, passa a constar uma panóplia de equipamentos e procedimentos específicos, do novo Sistema de Armas presente no Teatro de Operações (TO) do Kosovo.

De realçar que o Quadro Orgânico de Pessoal da Equipa de Manutenção, passou a ser reforçado por um Sargento Mecânico de Material e três Praças, com as valências adequadas às manutenções programadas e corretivas, específicas deste equipamento.

É missão da Companhia de Manutenção garantir a prontidão desta equipa, propondo a sua nomeação, em função do *Know-how* adquirido, e da experiência dos intervenientes nas diferentes solicitações, entenda-se, participação em equipas de contacto, na realização de manutenções programadas seis meses (6M) e um ano (1A), bem como manutenções programadas, dois anos (2A) e quatro anos (4A), e corretivas.

Importa referir, que o fornecimento de sobressalentes CL IX específicos para as VBR PANDUR II 8x8, é também garantido pela Companhia de Manutenção, que se encontra presente em Território Nacional, estando portanto, em permanente contacto com este TO, de modo a suprir as necessidades em tempo.

A Companhia de Manutenção da BrigInt apresenta-se assim, como um elo fundamental na operacionalização da função logística Manutenção, em apoio à Brigada de Intervenção e à Força Nacional Destacada no Kosovo.

Considerações Finais

Com o aparecimento dos Sistemas de Armas Complexos, referindo-me concretamente à VBR PANDUR II 8x8, o paradigma da manutenção mudou. Essa mudança é notória com a aprovação do Conceito de Manutenção e dos Quadros Orgânicos das unidades de Apoio de Serviços.

A adaptação à nova realidade, tem sido conseguida de uma forma plena, garantindo sempre os maiores níveis de eficácia e eficiência, em tempo, no quadro analítico da função logística manutenção.

O desempenho do PelDedMan, no seu todo, no decorrer do Exercício JÚPITER 14, subscreve e reforça a ideia referida anteriormente em que, a adequação ao meio, não fugindo ao que está doutrinariamente aprovado, está patente aquando da operacionalização dos conceitos. A melhorar, surge inequivocamente o C3 (Comando, Controle e Comunicações) por falta de meios adequados às necessidades previstas.

Por outro lado, a constituição de um Módulo de Manutenção (ModMan) em apoio a um Agrupamento (Agr), surge hoje muito mais facilitada, atendendo à sua versatilidade, nos mais diversos contextos enquadrantes.

No quadro conceptual operacional, da Brigada de Intervenção, a função logística Manutenção, é garantida na sua execução, pela Companhia de Manutenção, que para além de apoiar a Brigada no TN, garante a sustentação, entenda-se artigos Cl IX, da Força Nacional Destacada no Kosovo.

TCOR TM
VERÍSSIMO

Nota introdutória

As considerações que seguidamente se elaboram são o resultado da experiência acumulada durante os quase três anos que tive a honra e o privilégio de servir a Brigada de Intervenção nas funções de G6.

Aproveita-se esta derradeira oportunidade para agradecer a todos os que, servindo comigo, me ajudaram nesta missão e tornaram este período ainda mais enriquecedor e gratificante.

O modelo de apoio CSI, o SIC-T[1]

Com a adoção do modelo SIC-T dá-se uma revolução no conceito de apoio de comunicações e sistemas de informação (CSI) no Exército.

Passamos de uma estrutura apoiada em Centros de Comunicações (de comando e de área) que concentravam os meios e os sistemas das grandes unidades (GU) para um sistema descentralizado e modular cujo objetivo é levar os serviços para junto do utilizador.

Ao contrário do que acontecia anteriormente, deixa de ser o Centro de Comunicações a gerir os meios e os sistemas pelo qual a mensagem segue, e passa a ser o utilizador a deter esse poder.

Assim, as unidades de transmissões perdem o "explora" da sua missão ficando apenas com o "instala e mantem", passando a responsabilidade de exploração dos serviços a ser dos próprios utilizadores.

Instala e mantem o quê? Os meios, os sistemas e os serviços. Dito desta forma referimos apenas a ponta do icebergue, o que se vê.

Por detrás desta simples definição que se materializa na forma de um computador, um telefone ou um rádio que encontramos no posto de comando pronto a ser usado, há uma infinidade de meios e sistemas que foram instalados e configurados para aquela operação, de forma redundante e segura a fim de garantir o comando e o controlo.

Há, no interior de uma shelter, um grupo de militares que deixou de receber a nossa mensagem ao postigo e passou a supervisar de forma centralizada todos os meios e sistemas instalados, desde os equipamentos que compõem a rede de transmissão ao computador do utilizador, onde entra remotamente para configurar uma qualquer aplicação ou agendar a atualização dum antivírus de forma automática.

A CTm/BrigInt

A Companhia de Transmissões é o "braço armado" das CSI da brigada. São eles que de forma omnipresente e fazendo uso dos parcos meios que [não] possuem, organicamente, permitem concretizar o que o estado-maior da brigada concebe no planeamento dos exercícios/operações.

Mas se a doutrina diz que a CTm apoia o comando da brigada, a CTm/BrigInt faz mais do que isso. Fruto da concentração dos meios CSI orgânicos das subunidades da Brigada no Regimento de Transmissões, a CTm assegura também o apoio dessas subunidades sob a forma de guarnição dos módulos que as apoiam.

Assim é perfeitamente normal ver a CTm/BrigInt a apoiar exercícios de escalão batalhão ou mesmo companhia, como se passou recentemente com a Recce Coy da NRF14[2] e no exercício Júpiter14, ao AgrA.

Quando à primeira vista, para os mais puristas, este emprego da companhia é completamente desproporcionado, podemos sempre alegar que dada a escassez de meios/equipamentos se consegue assim fazer face, com obvia necessidade de ajustes de calendário, ao treino de todas as unidades da brigada com particular atenção à UEB[3] de manobra da FT1200[4] , às FND[5] e às NRF.

Sem dúvida que o facto de não dispor permanentemente dos seus módulos SIC-T orgânicos constitui um enorme handicap para o comandante da força, no entanto, a CTm está sempre disponível para durante os exercícios que apoia (e fora destes) permitir o treino dos militares afetos às CSI dessa força.

De qualquer forma é indispensável que o comandante da UEB ou da UEC[6] sinta que o módulo que surge para o seu apoio durante o exercício são os recursos humanos e materiais "orgânicos" que tem que considerar em termos táticos e logísticos e assim aproveitar os exercícios para incluí-los na manobra objeto de treino.

As CSI e o Comando e Controlo na BrigaInt

E eis-nos chegado ao "santo graal" das transmissões da Brigada.

De facto o objetivo primário do G6 e do seu staff, dos recursos humanos e materiais da CTm, é assegurar o Comando e Controlo da brigada, a "ligação" entre o comandante e as suas unidades. Mas este não é o único fim. Em condições normais, o comandante da brigada, precisará sempre de se ligar também ao seu escalão superior seja ele nacional ou internacional, no TO[7] ou fora dele.

Também poderemos precisar de nos ligar a quem combate no sector ao nosso lado ou à retaguarda, às unidades que nos são atribuídas de reforço, às unidades que passam pelo nosso sector ou pela nossa área de responsabilidade, é isto que nos diz a doutrina.

E por último, e não menos importante, assegurar, com os recursos disponíveis, serviços CSI de *wellfare* para ocupação dos tempos livres e contacto com as famílias.

A BrigInt é, podemos dizer sem exagero, o paradigma da unidade da tecnologia no Exército Português. O facto de estar equipada com um sistema de armas como a viatura Pandur torna-a, acima de tudo como um grande desafio, sobretudo porque ainda há terreno por desbravar no que à sua otimização, em operações, diz respeito.

Por detrás deste complexo sistema de armas está um não menos complexo sistema de comunicações e de informação que desafia todos os militares de transmissões, e não só, a por em prática os seus conhecimentos técnicos e táticos.

A operacionalização da viatura CPV[8] , tecnicamente, das VBR[9] já rececionadas, a mais complexa do ponto de vista das CSI, permitiu uma nova visão sobre o conceito de Comando e Controlo na Brigada e abriu o caminho à elaboração das necessárias TTP[10] e NEP[11] com vista à operacionalização do seu emprego e ao treino das suas guarnições.

Há ainda, no entanto, no âmbito das CSI, problemas a resolver e barreiras a ultrapassar. Na sua conceção, as viaturas Pandur não foram concebidas para disporem de redes de dados seguras nativas. Em movimento, apesar dos rádios de banda larga permitirem a ligação de dados ao PC, as viaturas

CPV não dispõem de meios de cifra on-line instalados, vulgo TCE[12] .

Estas viaturas, depois de instaladas no terreno, teriam acesso à rede segura através do módulo SIC-T que as apoia. No entanto é consensual que esta situação tem que ser ultrapassada e terá que se arranjar uma solução para esta limitação.

Claro que os sistemas rádio (CNR[13]) disponíveis permitem a utilização de comunicações seguras de voz e dados, com as viaturas em movimento, mas serão suficientes face aos serviços que se consideram para exercer o C2?

Este é apenas um dos obstáculos que ainda se colocam no C2 da BrigInt mas podemos elencar outros: o rateio dos rádios de banda larga destinados a equipar todas as viaturas CPV e módulos SIC-T; a limitada disponibilidade de módulos SIC-T; a escassez de rádios da família PRC-525 para equipar todas as unidades da Brigada, a escassez de terminais de dados em todas as VBR, etc.

Mas outras pequenas vitórias foram conseguidas nos últimos anos no âmbito das CSI e do C2. Para além dos sucessos conseguidos até ao momento, da tarefa ainda em curso, da integração das VBR no SIC-T, salienta-se ainda a utilização e consequente familiarização da brigada com os sistemas de informação ligados ao C2, o SICCE[14].

Ainda que pouco amigável para a utilização em situações de treino e simulação, provou que com o tempo poderá, naturalmente, passar a fazer parte da rotina dos exercícios da BrigInt e com a futura adoção e integração do BMS[15] permitir a COP[16] em todos os escalões desta GU.

Grandes expetativas

Considerando um futuro próximo sem grandes sobressaltos podemos antecipar, para a BrigInt em geral, e para as suas CSI em particular, dois saltos tecnológicos muito importantes: O fornecimento das viaturas Pandur de comunicações, as CV[17], e o fornecimento dos rádios de Banda Larga em falta.

Mas, como a experiência nos tem incansavelmente ensinado, o fornecimento de mais equipamentos não é um fim em si mesmo mas o início de mais um desafio à nossa capacidade para os integrar de modo a tirar deles o máximo partido.

Como exemplo refere-se a viatura CV que nos é apresentada como ponto de acesso rádio (PAR), no modelo SIC-T, mas que poderá ter um âmbito de utilização muito mais vasto e consequentemente mais importante nas CSI da brigada, não só pela tecnologia e flexibilidade que poderá advir, mas também pela natureza da sua plataforma, ou seja, uma VBR.

Fora do ambiente tático que tem sido tónica neste artigo e relacionado com o dia-a-dia da brigada podemos também antecipar a iminente instalação do sistema de gestão documental do Exército na BrigInt.

Este sistema que já se encontra em produção em alguns estabelecimentos e órgãos equipará, em condições normais a BrigInt durante o próximo ano. Desejavelmente este sistema permitirá uma gestão mais eficiente da informação e agilizará os processos internos.

Provavelmente não dará a resposta a todas as necessidades da brigada e haverá algumas questões cuja ultrapassagem será um desafio mas, seguramente, depois de uma inicial

fase de adaptação e da instalação subsequente do sistema nos regimentos, um salto qualitativo na gestão e acesso à informação.

Mas mais uma vez deixa vislumbrar o desafio que constitui a sua adaptação ao ambiente tático, a sua integração no SIC-T e a sua disponibilização nos PC da brigada/batalhão, em operações.

Mas outros caminhos podem ser desbravados sem depender da omnipresente LPM[18] . É apanágio dos Homens inteligentes absorverem as novidades mas também não esquecerem os fundamentos básicos e as lições que a história nos vai deixando.

Os meios HF[19] que, com a omnipresença das comunicações filares, têm vindo a cair no esquecimento são, a par das comunicações por satélite, os únicos meios de comunicações que permitem vencer distâncias quase ilimitadas sem depender de uma infraestrutura física.

Apesar de ninguém o desejar a iminência de uma catástrofe de dimensões nacionais é real e perante a inoperacionalidade do sistema SIC-Op[20]/SICOM[21] e/ou das operadoras civis, uma rede HF poderia assegurar, obviamente com limitações de largura de banda mas sem os custos das ligações por satélite, um meio de interligação da brigada.

Dada a dispersão geográfica da Brigada de Intervenção, no que às suas unidades e respetivas áreas de responsabilidade diz respeito, parece-nos sensato que, recorrendo a meios já disponíveis no Exército (em depósito), fosse levantada uma rede HF entre o comando da brigada e os seus regimentos com uma exploração periódica e regular, de voz e dados, perturbando-se assim minimamente a atividade diária normal dos centros de comunicações mas assegurando mais um meio de elevada resiliência.

Outros desafios

A BrigInt irá continuar a lutar (e esperar) por soluções que por mais que justas e merecidas continuarão dependentes de viabilização financeira/orçamental.

Focam-se os dois aspetos que nos parecem mais prementes: um rádio para os baixos escalões (pelotão e secção), interoperável com os meios já instalados nas VBR, e a criação de condições de segurança física nos centros de comunicações que permitam a aprovação do GNS[22] e a consequente instalação do sistema MMHS[23].

Por motivos naturalmente diferentes ambas as questões são urgentes e a sua solução deverá ser atingida de formas e em tempos distintos.

Mas ao nível das subunidades, no que respeita às transmissões, também há trabalho a fazer. Além do trabalho de realização de NEP para consolidação do treino aos diversos escalões há uma questão que tem vindo a ser esquecida por ultimamente o treino ter estado mais orientado para as CRO[24]: como construir uma rede filar de um pelotão ou de uma companhia de Infantaria, numa posição defensiva com integração das viaturas Pandur?

Por mais que a tecnologia nos empurre para soluções sofisticadas há bases que não se alteraram, como por exemplo a doutrina.

Também a este nível é fundamental que as preocupações CSI se façam sentir, porque a COP é (sobretudo) alimentada a partir dos mais baixos escalões.

Conclusão

Com este artigo procurou-se transmitir de uma forma simples e informal uma visão (naturalmente) pessoal de ver as CSI da BrigInt.

Sem pretensões, tocaram-se assuntos que são uma preocupação transversal de todos os que nesta área das CSI servem esta grande unidade.

Procurou-se também transmitir, aos que estão mais afastados desta brigada, que ela é um organismo vivo, em constante mutação, naturalmente insatisfeito, que busca uma perfeição, que sabe inacessível, e sobretudo que reconhece que a diversidade de personalidades e saberes de que se constitui, e que solidariamente agrega, é a sua inesgotável fonte de energia e criatividade.

Até sempre!

"Que fama ilustre fique"

1 SIC-T: Sistema de Informação e Comunicações - Tático
2 NRF14: NATO Reaction Force2014
3 UEB: Unidade de Escalão Batalhão
4 FT1200: Força Tarefa 1200
5 FND: Forças Nacionais Destacadas
6 UEC: Unidade de Escalão Companhia
7 TO: Teatro de Operações
8 VBR: Viatura Blindada de Rodas Pandur II 8X8
9 CPV: Command Post Vehicle/Viatura Posto de Comando
10 TTP: Técnicas, Táticas e Proced imentos
11 NEP: Normas de Execução Permanente (ing. SOP)
12 Marca registada dos equipamentos de cifra do fabricante Thales.
13 CNR: Combat Network Rad io/Rede Rád io de Combate
14 SICCE: Sistema de Informação Comando e Controlo do Exército
15 BMS: Battlefield Mangement System
16 COP: Common Operational Picture/Visão Operacional Comum
17 CV: Communications Vehicle/Viatura de Comunicações
18 LPM: Lei de Programação Mil itar
19 HF: High Frequency
20 SIC-Op: Sistema de Informação e Comunicações - Operacional
21 SICOM: Sistema Integrado de COMunicações (EMGFA)
22 GNS: Gabinete Nacional de Segurança
23 MMHS: Mil itary Message Handl ing System
24 CRO: Crisis Response Operations/Operações de Resposta a Crises

"Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas, que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações várias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não ***menos nos engenhos, que na espada."***

Os Lusíadas – Luís Vaz de Camões

1. INTRODUÇÃO / A ORIGEM

Derivando de um tronco comum iniciado no reinado de D. João IV com a aula de Fortificação e Arquitetura Militar, a História da Engenharia confunde-se com a da Engenharia Militar até finais do século XIX.

Desde então que o vetor militar, para além de garantir a defesa de Portugal, possui capacidades que, em tempo de paz, deverão estar direcionadas para o apoio às restantes dependências do Estado, assim como para o apoio a entidades civis e à população em geral.

Há muito que é reconhecido o emprego da Engenharia Militar no apoio a diversas entidades civis e militares pelos trabalhos desenvolvidos no âmbito das Construções Horizontais, na realização de trabalhos de terraplenagem, criação de infraestruturas rodoviárias, pistas de aviação, criação de corta-fogos e acessos para combate aos fogos florestais e proteção da orla costeira.

Da necessidade de criação de equipas direcionadas para a construção, manutenção, reabilitação e beneficiação de infraestruturas ditas "verticais", nasceu a denominação da Engenharia de Construções Verticais.

No contexto da missão das diversas Forças Nacionais Destacadas no Teatro de Operações do Líbano aprontadas pela Engenharia Militar, evidenciou-se esta necessidade, tendo em vista a missão destas forças e a própria criação de todas as infraestruturas necessárias à sua presença.

Foi por esta altura que surgiu a reestruturação das Companhias de Engenharia de Apoio Geral, passando estas a ser constituídas por Pelotões de Engenharia de Construções Horizontais e Verticais.

Foi no seio da UNIFIL que os Pelotões de Engenharia de Construções Verticais demostraram, de forma inequívoca, a sua importância, desempenhando um papel fundamental na edificação do Ubique Camp, assim como em diversas intervenções em apoio à UNIFIL e, no âmbito CIMIC, no apoio direto à população.

Em tempo de paz e na ausência de catástrofes que ditem o empenho das equipas de Construções Verticais em Território Nacional, estas devem direcionar-se para a reabilitação do Património Militar do ponto de vista da manutenção e beneficiação das infraestruturas nas diversas Unidades militares ou à satisfação de pedidos de entidades exteriores ao Exército.

2. AS CONSTRUÇÕES VERTICAIS

Em Forças Nacionais Destacadas, de Norte a Sul do Território Nacional, nos arquipélagos dos Açores e Madeira, dentro e fora das Unidades Militares é evidenciada diariamente a necessidade do emprego das equipas de Construções Verticais na manutenção, reabilitação e beneficiação das infraestruturas existentes e na criação de novas infraestruturas.

É neste contexto que o Pelotão de Engenharia de Construções Verticais da 2ª Companhia de Engenharia de Apoio Geral – Regimento de Engenharia Nº 3 tem sido destacado para diversos Teatros de Operações nos contextos do Plano de Atividade Operacional Militar, Inopinado Militar e enquadrado em Forças Nacionais Destacadas.

De novembro de 2006 a junho de 2012, enquadrado nas 11 Unidades de Engenharia destacadas no Teatro de Operações do Líbano, houve sempre uma presença ativa da Engenharia de Construções Verticais, quer na edificação das infraestruturas necessárias à presença da FND naquele lugar e na criação das adequadas medidas de Force Protection, quer no apoio à UNIFIL em importantes tarefas coma a marcação da Blue Line e, o apoio direto à população libanesa pela reabilitação de edifícios de interesse público como, por exemplo, a ampliação da escola de Naqoura, em 2011.

Entretanto, desde 2010 o Pelotão de Engenharia de Construções Verticais tem sido empenhado em diversas frentes de trabalho em território nacional, realçando-se as solicitações de Unidades Militares no âmbito PAOM, INOP Militar e Exercícios Operacionais da Brigada de Intervenção:

No RE3 – Espinho

Substituição da cobertura do edifício da 2ª Companhia de Engenharia de Apoio Geral
Substituição da cobertura da Companhia de Engenharia da Brigada de Intervenção
Substituição da cobertura da Companhia de Comando e Serviços
Substituição da cobertura da Lavandaria
Substituição da cobertura dos Depósitos Gerais
Reabilitação de apartamentos dos Prédios Militares
Substituição da cobertura dos Parques de Viaturas de Engenharia
Substituição da cobertura dos Parques de Equipamentos de Engenharia
Manutenção diária das instalações com diversas pequenas reparações

No RG1 – Zona Militar do Açores

Execução da cobertura do Edifício de Comando
Reabilitação interior do Edifício de Comando
Reabilitação interior do Edifício do Rancho Geral
Execução da cobertura do Edifício da Casa da Guarda e Anexos
Execução da cobertura do Parque de Viaturas
Reabilitação da cobertura do edifício de Alojamento de Oficiais e Sargentos
Demolição da antiga agropecuária
Execução da cobertura do edifício para futura instalação da Manutenção Militar
Execução de rede de abastecimento de água e esgotos da Caserna Feminina

No RG2 – Zona militar do Açores

Apoio na execução da cobertura do edifício da Casa da Guarda

Na UnAp – Zona Militar doa Açores

Reabilitação interior de 3 apartamentos dos Prédios Militares (bloco de Oficiais)
Reabilitação da rede de abastecimento de água e esgotos dos Prédios Militares

No CTOE - Lamego

Reabilitação estrutural da plataforma de tiro
Execução de drenagem do leito da carreira de tiro
Reabilitação do fosso e estrutura dos alvos

Na EPT/RT - Porto

Reabilitação de uma fachada do Edifício de Comando
Remoção parcial da cobertura das Oficinas

No Município de Murça – Vila Real (Exercício DRAGÃO 13 – BrigInt)

Reabilitação estrutural da Fonte da Rainha e beneficiação do espaço adido

Na Messe de Oficiais do Porto

Impermeabilização da Cobertura

No RI14 – Viseu

Realinhamento do muro de vedação

No CSM Coimbra (Antigo HMR-2)

Reabilitação da fachada posterior
Reabilitação de fachadas interiores

No QG da BrigInt – Coimbra

Reabilitação da fachada principal
Reabilitação das fachadas do Pátio das Hospedarias

Na EPS – CT de Sta. Luzia

Reabilitação dos postos de tiro e telheiro
Reabilitação de muros diafragma e para-balas
Reabilitação do fosso e estrutura dos alvos

3. CAPACIDADE / LIMITAÇÕES

a. Apoio à população em contexto de catástrofe (capacidade)

No capítulo anterior foram evidenciadas algumas das intervenções que o Pelotão de Engenharia de Construções Verticais tem assumido. Se, em algumas, do ponto de vista da execução, não se exigem níveis de qualificação técnica muito elevados, em outras, a capacidade técnica das equipas envolvidas tem vindo a ser referenciada positivamente por parte das Unidades apoiadas.

O Regimento de Engenharia Nº 3 tem colaborado, nos termos legais e como superiormente determinados, em ações no âmbito das missões de interesse público, nomeadamente no apoio à Autoridade Nacional de Proteção Civil, no caso de catástrofes, recorrendo, para tal, às suas equipas de Construções Horizontais.

Numa fase preventiva, por intermédio do reforço estrutural das infraestruturas em risco ou, numa fase posterior, na restituição dos limites de serviço das estruturas danificadas, a Engenharia de Construções Verticais poderá ter um papel muito importante a cumprir. Para o efeito, salienta-se o contributo que poderá ser prestado pelo pessoal com o formação complementar em Construções e Instalações, no planeamento, projeto e execução de grande parte dos trabalhos de manutenção, reabilitação e beneficiação das infraestruturas afetadas por catástrofes, intempéries ou pelo próprio envelhecimento das mesmas.

O emprego destas equipas num contexto de apoio à Autoridade Nacional de Proteção Civil e às diversas Entidades Públicas poderá resultar numa economia de recursos significativa por parte das entidades apoiadas e num acréscimo do espírito de missão e motivação por parte dos militares envolvidos, resultantes da capacidade de resposta pronta e eficaz que em situações críticas só o Exército consegue proporcionar.

b. A formação dos militares (limitação)

Organicamente, o Pelotão de Engenharia de Construções Verticais contempla Cabos Operadores de Construção, Operadores de Construção, Carpinteiros de Construção, Canalizadores, Cabos Eletricistas de Construção, Cabos Canalizadores, Metalomecânicos e Eletricistas de Construção.

Mediante a celebração de protocolos com o Instituto do Emprego e Formação Profissional o RE3 tem vindo a proporcionar este tipo de formação certificada aos militares que integram o PECV.

A aposta na formação profissional dos militares de Engenharia e a certificação dos cursos ministrados representa uma mais-valia para a Instituição, bem como para os próprios militares em Regime de Contrato, constituindo-se como uma ferramenta de integração no mercado de trabalho civil.

O Pelotão de Engenharia de Construções Verticais, entre outras, cumpre missões no âmbito do PAOM em apoio de

Unidades Militares. Algumas destas missões são antecedidas depor um período de planeamento e preparação, para definição da solução que melhor se adapte à realidade encontrada e, assim, iniciar os preparativos para a intervenção pretendida.

Para além dos meios humanos e materiais necessários, idealmente, deveriam existir elementos de apoio (p.e.: projeto) por forma a facilitarem a execução dos trabalhos necessários.

No entanto, o caráter inopinado da maioria das missões que são atribuídas ao Pelotão de Engenharia de Construções Verticais justifica a ausência destes elementos, situação que obriga à existência do "saber saber" e do "saber fazer".

Se, por norma, o "saber saber" está assegurado por intermédio dos Oficiais de Engenharia (Comandantes de Companhia ou de Pelotão), ou mesmo através de Oficiais em Regime de Contrato com formação nesta área, o "saber fazer" só poderá ser assegurado pela via da formação específica nas diversas áreas das construções (pedreiro, carpinteiro, eletricista, serralheiro, canalizador, ladrilhador, entre outras), bem como por via da aprendizagem em contexto de trabalho.

De forma a colmatar a falta do "saber fazer", o Exército, por intermédio do Regimento de Engenharia N.º 3, celebrou um Protocolo de Colaboração com o Centro de Emprego e Formação Profissional de Entre Douro e Vouga/IEFP, visando a realização de quatro formações modulares para Serralheiro Civil, Eletricista de Instalações, Carpinteiro de Limpos e Canalizador, destinado a militares que prestem serviço em Regime de Contrato, encontrando-se em estudo o alargamento desta parceria a outras áreas da "saber fazer" no âmbito das Construções Verticais.

"There's nothing stronger than the heart of a volunteer." – James Doolittle

CURSOS DE CHEFES DE VIATURA E DE CONDUTORES DA VBR PANDUR II (8X8)

TEN INF
HUGO MACHADO

Decorreu, nos períodos de 29 de outubro a 13 e 14 de novembro de 2014, no Regimento de Infantaria N.º13, o 2º Curso de Formação de Condutor dos Veículos Blindados de Rodas (VBR) PANDUR II (8X8) e o 3º Curso de Formação de Chefe de VBR PANDUR II (8X8), respectivamente.

2ºCurso Condutor VBR PANDUR II (8x8)_2014

Os Cursos, sob direção do Ten Infª Hugo Machado, contou com 40 formandos oriundos do Comando da Brigada de Intervenção, do Regimento de Infantaria Nº 13 (RI13), do Regimento de Infantaria Nº 14, do Regimento de Cavalaria Nº 6 e do Regimento de Manutenção. Destes, 16 frequentaram Curso de Chefe de Viatura e 24 o Curso de Condutor.

O corpo de formadores, por sua vez, foi constituído, para além do Diretor dos Cursos, por um Sargento Adjunto de Curso, dois Oficiais subalternos chefes de equipa de formação, três Sargentos formadores, dois Sargentos formadores da área técnica e cinco Praças auxiliares de formação.

A formação tem por objetivo fundamental, habilitar os formandos para o desempenho das funções de Chefe e Condutor da VBR PANDUR II (8x8), em que, no curso de chefes, se privilegia a formação nos diversos equipamentos e comandos que o Chefe de Viatura tem à sua disposição e, no Curso de Condutor, a condução e os serviços de manutenção diários e mensais da referida viatura.

Destaque ainda, para a utilização do Simulador de VBR PANDUR II (8x8), instalado no RI13, que se tem vindo a constituir numa mais valia nos procedimentos a ter na condução, nomeadamente ao nível dos procedimentos de arranque e de paragem da VBR e nos procedimentos em situações de falhas ou avarias.

Este treino permitiu ainda aos futuros Chefes e Condutores a adaptação ao funcionamento da VBR num ambiente controlado.

3ºCurso Chefe VBR PANDUR II (8x8)_2014

Relativamente à condução, esta foi realizada na pista de autocross da localidade de Sanguinhedo, no concelho de Vila Real, permitindo aos formandos conduzir em condições de todo-terreno e em asfalto, onde os condutores tomam a real perceção das capacidades desta viatura.

No final dos cursos, foi realizada uma pequena cerimónia de entrega dos diplomas aos formandos, presidida pelo Comandante do RI13, Coronel de Infantaria Pereira de Albuquerque.

TCOR INF
MARQUES SARAIVA

Sendo o CPCb aquele que prepara os militares para a primeira função de comando, a de Comandante de Esquadra, o curso desenrola-se de forma a proporcionar a preparação adequada para o exercício do cargo, normalmente em ambiente físico exigente e sujeito a alguma tensão.

Trata-se de um curso com cinco semanas de duração com conteúdos únicos para quem o frequenta.

Falamos de atividades relacionadas com o serviço orgânico, serviço ordinário da Unidade e serviço eventual da Unidade, das quais destacamos como mais referidas as seguintes subactividades: ministrar uma sessão de formação ou auxiliar uma sessão de educação física militar, navegar no terreno, fazer tiro com pistola, comandar a escolta a um preso, Cabo da Guarda ou Chefe de viatura.

Não sendo esta a sua missão principal, foi com algum saudosismo que o RI19 recebeu estas ações de formação, uma vez que, ao longo da sua história, períodos houve, em que a sua principal atividade foi essa mesma, a da formação.

Apesar de já alguns anos não se sentirem grupos de militares em ações formativas, as infraestruturas existentes revelaram-se muito adequadas, uma vez que o regimento conta, dentro do seu perímetro, com várias áreas para instrução, pista de obstáculos, circuitos de treino físico, pavilhão gimnodesportivo de generosas dimensões, carreiras de tiro certificadas (a de 50m com 7 linhas e a de 100m com 10 linhas) e casernas disponíveis em condições de utilização.

Ciente da importância desta ação de formação no enquadramento dos soldados do Exército, a Brigada de Intervenção reforçou o regimento com graduados escolhidos para o efeito, num esforço de todos em prol da qualidade da formação.

Provenientes de várias Unidades da Brigada, será importante testemunhar o entusiasmo e empenho com que, desde a Escola de Quadros, as equipas de formadores se integraram com os "Fronteiros de Chaves" e referir que o exigente período que os formadores experimentam, resultará, de forma muito positiva, no contributo do RI19 e da Brigada de Intervenção para a formação de praças no Exército.

TCOR ART
EUGÉNIO GIL

A Segurança Militar é um assunto pertinente e muito atual.

Esta pertinência traz-nos responsabilidades acrescidas no planeamento e na aplicação de medidas que aumentam a sua eficiência e eficácia.

Assegurar a Segurança Militar rentabilizando os recursos humanos e materiais é cada vez mais um desafio que deve ser enfrentado com frontalidade e pragmatismo.

È absolutamente fundamental, rentabilizar esses recursos mas sem que se coloque em causa o objetivo final, garantir a segurança de pessoas, equipamentos, informação entre outros.

A Brigada de Intervenção definiu, para além de outros objetivos importantes em outras áreas, a intenção de manter e atualizar conhecimentos aos seus quadros de molde a garantir uma maior implementação das normas e procedimentos associados a todas as questões relacionadas com a Segurança Militar.

No sentido de alcançar este objetivo, fomos apoiados pela Direção de Comunicações e Sistemas de Informação (DCSI) e pelo Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército (CSMIE), que rapidamente apadrinharam e apoiaram a ideia.

Neste sentido planeamos as Jornadas sobre Segurança Militar no Comando da BrigInt em Coimbra no Aquartelamento de Sant'Ana, e para isso, convidamos palestrantes da DCSI, para os assuntos de INFOSEC, e do CSMIE para os assuntos de segurança física, documental e de entidades.

Estiveram presentes militares da DCSI e do CSMIE que ao trazerem os seus conhecimentos e as suas experiências, transmitiram ideias fundamentais a todos os que estiveram presentes nas jornadas.

No dia 19 de junho de 2014 decorreram, no Comando da Brigada de Intervenção, as Jornadas de Segurança Militar. Estas Jornadas, realizam-se com a participação de Oficiais e Sargentos do Comando da BrigInt bem como das suas Unidades e encargos num total de cerca de 30 Militares.

As Jornadas de Segurança Militar foram presididas pelo Exmo 2º Comandante da Brigada de Intervenção, CorTir Eduardo Manuel Braga da Cruz Mendes Ferrão.

TCOR INF
FERNANDO GONÇALVES

De acordo com a Diretiva Nº 167/07 de SExa o General CEME, os Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças, utilizam de forma continuada, o RI1 como centro de treino.

Neste sentido, o Comando da Brigada de Intervenção, determinou que o Regimento de Infantaria 14, projetasse uma Unidade de Escalão Pelotão para o Quartel da Atalaia, em Tavira, no período de 01jun14 a 15jul14.

A UEP referenciada e preparada para esta missão, foi constituída por 34 militares (1 Oficial; 3 Sargentos e 30 Praças) e teve como objetivo conduzir atividades de treino operacional (individual e coletivo) e manutenção da presença do Exército em Tavira.

Durante o período considerado, o Pelotão projetado para o RI1 ficou sob Comando Completo do Comandante do RI1.

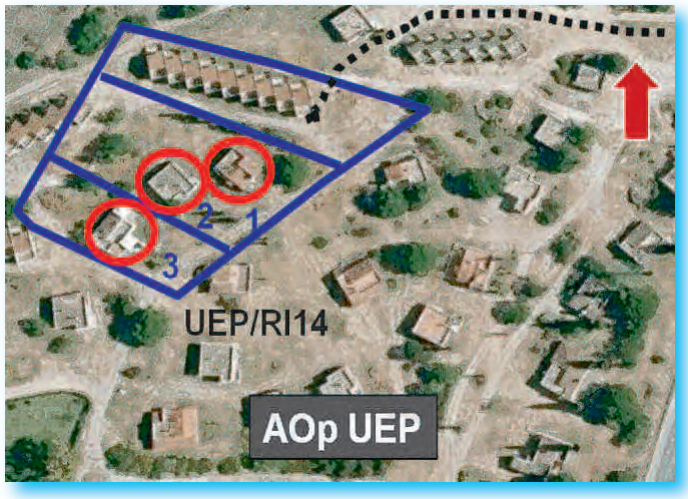
As atividades a desenvolver no RI1 foram planeadas e programadas pelo 2BI, em coordenação com o Cmd da BrigInt e aquele Regimento.

Já no decorrer do cumprimento desta missão, foi acrescentada, por decisão Superior, a tarefa de efetuar missões operacionais de vigilância de áreas florestais na região e para as quais a UEP foi reforçada com duas viaturas ligeiras, uma oriunda do RI14 e outra do RI13.

As principais atividades desenvolvidas pela UEP foram:

- Os Oficiais e Sargentos fizeram parte da escala de graduado dia do RI1, juntamente com os Oficiais e Sargentos do RI1; as Praças cumpriram os respetivos serviços estipulados para os militares da sua categoria;
- Provas topográficas;
- Tiro de manutenção;
- Combate em áreas edificadas;
- Patrulhas de vigilância florestal.

Após a conclusão do programa de treino na área de combate em áreas edificadas, foi efetuado um exercício neste âmbito na "Quinta das Oliveiras" com o objetivo de ***"Exercitar e desenvolver as tarefas essenciais, até ao nível PelAt, no âmbito do Combate em Áreas Edificadas, num ambiente de carácter convencional"***.



Neste exercício, A UEP executou a limpeza de um pequeno aldeamento, onde foi possível:

- Treinar a tática, técnica e procedimentos, tarefa que foi enriquecida pela particularidade e complexidade das infraestruturas edificadas existentes;

- O treino do comando e controlo do Pelotão durante a operação;

A permanência da UEP/RI14 terminou com a realização das patrulhas de vigilância florestal, cumprindo o protocolo do Exército com a Câmara Municipal de São Brás de Alportel. Nesta atividade foram percorridos 3812 Km em ações de prevenção dos fogos florestais.

Foi gratificante constatar junto das populações e das entidades da região, a atitude positiva, o acolhimento e o agradecimento da presença dos militares nas florestas da Serra do Caldeirão.

VBR PANDUR II 8X8 - LANÇAMENTO AUTOMÁTICO DAS GRANADAS DE FUMOS

ASP TIR CAV
FERNANDO FERNANDES

Segundo General George Patton ***"The obvious thing for the Cavalryman to do is to accept the fighting machine as a partner, and prepare to meet more fully the demands of future warfare".***

Entre os dias 15 e 24 de outubro de 2014, o Regimento de Cavalaria 6 (RC6) recebeu, vindos da Escola das Armas (EA), os Aspirantes Tirocinantes de Cavalaria do Tirocínio para Oficiais (TPO) de Cavalaria (Cav) e os Furriéis Alunos do 42º Curso Formação de Sargentos (CFS) de Cavalaria para o Estágio da Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR II 8X8 do ano letivo de 2014/2015.

O contínuo e estreito relacionamento entre a componente operacional e a componente da formação é algo que se deve preservar na ânsia de obter os melhores quadros possíveis na Arma de Cavalaria. Desta forma e decorrente desta formação o RC6, como elemento ativo na formação de quadros da Arma de Cavalaria, deu a oportunidade única aos instruendos, de testar as capacidades do sistema de Lançamento de Potes de Fumo das VBR PANDUR II 8x8, em treino e demonstração com Granadas de Fumo reais.

Pretendia-se ao certo testar e verificar o *modus operandi* das versões da VBR PANDUR II *Infantry Combat Vehicle* (ICV), *Infantry Fighting Vehicle* (IFV) e Remote Weapon Station (RWS), quando o Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo está ligado e o Sistema de Deteção de Ameaças ou *Threat Detection System* (TDS) ativo no modo automático, de maneira a perceber de que forma é que um influencia o outro e perceber como é que numa situação real podemos tirar partido desses sistemas.

O recurso aos manuais das viaturas foi imprescindível, até porque deve partir-se para o terreno com o conhecimento teórico bem consolidado, sendo este um bastião para todo o correto manuseamento da viatura. Assim há a necessidade de compreender o funcionamento do TDS e do Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo de forma separada para à posteriori os correlacionarmos.

TDS (Threat Detection System)

O TDS é um sistema de aviso de ameaça laser, ou seja é um sistema que deteta qualquer tipo de laser que seja direcionado para a viatura, normalmente com o objetivo de a referenciar.

É um sistema amovível, constituído por vários sensores que detetam o ângulo de incidência da ameaça num campo de deteção de aproximadamente 360º em azimute e de -35º até 90º em elevação. Toda a informação detetada por o TDS é imediatamente enviada para a Unidade de Controlo do TDS que se encontra alojado no compartimento de combate junto ao lugar de Chefe de Viatura.

Figura 1- Sistema TDS

Figura 2 - Imagem do Monitor de Controlo do TDS

Entre a diversa informação que este sistema faculta ao Chefe de Viatura destaca-se: o **tipo de ameaça** podendo esta ser térmica, laser ou infravermelhos; a **identificação da ameaça,** materializada por um código alfanumérico de 4 dígitos; o **azimute,** que se traduz no ângulo horizontal de onde a ameaça foi detetada podendo este ser apresentado em forma de sector ou azimute; a **elevação** fazendo a destrinça entre deteção superior, intermédia ou inferior consoante o ângulo vertical da ameaça se encontre entre os 90º e 45º, 45º e -5º, -5º e -35º respetivamente; e ainda a **frequência** do raio laser em Hertz (Hz).

Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo

Figura 3 - Rampas de Lançamento de Granadas de Fumo na versão ICV

O Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo consiste em duas Rampas de Lançamento de Granadas de Fumos com quatro Tubos Lançadores por cada rampa que são controlados a partir da Caixa de Controlo do Sistema de Lançamento de Granadas de Fumos situado no Compartimento de Combate junto ao lugar de Chefe de Viatura.

A caixa de controlo deste sistema permite ao chefe de viatura selecionar qual a rampa que quer disparar (direita ou esquerda), sendo que ao efetuar o disparo são percutidas as quatro Granadas de 76 mm da rampa selecionada, de uma só vez.

Com os Tubos Lançadores a 45º as granadas podem atingir alcances entre os 30 a 50 metros gerando uma cortina de fumos com a duração entre os 30 a 40 segundos.

Função de Segurança

Todas as versões da VBR PANDUR II 8x8 possuem uma Função de Segurança que influencia a utilização do Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo.

Essa Função de Segurança impossibilita ou possibilita o disparo das granadas de fumo quando as escotilhas da guarnição ou do condutor estejam abertas e visa a segurança da guarnição que poderá encontrar-se na trajetória das granadas.

No caso da versão ICV, a Caixa de Controlo do Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo possui um sistema de teste que verificará se as rampas estão prontas a disparar de acordo com as regras de segurança supra mencionadas. Existe ainda a possibilidade de desativar esta Função de Segurança no Monitor do Painel de Instrumentos selecionando a terceira página e o item GRANADAS DE FUMO, permitindo que se lance as granadas mesmo com as escotilhas abertas.

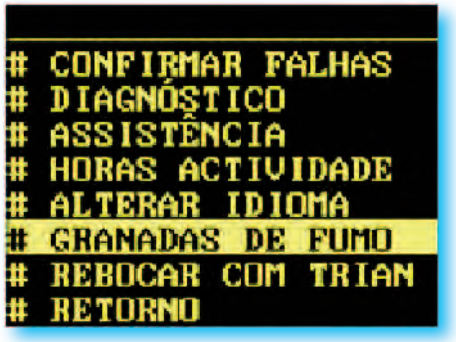


Figura 4 - Função de Segurança da versão ICV

Figura 5 - Função de Segurança da versão IFV

A versão IFV possui também a Função de Segurança, desta feita ativada ou desativada pelo Chefe de Viatura através de um interruptor que se encontra na parte superior da Caixa de Controlo da Torre, que se encontra no Compartimento de Combate. Este interruptor é o mesmo que é necessário ligar para que o restante armamento possa ser usado de escotilhas abertas.

Figura 6 - Função de Segurança da versão RWS

De igual forma a versão RWS também consegue controlar a Função de Segurança a partir do Monitor do Apontador através do interruptor do ***BATTLE OVERRIDE***, o mesmo que é necessário ligar para que o restante armamento possa ser usado de escotilhas abertas.

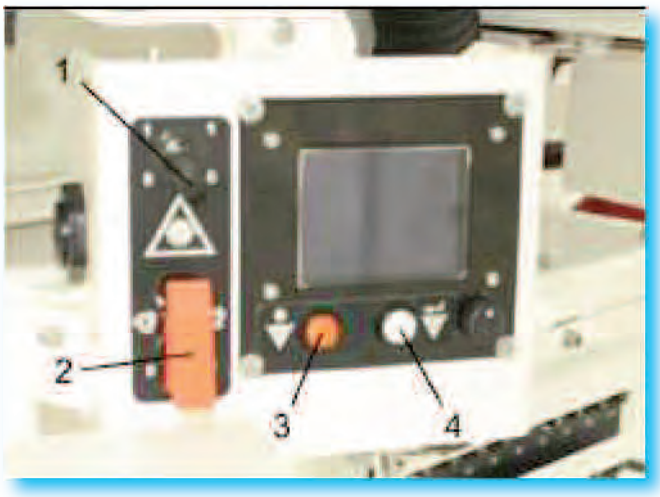


Figura 7 - Função de Segurança da versão RWS

Lançamento Automático das Granadas de Fumo

Dados como adquiridos os conhecimentos anteriormente abordados neste artigo, passamos para o cerne da questão que o originou: a conjugação do Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo com o TDS.

Para que isto seja possível o Chefe de Viatura deve ligar o TDS, acionar o interruptor (2) para ligar automaticamente o Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo, que se localiza no lado esquerdo da Unidade de Controlo do TDS e ligar o Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo.

A partir do momento que esteja ligado e se cumprir as regras de segurança prescritas (luz verde acesa na Caixa de Controlo do Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo), as 8 granadas de fumos estão prontas a ser disparadas de forma automática assim que o TDS detetar uma ameaça.

Interessa agora realçar as diferenças no modo de utilização das várias versões da VBR PANDUR II, no que diz respeito às potencialidades de cada sistema e à localização das Rampas de Lançamento.

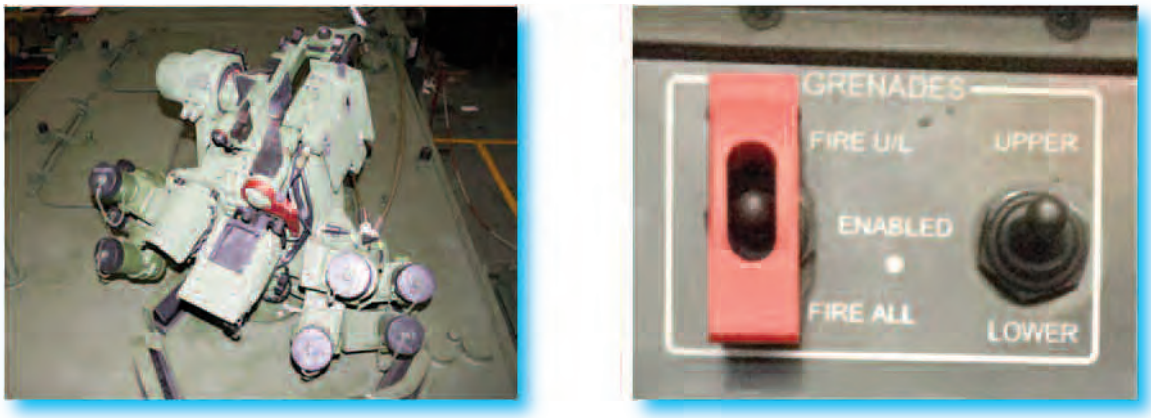


Figura 9 - Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo na versão RWS

No que diz respeito à VBR PANDUR na sua versão base, ou seja a ICV, verifica-se que as Rampas de Lançamento encontram-se na parte superior à retaguarda da viatura e estão sempre voltadas para a frente da VBR, o que permite concluir que as granadas são sempre lançadas para o azimute 0º da VBR, podendo ser prejudicial em certos casos para a guarnição da viatura. (Exemplo: se a ameaça se encontrar de flanco e a solução passar por sair o mais rápido para a frente, o lançamento de fumos na direção de saída será prejudicial).

Figura 8 - Função de Segurança da versão RWS

Após o teste realizado pode constatar-se que, assim que o TDS detete uma ameaça as granadas são lançadas imediatamente sem que seja possível voltar a frente da viatura para a ameaça e sem que o Chefe de Viatura tenha que desenvolver qualquer ação.

Na versão VBR PANDUR II RWS as Rampas de Lançamento encontram-se alojadas na torre da viatura, permitindo assim rodar as mesmas 360º em direção e estão divididas em 4 rampas superiores ***(UPPER)*** e 4 rampas inferiores ***(LOWER)***. Neste caso e da mesma forma que na versão ICV o Chefe de Viatura aciona o interruptor do TDS para ligar o Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo em modo automático.

Quando este sistema se encontra ligado e assim que o TDS detete uma ameaça é enviada uma mensagem de aviso para o monitor do Apontador, que informa qual o azimute da ameaça e se o Apontador pretende ou não rodar a torre para esse mesmo azimute, isto sem que seja lançada qualquer granada.

Cabe ao Chefe de Viatura decidir se utiliza ou não o recurso das Granadas de Fumo sendo que se decidir positivamente, o Apontador terá que pressionar o botão **"SEL/ZERO"** e o **"PALM SWITCH"** para que a torre rode automaticamente para a ameaça.

Após este procedimento o apontador é ainda obrigado a disparar manualmente as granadas de fumos no interruptor que se encontra no seu painel optando, de acordo com a ordem dada, se dispara apenas 4 granadas ou as 8 selecionando "FIRE U/L" ou "FIRE ALL" respetivamente.

É importante referir que o interruptor de seleção da rampa lança potes de fumos deverá estar selecionado quer em "UPPER" quer em "LOWER", uma vez que a posição intermédia não permite disparar as granadas.

No que toca à versão VBR PANDUR II IFV o funcionamento do sistema é similar à versão ICV com apenas uma diferença, enquanto que na versão ICV as granadas eram lançadas para a frente da viatura, na versão IFV as granadas são lançadas na direção em que a Torre estiver a apontar, uma vez que as rampas estão alojadas na torre da viatura.

O teste demonstrou que, tal como na versão ICV, após a deteção da ameaça pelo sistema TDS, todas as granadas são lançadas de forma automatica sem interferência do Apontador ou Chefe de Viatura.

Observa-se aqui que a torre ao contrário da versão RWS não roda automaticamente para o azimute da ameaça, nem permite que a guarnição tenha tempo para rodar a torre para esse mesmo azimute.

Em jeito de conclusão é possível afirmar que os sistemas supra referenciados são uma mais-valia principalmente para a VBR PANDUR II na sua versão RWS, uma vez que permite à guarnição adquirir rapidamente e de forma automática o azimute da ameaça e utilizar numa questão de segundos as granadas de fumo para se mascarar.

De igual forma constatamos que em relação às duas outras versões o Sistema de Lançamento de Granadas de Fumos ligado no modo automático é menos frutífero uma vez que

pode em certos casos ser até prejudicial a sua utilização.

No caso da versão IFV uma vez que as Rampas de Lançamento de Potes de Fumo se encontram na torre da viatura deveria existir uma opção para que a torre automaticamente adquirisse o azimute da ameaça, pois uma vez que é possível, ao contrário da versão ICV, apontar as Rampas de Lançamento para o azimute da ameaça, a existência dessa opção seria um fator potencializador das capacidades do Sistema de Lançamento de Granadas de Fumo.

Figura 10 - - Granadas de Fumos durante lançamento

Relativamente aos dados técnicos dos sistemas verificou-se que em todos os testes realizados nas várias versões os dados relativos aos fumos foram similares verificando-se que após a deteção da ameaça pelo sistema TDS as Granadas de Fumo são lançadas e demoram em média 8 segundos até que atinjam solo a uma distância que varia entre os 40 a 50 metros.

No que diz respeito às granadas constatou-se que estas produzem fumo durante aproximadamente 30 segundos provocando uma cortina de fumo que mascara a posição durante aproximadamente 1 minuto, dependo este dado das condições climatéricas.

Por fim este teste permitiu enriquecer o conhecimento das capacidades que a VBR Pandur II 8x8 possui, sendo de realçar que isto contribuirá para uma maior proficiência quer a nível operacional quer na formação dos futuros Quadros da Arma de Cavalaria.

Figura 11 - Cortina de Fumo na fase inicial

REUNIÃO DOS OFICIAIS DE JUSTIÇA DA BRIGADA

CAP TTRANS
ANTÓNIO PEREIRA

A Brigada de Intervenção (BrigInt), através do seu Gabinete de Justiça (GabJust), levou a efeito, em 17 de setembro de 2014, a Reunião Anual de Oficiais de Justiça.

A reunião teve lugar no Aquartelamento de Sant`Anna, em Coimbra, e contou com a participação de 14 oficiais e 5 sargentos em representação das várias Unidades da Brigada de Intervenção.

Participaram também, como convidados, dois oficiais do RA5 e um oficial do RT, Unidades que a partir de 01Out14, ficam na dependência da Brigada de Intervenção.

Pelo segundo ano consecutivo, acompanharam também os trabalhos dois oficiais do CFT, o Chefe do Gabinete de Justiça/CFT e o Assessor Jurídico.

Na reunião, teve lugar uma Ação de Formação/Divulgação da PJM, direcionada para Oficiais de Justiça, ministrada pelo Chefe de Equipa de Investigação da Policia Judiciária Militar, Major Domingues.

Esta reunião teve como objetivos: garantir procedimentos conformes com as determinações superiores para a área da Justiça e Disciplina; dar cumprimento à postura assumida, do antecedente, no seio da Brigada de Intervenção, com vista a incrementar as relações de trabalho entre as Unidades da BrigInt e o GabJust/BrigInt, por forma a elevar os seus níveis de eficiência e uniformização; sensibilizar para os aspetos práticos da elaboração dos diferentes tipos de processos, bem como difundir e comentar as alterações legislativas e procedimentais mais recentes (ocorridas desde a última reunião anual) com impacto na justiça e disciplina.

A reunião, decorreu de acordo com a seguinte agenda:

- Apontamento dos vícios mais comuns cometidos ao nível das Unidades no âmbito da Justiça e Disciplina;
- O Processo Disciplinar de Acidente de Viação (PDAV) – Principais preocupações dos oficiais instrutores;
- Outros processos e seus procedimentos;
- Novidades legislativas;
- Condecorações e Louvores (Procedimentos imprescindíveis na elaboração de propostas; Recomendações e entendimentos a seguir; Alterações regulamentares);
- Ação de Formação/Divulgação da PJM (Natureza, Missão, Atribuições e Organização da PJM; Competências da PJM; Atuação face a crime; Crimes mais comuns; PJM – Instalações, contactos e procedimentos).

A ação de formação/divulgação da PJM, veio trazer uma mais-valia para os Oficiais de Justiça da Brigada, através da abordagem da temática da atuação face ao crime, os crimes estritamente militares, bem como dos procedimentos a adotar, o que veio complementar as orientações superiores sobre este assunto.

Tal como nas edições anteriores, partilharam-se experiências, atualizaram-se e uniformizaram-se procedimentos, tendo sido evidente, ao longo de toda a reunião, uma excelente interação facilitadora das relações de trabalho entre o Gabinete de Justiça da Brigada e as Secções de Justiça das suas Unidades.

Cap Cav
Samuel Gomes

A Constituição da República Portuguesa, a Lei Orgânica do Exército e a Lei de Bases da Proteção Civil, entre outras, estabelecem que as Forças Armadas podem ser incumbidas de colaborar em missões de proteção civil, nomeadamente em acções de prevenção, auxilio no combate e rescaldo em incêndios e em tarefas relacionadas com a satisfação de necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações.

No âmbito das Missões de Interesse Público, em geral, e no Sistema de Defesa da Floresta Contra Incêndios, em particular, o Exército colabora, de forma programada, com o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas na prevenção estrutural, através do Plano Faunos, e com a Autoridade Nacional de Proteção Civil no combate a incêndios, através do Plano Lira (Figura 1).

Figura 1

A Brigada de Intervenção, dentro da sua área de responsabilidade (cobrindo mais de 90 Concelhos do Território Nacional), através das suas Unidades, está preparada para empregar os meios definidos, na Tabela 1, em ações de rescaldo e de vigilância pós-incêndio florestal e ainda os meios de engenharia, em operações de rescaldo ou de combate indireto a incêndios.

Tem também a capacidade de, sob coordenação da Guarda Nacional Republicana e em articulação com o Comando Distrital de Operações de Socorro, conduzir ações de vigilância e deteção de incêndios.

A Brigada de Intervenção, neste ano de 2014, e depois de um período de Verão com valores de temperatura média do ar inferiores ao normal[1] , ainda assim, foi chamada a empenhar os seus meios no terreno de forma pronta e eficaz, percorrendo quase 3.000 Km, no âmbito do Plano Lira (tabela 2) e 59.853 Km na execução do Plano Faunos (tabela 3).

UNIDADE	MEIOS				
	PESSOAL[1]		VIATURAS		OUTROS
	Vigilância e deteção / Vigilância pós-incêndio	Operações Rescaldo	Vigilância e deteção / Vigilância pós-incêndio	Operações Rescaldo	
RI13	01/03/12	01/03/18	4 Viaturas ligeiras	1 Viatura ligeira 3 Viaturas médias[2]	Ferramentas manuais, equipamentos de vigilância e proteção individual, meios transmissões, meios de navegação, bolsa socorrista e/ou kit primeiros socorros, meios de recolha imagens; Cartão ADM; Cartão Galp Frota (condutores).
RI14					
RI19					
RC6					
RAAA1					
RE3	00/01/04[3] (x2)		1 Viatura ligeira 1 Trator de lagartas 1 Plataforma (x2)		Meios transmissões, meios de navegação, bolsa socorrista e/ou kit primeiros socorros, meios de recolha imagens; Cartão ADM; Cartão Galp Frota (condutores).

[1] Efetivo mínimo
[2] RI13 e RI19 também utilizam as 2 viaturas de transporte médias com a Unidade Compacta Hidráulica para Supressão de Incêndios Florestais
[3] Inclui 2 condutores e 1 operador de equipamento pesado (não executa operações de vigilância e deteção)

U/E/O	FORÇA	EFECTIVO			VIATURAS					ZONA ACTUAÇÃO	Dias	DIST. PERCORRIDOS		
		O	S	P	LIG	MED	PES	ADM	ESP			Km	Horas	LITROS
Cmd BrigInt	1OFLIG	1	_	1	1	_	_	_	_	Pampilhosa da Serra	1	392		48,000
RI13	___	__	__	__	__	__	__	__	__	RI13	1 (*)	NR	NR	NR
RI14	1PEL	1	3	18	1	3	_	_	_	Fiais da Telha/ Carregal do Sal	1	586	_	77,00
	1OFLIG	1	_	1	1	_	_	_	_	Fiais da Telha/ Carregal do Sal	1	83	_	7,00
	1PEL/OF LIG	2	3	18	2	3				Senouras / Almeida	1	1.582	_	79,00
	1OFLIG	1	_	1	1	_	_	_	_	Teixeira-Seia	1	297	_	10,000
TOTAL		6	6	39	6	6	0	0	0		5	2940	0	221

Tabela 2 - Meios empenhados no Plano Lira 2014

U/E/O	FORÇA	EFECTIVO			VIATURAS					ZONA ACTUAÇÃO	Dias	DIST. PERCORRIDOS		
		O	S	P	LIG	MED	PES	ADM	ESP			Km	Horas	LITROS
Cmd BrigInt	1OFLIG	1	_	1	1	_	_	_	_	Pampilhosa da Serra	1	392		48,000
RI13	___	__	__	__	__	__	__	__	__	RI13	1 (*)	NR	NR	NR
RI14	1PEL	1	3	18	1	3	_	_	_	Fiais da Telha/ Carregal do Sal	1	586	_	77,00
	1OFLIG	1	_	1	1	_	_	_	_	Fiais da Telha/ Carregal do Sal	1	83	_	7,00
	1PEL/OF LIG	2	3	18	2	3				Senouras / Almeida	1	1.582	_	79,00
	1OFLIG	1	_	1	1	_	_	_	_	Teixeira-Seia	1	297	_	10,000
TOTAL		6	6	39	6	6	0	0	0		5	2940	0	221

Tabela 3 - Meios empenhados no Plano Faunos 2014

(*) TL (Trator de Lagartas)/VTL(Viatura Táticas Ligeiras)/VTM(Viatura Táticas Médias)/VTP(Viatura Tática Pesada /PL (Plataforma)

Plano Faunos – Máquina do RE3 em abertura de aceiros.

Os valores apresentados anteriormente, referidos ao Plano Lira e Faunos, são demonstrativos da capacidade da Brigada de Intervenção para que o Exército e as Forças Armadas, em geral, continuem a ser capazes de dar uma resposta cabal às missões que lhes são atribuídas, em prol do bem-estar das populações e do País.

1 Boletim climatológico Sazonal – Verão 2014, do Instituto Português do Mar e da Atmosfera.

MAJ INF
ANSELMO DIAS

As conhecidas Guerras Peninsulares, também tiveram lugar em território nacional, em que para além da geografia de rigor que tão bem nos carateriza, os franceses se esqueceram de que é feito o temperamento português.

Não sendo meu intento abordar em pormenor as invasões francesas, apenas nos cabe referenciar e abordar, de forma holística, a batalha do Buçaco.

Liberto o país de duas invasões francesas novas preparações os portugueses tiveram de efetuar para se libertarem da ambição de Napoleão, pois esta estava longe de se extinguir.

Em Março de 1810, Wellington[1] , comandante do Exército Anglo-Luso, prevendo uma terceira invasão francesa, mas desta vez pela Beira-Alta, começa a efetuar os trabalhos de preparação do terreno e a dispor as suas forças em consonância com o seu plano defensivo.

Era forte a probabilidade de invadirem Portugal por esta região, no entanto, outras regiões, fronteiras entre o Alentejo e Extremadura Espanhola, eram vigiadas pela Brigada de Hamilton, para a eventual situação de invadirem o território nacional por essa região.

Simples de escrever e mais fácil de ler, tudo em sentido oposto ao que sentiu aquela gente. Apesar da batalha ser produto de combatentes, foi mesmo o povo o mais sacrificado. As forças de Napoleão viviam do saque para sua sustentação, mas desta feita, tiveram obra portuguesa, as gentes da terra tiveram que abandonar os seus lares e pertences, tal como destruir as fracas colheitas com o intuito de quebrar o abastecimento a forças de Napoleão.

Medida adotada que permitiu compreender o facto dos franceses sentirem dificuldades de reabastecimento à medida que progrediam por território nacional. Mas abordemos momentos antecedentes à Batalha do Buçaco.

Em Julho, Loison[2] atravessa a fronteira na região de Almeida, validando o estudo e previsão da potencial invasão pela Beira. Após a rendição da praça de Almeida, Massena[3] avança para Viseu e desta para Santa Comba Dão e posteriormente para Mortágua, sempre pela serra do Caramulo.

Wellington, que desde cedo acompanhava o movimento das forças opositoras, decidiu dar combate a 27 de setembro na região do Buçaco.

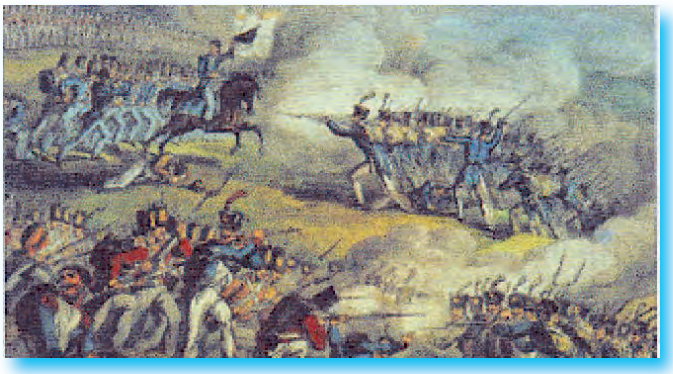
A Batalha do Buçaco, nome dado pela designação da região, pautada pela criteriosa escolha do local, de terreno ideal para uma situação defensiva, aliada ao reforço que os portugueses tinham na sua organização, que já vinha das invasões anteriores, formaram o exército Anglo-Luso, foi algo de superior no que diz respeito à arte e ciência militar. Massena, não acatou os conselhos dos seus oficiais em retirar para a conquistada Praça de Almeida, o quantitativo apesar de superior não era significativo e o terreno não ajudava.

Mas, Massena, comandante das forças francesas no Buçaco, decidiu cumprir escrupulosamente as ordens de Napoleão, dando combate num ataque frontal.

Wellington, conjugou a manobra tática ao aproveitamento do terreno, conseguiu obter uma vitória com avultadas baixas no exército opositor, que viriam a ser sentidas ao longo da sua marcha até às Linhas de Torres.

Após a sua derrota, Massena ao invés da ideia inicial, decide contornar Buçaco e continuar em direção a Coimbra. Wellington, não explora o sucesso e prefere preservar potencial para o momento decisivo desta terceira invasão, a defesa ao longo das Linhas de Torres.

Na sequência do referido, a batalha do Buçaco assumiu especial relevância no contexto das Guerras Peninsulares, no século XIX, tendo demonstrado as capacidades do exército Anglo-Luso para combater o invasor e sem as quais todas as vitórias subsequentes não teriam sido possíveis, pelo que, no culto das tradições militares o Exército promove as comemorações naquela localidade na data da batalha.



Deste modo, a Brigada de Intervenção, participou no passado dia 27 de setembro na cerimónia militar alusiva às Guerras Peninsulares, na região da Mata do Buçaco, para relembrar tamanhos feitos, que foi presidida pelo Exmo MGen João Manuel Santos de Carvalho, Diretor da Direção de História e Cultura Militar (DHCM), em representação de SExa o Gen CEME.

1 Arthur Wellesley, foi o 1º Duque de Wellington, famoso pela adoção do estilo de combate defensivo, pormenorizado planeamento das batalhas e criterioso na seleção e escolha do campo de batalha, utilizando sempre, em seu proveito, o rigor do terreno.

2 Louis Henri Loison, mais conhecido pela alcunha do "maneta". General ao serviço de Napoleão, participou na primeira invasão a Portugal, sob o Comando do General Junot e na terceira invasão comandava a vanguarda das forças francesas.

3 Marechal André Massena, Oficial General que comandou a terceira invasão francesa a Portugal.

A INTEGRAÇÃO BISTAR NO CICLO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES DA BRIGINT

MAJ INF
JOÃO PAIS

O papel das informações ao nível tático é, obter e fornecer ao Comandante uma previsão das intenções da ameaça, uma avaliação da influência das características da área de operações no cumprimento da nossa missão e no da ameaça, tão rápida e completa quanto o possível.

Apesar de as informações não serem certezas absolutas, mas apenas estimativas, a posse de informações permite ao Comandante possuir uma importante vantagem sobre a ameaça (Exército Português, 2009, pp. 1-2,3).

Um dos objetivos das informações é reduzir o nível de incerteza presente no teatro de operações (TO). Em teoria, se pudéssemos prever ações da ameaça de forma precisa numa dada situação, poderíamos abordar o campo de batalha com a certeza do que estaríamos a encontrar. Na prática, isto raramente acontece, se é que alguma vez será possível.

Como contributo para a obtenção duma melhor *Common Operational Picture* (COP) surge-nos o I*ntelligence, Surveillance, Target Acquisition and Reconnaissance* (ISTAR). Esta define-se como uma atividade de informações em apoio direto a operações correntes e futuras, que integra e sincroniza o planeamento, o emprego de sensores e equipamentos e os sistemas de processamento, exploração, targeting e disseminação. A compreensão da situação (SA), obtida através das capacidades do ISTAR, é fundamental para o processo de tomada de decisão (Exército Português, 2009, pp. 4-18,19).

Com este artigo pretende-se analisar a integração do Batalhão ISTAR (BISTAR) no ciclo de produção de informações da Brigada de Intervenção (BrigInt) e em particular no Exercício Dragão 14.

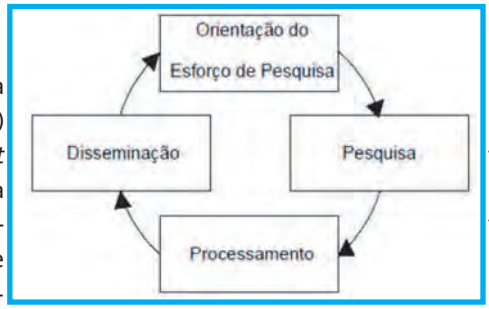
O ISTAR integra informações, vigilância, aquisição de objetivos e sistemas, de forma a disponibilizar indicações sobre a manobra e os recursos para conduta das operações, com particular ênfase na disponibilização atempada, quer de informação crítica, quer de targeting. Inclui a pesquisa, coordenação e gestão das notícias e das informações (Exército Português, 2013, pp. 1-2).

O quadro de pessoal da BrigInt n.º 24.0.10 de 08JUL10 prevê na sua orgânica um BISTAR. Este Batalhão é atribuído pelas Forças de Apoio Geral à BrigInt, em situações de treino ou emprego operacional, contudo as reais competências deste BISTAR estão dependentes da efetivação do levantamento de capacidades do Exército. De registar que no âmbito do Plano de desenvolvimento e implementação da capacidade ISTAR no Exército, esta é a segunda vez que este Batalhão se encontra num exercício como parte integrante da audiência de treino (a primeira ocorreu no âmbito do exercício *ORION 09).*

O BISTAR é uma unidade ligeira, vocacionada para se constituir como unidade de apoio de combate da Brigada, insere-se na função de combate informações, e tem como atividades primárias: informações, vigilância, aquisição de objetivos e reconhecimento.

O seu objetivo é produzir notícias e informações para ir ao encontro dos *Commander´s Critical Information Requirements* (CCIR), resultantes do processo de planeamento operacional e contribuir para a SA (Estado-Maior do Exército, 2009). Estes CCIR traduzem-se nos elementos de informação necessários ao comandante que afetam diretamente a tomada de decisão e ditam o sucesso na execução de uma operação militar (Escola das Armas, 2013).

O sistema ISTAR tem três elementos principais: noticias, a arquitetura e os processos. O ISTAR integra continuamente o ciclo de produção da informação com partes do processo operacional. Dentro do processo operacional, o ISTAR contribui continuamente para o estudo do espaço de batalha pelas informações (IPB), *targeting*, gestão do conhecimento, sincronização das informações, vigilância e reconhecimento (Exército Português, 2013, pp. 1-4). Neste contexto podemos afirmar que o BISTAR são os olhos e os ouvidos da Brigada.



O ISTAR não é um substituto do ciclo de produção de informações mas um complemento. Este ciclo é uma sequência das atividades de informações na qual a notícia é obtida, transformada em informação e explorada. Esta sequência compreende quatro fases distintas: orientação do esforço de pesquisa, pesquisa, processamento e disseminação.

No exercício DRAGÃO 14, o BISTAR contribuiu decisivamente na fase da pesquisa, no entanto pretende-se que esta contribuição possa ser alargada, dado o seu potencial.

Vivemos no período da tecnologia da informação. Nesta realidade o domínio de informação tornou-se uma prerrogativa essencial para manter a superioridade sobre o inimigo e maximizar as nossas possibilidades de sucesso. O domínio da informação deve ser alcançado substancialmente através da implementação de capacidades operacionais, sejam elas no âmbito da pesquisa e recolha, do processamento ou da disseminação das informações.

Se a função de combate informações - mais do que qualquer outra - tem que acompanhar as mudanças do adversário para atender os CCIR do Comandante, este sistema permite-nos obter a vantagem no domínio da informação. No que diz respeito à pesquisa e recolha de informação, tais objetivos têm sido perseguidos no Exército através do desenvolvimento e implementação da capacidade ISTAR no Exército.

O treino do pessoal e a simbiose entre as diversas unidades da Brigada, bem como a aquisição de novas tecnologias, será, nos próximos anos, a meta a ser alcançada com maior intensidade

.

Bibliografia

Estado-Maior do Exército. (2009). Quadro Orgânico N.º 24.0.61 Batalhão ISTAR. Lisboa: Exército Português.

Exército Português. (2009). PDE 2-00 Informações, contra-informação e segurança. Lisboa: Exército Português. (2013). PDE 2-60-00 ISTAR. Lisboa:

CERIMÓNIA MILITAR DO DIA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Realizou-se no dia 4 de junho a Cerimónia Militar de comemoração do Dia da Brigada de Intervenção que celebrou o seu 8º aniversário no dia 1 de junho.

Na alocução proferida pelo Exmo. Comandante da Brigada, MGen Carlos Henrique de Aguiar Santos, foi destacada a elevada operacionalidade e prontidão de todos os militares e civis da Unidade, salientando também a intenção de "continuar a afirmar a Brigada de Intervenção como a Força Blindada de Rodas do Exército, centrada na viatura PANDUR II, com elevada capacidade operacional e alicerçada numa relevante proximidade à população".

A cerimónia, presidida por Sua Excelência o General CEME, General Hernandez Jerónimo, decorreu segundo os parâmetros de eficiência e garbo característicos desta grande Unidade do Exército Português, a Brigada de Intervenção.

O evento culminou nos claustros do piso superior do aquartelamento onde foi servido um "Porto de Honra" que constituiu um momento de salutar convívio da *"famíl ia mil itar"*.

Agraciaram a Cerimónia com a sua presença ilustres individualidades civis, militares e eclesiásticas.

CONCERTO DO 8.º ANIVERSÁRIO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Um brilhante espetáculo musical, numa sala com lotação esgotada e repleta de esplendor, foi o cenário proporcionado pela Brigada de Intervenção no Concerto Comemorativo do seu 8.º Aniversário.

A Orquestra Clássica do Centro, dirigida pelo Maestro David Wyn Lloyd, brindou os presentes com uma excelente atuação onde interpretou obras de Gioachino Rossini, Robert Schuman e Amadeus Mozart.

Para além dos militares e civis das várias Unidades da Brigada de Intervenção e de diversos ilustres representantes das Instituições da Cidade de Coimbra, que fizeram questão de marcar presença, também a população de Coimbra aderiu de forma muito significativa ao espetáculo.

A Orquestra terminou a sua atuação perante um público entusiasta naquela que se traduziu numa noite muito agradável e notável para todos quantos assistiram ao Concerto do Dia da Brigada de Intervenção.

VISITA DE TRABALHO DO COMANDANTE DAS FORÇAS TERRESTRES À BRIGINT

A Brigada de Intervenção recebeu, no dia 26 de junho, a visita do Exmo. Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General António Xavier Lobato de Faria Menezes.

O TGen Cmdt FT foi recebido no Comando da Brigada, tendo na apresentação de cumprimentos, no Salão Nobre da Brigada de Intervenção, estado presente os Comandantes das Unidades da BrigInt e seus Adjuntos, bem como uma representação de militares e civis do Estado-Maior.

Após a apresentação de um brífingue, conduzido pelo Comandante da Brigada, com a finalidade de contribuir para um melhor conhecimento das capacidades, possibilidades e limitações e dos projetos da Brigada, efetuou-se uma visita às diversas áreas do Aquartelamento de Sant'Anna,

No final da visita o Exmo. TGen Cmdt FT assinou o Livro de Honra e foi entregue uma lembrança institucional.

APRESENTAÇÃO DO CD "FANFARRA E CORO BRIGADA DE INTERVENÇÃO"

Decorreu no dia 17 de julho perante a atenção dos militares e civis do Comando e Unidades da Brigada a cerimónia de apresentação do CD

"Fanfarra e Coro Brigada de Intervenção".

A gravação e edição do álbum musical, constituído por 14 temas, entre os quais se destaca o "Hino da Brigada de Intervenção", foi musicalmente produzido pela Fanfarra e Coro da BrigInt, e contou com a colaboração da Escola Superior de Educação de Coimbra, na pessoa da Doutora Maria do Amparo e do CEMEIA (Centro de Meios Audiovisuais).

A Fanfarra e o Coro da Brigada brindaram os presentes com alguns dos temas que compõem o CD.

DIA DA DEFESA NACIONAL NA UNIDADE DE APOIO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

No período de 27 de maio a 18 de julho de 2014, decorreu no Comando da Brigada de Intervenção o Dia da Defesa Nacional (DDN), durante o qual passaram pela Unidade 2220 jovens.

A comparência ao DDN é um dever militar obrigatório para todos os cidadãos portugueses que cumpram 18 anos de idade, conforme previsto na Lei do Serviço Militar e respetivo Regulamento.

Os jovens que estiveram presentes no Núcleo de Divulgação do DDN do Comando da Brigada de Intervenção, seguiram um programa diário de atividades que tem como finalidade sensibilizá-los para a temática da Defesa Nacional e divulgar o papel das Forças Armadas. Assistiram a apresentações temáticas, visitaram e interagiram com variados equipamentos e materiais militares, com especial destaque para a Viatura Blindada de Rodas PANDUR 8X8, e presenciaram a Cerimónia do "Arriar da Bandeira Nacional".

As tarefas de divulgação foram conduzidas e coordenadas por uma Equipa de Divulgação da Direcção-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar do Ministério da Defesa Nacional, constituída por Oficiais, Sargentos e Praças dos três Ramos das Forças Armadas.

O Comando, Estado-Maior e UnAp da BrigInt e o Centro de Recrutamento de Coimbra apoiaram a realização das jornadas do DDN no Aquartelamento de Sant'Anna.

TOMADA DE POSSE DO 2.º COMANDANTE DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Por despacho nº 147/2014, de 04 de setembro, de S. Exa o TGEN CEME em regime de substituição, e ao abrigo do disposto na alínea g) do n.º 1 do artigo 17.º da Lei Orgânica n.º 1-A/2009 (Lei Orgânica de Bases da Organização das Forças Armadas), de 7 de julho, é nomeado o COR TIR INF 12282483 José António Coelho Rebelo para o cargo de 2º Comandante da Brigada de Intervenção, com efeitos desde 15 de setembro de 2014.

Em 15 de setembro de 2014, tomou posse como 2.º Comandante da Brigada de Intervenção, o Coronel Tirocinado de Infantaria José António Coelho Rebelo.

A Cerimónia de tomada de posse, realizada no Salão Nobre da Brigada, foi presidida pelo Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, Major-general Carlos Henrique de Aguiar Santos, perante a presença de Oficiais, Sargentos e Civis do Comando e CCS da Brigada de Intervenção e da Unidade de Apoio.

VI MOSTRA DE DOÇARIA CONVENTUAL E REGIONAL DE COIMBRA

Realizou-se nas instalações do Comando da Brigada de Intervenção, nos dias 4 e 5 de outubro, a **"VI Mostra de Doçaria Conventual e Regional de Coimbra".**

A sessão de abertura contou com a presença da Exma Vereadora da Cultura da CMC, Doutora Carina Gomes e do Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos.

Por despacho de SExa o Ministro da Defesa Nacional, foi nomeada uma comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da Primeira Grande Guerra, com o objetivo de assinalar a importância daquele período, homenageando o sacrifício do Povo Português e em particular dos seus Soldados que se bateram nos Teatros de Operações de África, Atlântico e Europa.

No dia 18 de Outubro de 2014, a Brigada de Intervenção, através das suas Unidades associou-se a *"uma justa e sentida homenagem aos mortos da Primeira Grande Guerra[1]"* , que se realizou junto aos monumentos evocativos existentes no país, com forças presentes em Coimbra, Braga, Vila Real, Viseu, Guarda, Bragança e Setúbal.

Em Coimbra, com militares da Unidade de Apoio e da Força Aérea a constituir a Guarda de Honra, a cerimónia foi presidida por SExa o Primeiro-Ministro, Dr. Passos Coelho e estiveram presentes os Exmos Presidente da Câmara Municipal de Coimbra – Dr. Manuel Machado, o Chefe de Estado-Maior da Armada – Almirante Macieira Fragoso e o Presidente do Núcleo da Liga dos Combatentes – Coronel Rodrigues Teixeira.

Em Vila Real, a Guarda de Honra foi assegurada pelos militares do RI13, tendo a cerimónia sido presidida por SExa a Presidente da Assembleia da República, Dra. Assunção Esteves, e estiveram presentes o Chefe de Estado-Maior da Força Aérea – General Araújo Pinheiro e o Presidente da Câmara Municipal de Vila Real – Engº Rui Santos.

UNIDADE		DISTRITO	NUCLEO LC	LOCALIDADE	DATA	EFETIVO
BRIGINT	RI13	VILA REAL	VILA REAL	MONDIM DE BASTO	191100OUT14	1 Sec
	RI14	COIMBRA	COIMBRA	OLIVEIRA DO HOSPITAL	221500OUT14	1 Sec
				PENACOVA	251500OUT14	1 Sec
				VILA NOVA OLIVEIRINHA	251130OUT14	1 Sec
		GUARDA	GUARDA	ALMEIDA	081500NOV14	1 Sec
			MANTEIGAS	MANTEIGAS	251130OUT14	1 Sec
				GOUVEIA	251600OUT14	1 Sec
			PINHEL	PINHEL	081130NOV14	1 Sec
		VISEU	VISEU	TONDELA	181445OUT14	1 Sec
				SANTA COMBADÃO	181600OUT14	1 Sec
	RI19	BRAGANÇA	MIRANDELA	CARRAZEDA DE ANSIÃES	191600OUT14	1 Sec
		VILA REAL	CHAVES	CHAVES	191200OUT14	1 Sec
	RAAA1	LISBOA	OEIRAS	CASCAIS	181100OUT14	1 Sec
	RC6	BRAGA	BRAGA	FAFE	251030OUT14	1 Sec
				VILA VERDE	231030OUT14	1 Sec
			VIZELA	VIZELA	211030OUT14	1 Sec
	RE3	AVEIRO	ESPINHO	ESPINHO	181030OUT14	1 Sec
			OLIVEIRA DE AZEMEIS	SÃO JOÃO DA MADEIRA	231030OUT14	1 Sec
				OLIVEIRA DE AZEMEIS	191030OUT14	1 Sec
	RA5	ÉVORA	MONTEMOR-O-NOVO	MONTEMOR-O-NOVO	081100NOV14	1 Sec

Tabela 1 - Cerimónias Locais de Evocação do Centenário da IGG

Nas várias capitais de Distrito, foi lida uma mensagem de Sua Excelência o Presidente da República, do Presidente da Liga dos Combatentes e houve ainda lugar ao descerramento de placas alusivas à efeméride.

Para além destas cerimónias nas capitais de Distrito, decorreram também cerimónias locais que se realizaram entre o dia 18 de outubro e o dia 08 de novembro de 2014, conforme consta na Tabela1.

Esta singela homenagem permitiu manter viva a memória e honrar todos aqueles que tombaram pela Pátria com *"(...) total desprendimento e a humildade dos grandes[2].*

1 Guerra entre 1914 e 1918

2 Mensagem do Presidente da República para as Cerimónias Evocativas do Centenário da Primeira Grande Guerra, Lisboa, 18 de Outubro de 2014.

DIA DO EXÉRCITO CERIMÓNIA DE EVOCAÇÃO E HOMENAGEM AO PATRONO DO EXÉRCITO - D. AFONSO HENRIQUES

Integrado nas Comemorações do Dia do Exército, realizou-se no dia 24 de outubro, pelas 11H30, na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, a Cerimónia de Evocação e Homenagem ao Patrono do Exército – D. Afonso Henriques.

No respeito pela tradição militar, o evento consistiu numa homenagem singela mas plena de significado onde se destaca o ritual de colocação da espada e deposição de uma coroa de flores no túmulo de D. Afonso Henriques, ao que se seguiu a Celebração Eucarística por D. Manuel Linda, Bispo das Forças Armadas e de Segurança.

As comemorações foram presididas por Sua Excelência o General Chefe do Estado Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, e contaram com a presença de diversas entidades militares, civis e eclesiásticas.

COMEMORAÇÕES DO DIA DOS FIÉIS DEFUNTOS 2014 NA GUARNIÇÃO MILITAR DE COIMBRA

A Brigada de Intervenção, em coordenação com o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, realizou no dia 4 de novembro a Cerimónia do Dia de Finados na Guarnição Militar de Coimbra.

O evento teve início com a celebração da eucaristia na Capela do Aquartelamento de Sant'Anna pelo Capelão da Brigada, Cap Marcelino Pereira, e contou com a participação do Coro e Fanfarra da Brigada de Intervenção.

De seguida efetuou-se uma romagem ao Cemitério da Conchada para o ato de Evocação e Homenagem aos Militares Fiéis Defuntos, durante a qual foi depositada uma coroa de flores no Talhão dos Combatentes pelo Exmo. Comandante da Brigada, MGen Aguiar Santos.

No final, o Exmo. Comandante saudou individualmente os familiares dos militares defuntos e os ex-militares presentes no local, que se quiseram associar a esta homenagem, em profunda e íntima comunhão com aqueles que ***"amamos que nunca morrem, apenas partem antes de nós"(Amado Nervo).***

PELOTÃO DO 1ºBI / RI13 - UEP-TAVIRA

No âmbito da manutenção da presença do Exército, na região de Tavira, foi projetado para aquela região em 14 de julho de 2014, um Pelotão com um efetivo total de trinta e cinco militares, constituído por um Oficial, três Sargentos e trinta e uma Praças do 1º Batalhão de Infantaria, do Regimento de Infantaria Nº13.

Tendo como objetivo a execução de treino operacional, o Pelotão desenvolveu todo o treino, orientado essencialmente para as técnicas, táticas e procedimentos do Pelotão de Atiradores, designadamente, treino de Combate em Áreas Edificada, usufruindo das capacidades e infraestruturas do RI1.

O pelotão executou também patrulhas de prevenção e vigilância no concelho de São Brás de Alportel, ao abrigo do protocolo assinado entre o Exército Português e o Município. Esses patrulhamentos decorreram entre 15 de julho 2014 e 31 de agosto de 2014 numa área de 120km2 no interior da serra algarvia, sem registo de ocorrências e ignições nessa área durante o tempo de vigência.

Acresce relevar que o tempo de permanência na região de Tavira durante sete semanas permitiu o desenvolvimento do espírito de corpo e da coesão entre todos os militares do Pelotão, desenvolvendo-se um estreito contacto com a população, regressando ao Regimento de Infantaria Nº13, no dia 01 de setembro de 2014, com um forte sentido de dever cumprido.

CERIMÓNIA DESPEDIDA EXMO CMDT RI13 – COR INF LOUREIRO MAGALHÃES

No passado dia 04 de setembro, teve lugar, no Regimento de Infantaria Nº13, a cerimónia militar de despedida do Comandante do Regimento, Coronel de Infantaria João Carlos Loureiro Magalhães.

Cerimónia simples, mas com elevado significado, destaca-se a formatura geral do Regimento, realizada na Parada da Unidade, com a presença de todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Civis que servem no RI13.

O Exmo. Comandante proferiu um pequeno discurso de agradecimento pela colaboração que lhe foi prestada durante o seu período de comando.

A cerimónia terminou com o desfile das subunidades do Regimento perante o Exmo. Comandante do RI13, Cor Magalhães.

PELOTÃO DO RI13 REGRESSA DA MISSÃO DO KOSOVO

No âmbito da manutenção da presença do Exército Português no Teatro de Operações (TO) do Kosovo, foi projetado para aquela região em março de 2014, um Pelotão do 1º Batalhão de Infantaria, da Brigada de Intervenção, composto por 01 Oficial, 04 Sargentos e 21 Praças, perfazendo um total de 29 militares, integrando o 1ºBatalhão de Infantaria Mecanizado/KFOR.

Tendo como objetivo guarnecer as VBR PANDUR II (8X8) existentes no TO, o Pelotão desenvolveu o treino em Território Nacional (TN), orientado para as técnicas, táticas e procedimentos de um Pelotão de Atiradores num contexto de Operações de Apoio à Paz, com enfoque em tarefas de Controlo de Tumultos.

O tempo de permanência em missão no TO do Kosovo foi de 6 meses, regressando a TN em finais de setembro de 2014 e ao Regimento de Infantaria Nº13, no dia 17 de outubro de 2014, com um forte sentimento do dever cumprido.

CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE DO EXMO CMDT RI13 COR INF FERNANDO MANUEL RODRIGUES PEREIRA DE ALBUQUERQUE

Realizou-se no dia 21 de outubro de 2014, a cerimónia protocolar de tomada de posse do Comandante do Regimento de Infantaria Nº13, Coronel de Infantaria Fernando Manuel Rodrigues Pereira de Albuquerque.

O Cor Inf Albuquerque veio do EMGFA, onde desempenhou as funções de Adido Militar na República de Angola.

Cerimónia simples, mas com elevado significado, destaca-se a formatura geral do Regimento, realizada na Parada da Unidade, com a presença de todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem no RI13.

O novo Comandante do RI13, Cor Inf Fernando Albuquerque, recebeu o Estandarte do Regimento das mãos do 2ºComandante, TCor Inf Joaquim Pereira.

O Exmo. Comandante proferiu um pequeno discurso e passou revista às forças em Parada.

A cerimónia, em parada, terminou com o desfile das subunidades do Regimento perante o Exmo. Comandante do RI13, Cor Fernando Albuquerque.

Concluída a cerimónia militar, o novo Comandante recebeu, no Salão Nobre da Unidade, a apresentação de cumprimentos dos Oficiais e dos Sargentos, bem como uma delegação de Praças e de Funcionários Civis. De seguida, efetuou revista pelas instalações da Unidade, fez a prova da 2ª refeição, presidiu à formatura de início de trabalhos do período da tarde, assistiu ao brífingue do Regimento no miniauditório e, no final do dia, assinou a ordem de serviço.

RI 14
COMEMORAÇÃO DO 350º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE CASTELO RODRIGO (1664) MUNICÍPIO DE FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

No dia 7 de julho foi realizada uma cerimónia de homenagem aos mortos, seguida de cerimónia de hastear da Bandeira Nacional, junto ao cruzeiro evocativo da vitória alcançada pelo General Pedro Jacques de Magalhães, na batalha de Castelo Rodrigo, no campo onde ocorreu a batalha (lugar de Salgadela, freguesia de Mata de Lobos), no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

Esta cerimónia foi uma iniciativa daquela autarquia, no âmbito das comemorações dos 350 anos da Batalha de Castelo Rodrigo (1664).

A participação do RI14 consubstanciou-se através da presença de um Pelotão de Guarda de Honra para as cerimónias referidas, junto ao monumento, tendo tido também a presença de clarins da Brigada de Intervenção. Esta evocação teve a presença de altas individualidades, entre outros convidados, destacando-se a de SExa. o General António dos Santos Ramalho Eanes e o Exmo. Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Carlos de Sá Campos Gil.

O REGIMENTO DE INFANTARIA 14 COMEMOROU NO PASSADO DIA 12 DE JULHO O 63º ANIVERSÁRIO DA INAUGURAÇÃO DAS SUAS ATUAIS INSTALAÇÕES

Para assinalar esta data, realizou-se em 13 de julho 2014, o já tradicional convívio do "DIA DOS VIRIATOS" tendo estado presentes militares e ex-militares que servem ou já serviram nesta Unidade.

Esta jornada comemorativa iniciou-se com a receção dos Ex-militares junto à Porta de Armas; Celebração da Eucaristia pelo Capelão do RI14, o Capitão Marcelino Pereira, seguiu-se uma Cerimónia Militar de Homenagem aos Militares Mortos, junto ao monumento evocativo e seguidamente a tradicional fotografia de grupo.

Com o objetivo de familiarizar e dar a conhecer aos nossos Ex camaradas de Armas as valências operacionais atualmente existentes no RI14, expôs-se na Parada os Viriatos uma mostra de material (equipamento e viaturas) que fazem parte do atual encargo operacional do Regimento.

No Rancho Geral, e imbuído de um clima de fraterna camaradagem, foi partilhado entre todos o tradicional almoço que incluiu o típico rancho à moda de Viseu que fez as delícias dos participantes e que em muito contribuiu para mais um dia de grande convívio e boa disposição entre atuais e ex-militares desta unidade.

CERIMÓNIAS EVOCATIVAS DO DIA DE FINADOS

No passado dia 03 de novembro, o RI14 celebrou o "Dia de Finados", data na qual os militares testemunham os profundos laços de amizade, respeito e gratidão que os unem aos camaradas de armas já desaparecidos.

As cerimónias, realizadas no cemitério municipal de Viseu, constaram de celebração de uma missa de sufrágio pelos militares e civis falecidos em honra da pátria e de uma cerimónia de homenagem aos mortos, com deposição de uma coroa de flores, no talhão dos combatentes. Nestas cerimónias, abertas à população em geral, estiveram presentes várias individualidades em representação de instituições locais, que prestaram uma sentida homenagem aos caídos no campo da glória.

PARTICIPAÇÃO DO RI14 NA CERIMÓNIA DE COMEMORAÇÃO DO 204º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DO BUÇACO

A Batalha do Buçaco tem para o Regimento de Infantaria Nº14 um significado acrescido, devido ao facto de ser oficialmente reconhecida como aquela em que o Regimento teve o seu batismo de fogo.

A Batalha do Buçaco assumiu especial relevância no contexto das Guerras Peninsulares, no Século XIX, tendo demonstrado as capacidades do Exército Português para combater o invasor e sem as quais todas as vitórias subsequentes não teriam sido possíveis, pelo que, no culto das tradições militares, o Exército leva a cabo a realização das Comemorações naquela localidade

Neste âmbito o Regimento de Infantaria Nº14 participou e apoiou a realização da cerimónia do 204º aniversário da Batalha do Buçaco em 27 de setembro de 2014.

COMEMORAÇÕES DO 100º ANIVERSÁRIO DO MARECHAL COSTA GOMES

No passado dia 30 de junho comemoraram-se em Chaves os 100 anos do nascimento de S. Exª o Marechal Francisco da Costa Gomes, antigo Presidente da República.

A cerimónia militar, que decorreu na Praça de Camões, na cidade de Chaves, foi presidida por S. Exa o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, General Artur Neves Pina Monteiro. Estiveram ainda presentes o Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Arq.º António Cabeleira, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo, o Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues, além de outros ilustres convidados militares, civis e religiosos.

Na cerimónia militar, as forças em parada eram compostas pela Banda Militar do Porto, Estandarte Nacional do RI19, Estandarte Heráldico do RI19 e um Batalhão da Brigada de Intervenção, constituído por uma Companhia do RI19 e dois Esquadrões do RC6.

A cerimónia teve inicio com as honras militares à Alta Entidade que presidiu à cerimónia, seguida da integração do Estandarte Nacional. Seguiram-se alocuções, alusivas ao evento em apreço, do Presidente da Assembleia Municipal de Chaves, Professor Francisco Viegas, de S. Exa o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, General Pina Monteiro, do Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues e do Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Arq.º António Cabeleira. No final as forças em parada desfilaram em continência a S. Exa o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, General Pina Monteiro.

No mesmo âmbito foi inaugurada uma exposição designada por "Francisco da Costa Gomes: responsabilidade histórica", da responsabilidade do Museu da Presidência da Republica e apoio da Câmara Municipal de Chaves.

Pelas 22hoo houve ainda lugar a um concerto, realizado pela Banda Militar do Porto, no Largo General Silveira, em Chaves.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA CIDADE DE CHAVES

No passado dia 8 de julho foram realizadas as cerimónias comemorativas do Dia da Cidade de Chaves.

No âmbito destas comemorações, o Regimento de Infantaria Nº19 apoiou este evento com a realização de uma Cerimónia de Homenagem aos Mortos, aos Heróis de Chaves, revestida de grande significado.

Estiveram presentes nesta cerimónia diversas entidades do concelho, das quais se destacam o Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Arq.º António Cabeleira, o Exmo. Presidente da Assembleia Municipal de Chaves, Professor Francisco Viegas e a Sr.ª Deputada da Assembleia da Republica, Dr.ª Manuela Tender

REUNIÃO DE COMANDO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

No passado dia 25 de Setembro de 2014, teve lugar nas instalações do Regimento de Infantaria nº 19 uma reunião de comando da Brigada de Intervenção.

Tratou-se de mais uma reunião regular que o Comando da Brigada de Intervenção procura realizar de forma rotativa pelos diversos aquartelamentos sob sua jurisdição. Presidida pelo MGen Comandante, Exmo. Sr. MGen Aguiar Santos, nela participaram, para além do Exmo. CorTir 2º Comandante, os Exmos. Comandantes das Unidades Regimentais, da Unidade de Apoio e elementos do Estado-Maior da Brigada. Paralelamente, os adjuntos dos comandantes também reuniram.

O dia de trabalho foi organizado em duas sessões, interrompidas pelo necessário almoço, onde as iguarias regionais tiveram a primazia.

Procurando contribuir para a divulgação da região onde o Regimento de Infantaria nº 19 se localiza, já ao por do sol, a Comitiva foi conduzida para a região do Barroso e subiu ao cume da Serra do Larouco (2º ponto mais alto de Portugal continental), onde o Sr. Padre António Fontes, ilustre figura da região, efetuou um divertido e cultural "Giro do Horizonte" seguido de uma original merenda, em cima de uma fraga, para degustação de alguns sabores da região.

ASSINATURA DE PROTOCOLO ENTRE O RI19 E O IEFP

Em 07 de outubro de 2014, decorreu na Sala de Honra do Regimento de Infantaria N.º 19 a assinatura do Acordo de Colaboração entre o RI19 e o Centro de Emprego e Formação Profissional do Alto Trás-os-Montes.

O acordo em apreço estabelece as condições, obrigações mútuas e garantias recíprocas para a realização de cursos de formação profissional pelo Centro de Emprego e Formação Profissional do Alto Trás-os-Montes nas instalações do RI19.

Pelo Exército Português, conforme delegação de competências de S. Exa o General CEME, assinou o referido acordo, o Exmo. Comandante do RI 19, Coronel Inf Armando dos Santos Ramos e pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, o Exmo. Senhor Delegado Regional do Norte, Dr. César Ferreira. Testemunharam ainda o ato, para além de outros, o Exmo. Sr. Presidente da Câmara de Chaves, Exmo. Sr. Dr. João Batista, Secretário Executivo da Comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega, o Exmo. Sr. Diretor do Centro de Emprego e formação Profissional do alto Trás-os-Montes, Dr. Jaime Abreu, e Militares e Civis do Regimento de Infantaria N. 19.

CERIMÓNIA EVOCATIVA DO 48º ANIVERSÁRIO DOS 25 MILITARES DO RAAF MORTOS NO COMBATE AO INCÊNDIO DA SERRA DE SINTRA

Em 07 setembro o RAAA1 na qualidade de herdeiro dos costumes e tradições do Ex RAAF, assinalou mais um aniversário do falecimento dos 25 militares daquele Regimento.

A cerimónia decorreu em duas fases e locais distintos.

Teve início com a celebração na Capela do Regimento, de uma missa em memória de todos aqueles militares que pereceram no combate ao incêndio, seguindo-se a deposição de uma coroa de flores no monumento aos militares mortos ao serviço da Pátria.

A cerimónia prosseguiria depois na serra de Sintra, mais propriamente no Pico do Monge, local onde decorreu a cerimónia militar, tendo usado da palavra o Cor Art Borges da Fonseca Comandante do RAAA1, que evocou a abnegação e coragem dos militares que tombaram naquele dia 07 de setembro de 1966.

Seguiu-se o toque de homenagem aos mortos e deposição de coroas de flores. O Capelão do RAAA1 Alf SAR Santiago evocou os militares falecidos proferindo uma prece para que permaneçam sempre na memória de todos nós. A cerimónia conclui-se com uma romagem ao local onde foram encontrados os corpos dos infelizes militares.

Presidiu às cerimónias o Comandante da Brigada de Intervenção Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, que contou com a presença do Presidente da Assembleia Municipal da Câmara Municipal de Sintra e do Presidente da Autoridade Nacional de Proteção Civil, entre outras entidades.

VISITA DA SECRETÁRIA DE ESTADO ADJUNTA E DA DEFESA NACIONAL

Em 17 de setembro de 2014 visitaram o PM 07/Oeiras (Forte de São Gonçalo) que se encontra à guarda do RAAA1, S. Exa. a Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional Dra. Berta Cabral, a Secretária de Estado e do Tesouro, Dra. Isabel Castelo Branco e o Presidente da Câmara Municipal de Cascais Dr. Carlos Manuel Carreiras.

Estas entidades foram acompanhadas na visita pelo CEM do CFT Cor Cav Meireles dos Santos e pelo Comandante do RAAA1 Cor Art Borges da Fonseca.

DIA DO REGIMENTO DE ARTILHARIA ANTIAÉREA Nº1

Em 01 de outubro de 2014 o RAAA1 comemorou o 26º aniversário, as comemorações iniciaram-se com alvorada festiva e o hastear da Bandeira Nacional, seguindo-se a cerimónia militar que foi presidida pelo Comandante da Brigada de Intervenção MGen Carlos Henrique de Aguiar Santos, estiveram presentes diversas autoridades Militares destacando-se o presença do DE/CID MajGen Fernando Joaquim Alves Cóias Ferreira.

Estiveram igualmente presentes o presidente da Assembleia Municipal da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Domingos Quintas, o Presidente da União das Juntas de Freguesia de Monte Abraão e Massamá, Dr. Pedro Brás e a Presidente da União das Juntas de Freguesia de Queluz e Belas Dra. Paula Alves.

Após a continência das Forças em Parada à alta entidade que presidiu à cerimónia seguiu-se a integração do Estandarte Nacional na Formatura, após o qual houve lugar à cerimónia de homenagem aos Militares mortos, tendo o Capelão do RAAA1 Alf RC Santigo evocado todos aqueles que já partiram do nosso convívio.

O Comandante do RAAA1 Cor Art Carlos Alberto Borges da Fonseca usou da palavra, tendo salientado o papel do RAAA1 quer no cumprimento das missões militares que lhe estão atribuídas, quer no relacionamento com os diferentes órgãos autárquicos do Conselho de Sintra, quer também com a comunidade civil onde o RAAA1 se encontra inserido geograficamente.

O Comandante da Brigada de Intervenção referiu o papel importante que o RAAA1 desempenha no seio da Brigada de Intervenção, num contexto de constrangimentos orçamentais, ficou patente a capacidade e o rigor que permitiram ao Regimento continuar a percorrer o caminho da excelência.

Após a imposição de condecorações, as Forças em Parada desfilaram perante o Comandante da Brigada de Intervenção, seguindo-se o desfile motorizado a cargo do Grupo de Artilharia Antiaérea comandado pelo TCor Art Peralta Patronilho.

A cerimónia militar viria a terminar com uma atuação da Banda Sinfónica do Exército, após o qual os convidados tiveram oportunidade de assistir lançamento do Boletim de Artilharia Antiaérea 2014.

O dia festivo do RAAA1 terminou com o almoço convívio no refeitório geral, tendo proporcionado momentos de agradável convívio e sã camaradagem entre todos os que participaram nas comemorações do 26º aniversário do RAAA1.

GUARDA AO MONUMENTO DOS ANTIGOS COMBATENTES

No período de 22 a 27 de outubro de 2014 o Regimento de Artilharia Antiaérea nº1 teve a seu cargo a guarda ao Monumento dos Antigos Combatentes no Forte do Bom Sucesso em Lisboa

Esta missão atribuída ao RAAA1 decorreu num local de grande visibilidade e de elevado significado para todos os portugueses e de um modo especial para os ex combatentes.

RA5
TOMADA DE POSSE DO 2.º COMANDANTE, COR ART HÉLDER ANTÓNIO DA SILVA PERDIGÃO

No dia 29 de setembro de 2014, tomou posse como 2.º Comandante do Regimento de Artilharia N.º 5, o TCor Art Hélder António da Silva Perdigão.

A cerimónia de tomada de posse realizou-se no Salão Nobre, tendo contado com a presença dos Oficiais, Sargentos e uma delegação de Praças e Funcionários Civis da Unidade, os quais apresentaram cumprimentos de boas vindas ao novo 2.º Comandante.

ALMOÇO ANUAL DE COMBATENTES EM VENDAS NOVAS

O Núcleo da Liga dos Combatentes de Vendas promoveu, no passado dia 01 de novembro de 2014, o tradicional almoço anual de Combatentes, tendo o Regimento de Artilharia N.º 5 (RA5) apoiado a realização do referido evento.

De acordo com o programa, pelas 09H30 os participantes concentraram-se na Parada D. Pedro V, dirigindo-se depois para a Capela Real onde se realizou uma missa em memória dos combatentes falecidos, ao que se seguiu a deposição de uma coroa de flores junto ao Monumento aos Combatentes no jardim do RA5, com a presença de uma Secção e execução dos toques regulamentares pela Fanfarra do Regimento de Artilharia Antiaérea N.º 1 (RAAA1).

Após a cerimónia no Jardim do Regimento, onde estiveram presentes entre outras entidades, o 2º Comandante da Unidade, TCor Art Silva Perdigão, que presidiu à cerimónia, representantes da Câmara Municipal, Junta de Freguesia, Bombeiros e outras Instituições da cidade, os participantes no evento efetuaram uma visita ao Museu Militar e deslocaram-se para o Cemitério de Vendas Novas, onde foi depositado no Talhão dos Combatentes, um ramo de flores e cumpridas as honras militares regulamentares.

Esta cerimónia simples mas plena de significado terminou, de acordo com o programa estabelecido, com um almoço de confraternização num restaurante da cidade de Vendas Novas.

Deste modo, mais uma vez foi enaltecida a memória de todos aqueles que heroicamente tombaram pela Pátria em terras de além-mar, dando o seu melhor e honrando o nome de Portugal.

JURAMENTO DE FIDELIDADE DE OFICIAIS E SARGENTOS

Realizou-se em 23 de outubro de 2014, no Salão Nobre do Regimento de Artilharia Nº 5 e perante o Estandarte Nacional, a cerimónia do Juramento de Fidelidade do Alferes de Artilharia, NIM 15886310, Fábio José Lemos Oliveira, da Alferes de Artilharia, NIM 17810410, Ana Cláudia de Fernandes e Rouquinho, do Alferes de Artilharia, NIM 09418510, João Filipe Heleno Picaró, e do Alferes de Artilharia, NIM 04850411, Fábio Miguel Gonçalves Figueira Nunes.

O Juramento de Fidelidade é o compromisso a prestar solenemente por todos os militares que desejam ingressar no Quadro Permanente (QP) de Oficiais do Exército e constitui a última formalidade da promoção a Alferes do QP.

A cerimónia foi presidida pelo Exmo. Comandante do RA5, Coronel de Artilharia, António José Pardal dos Santos e contou com a presença de todos os Oficiais.

Após uma breve alocução proferida pelo Exmo. Comandante, evocando a importância da cerimónia e os seus antecedentes históricos, os Oficiais prestaram o seu Juramento de Fidelidade, seguindo-se a assinatura dos diplomas e posterior entrega dos mesmos pelo Comandante do RA5.

Realizou-se em 23 de outubro de 2014, no Salão Nobre do Regimento de Artilharia N.º 5 e perante o Estandarte Nacional, a cerimónia do Juramento de Fidelidade dos 2.ºs Sargentos de Artilharia Pavão Madaleno, Moderno Pereira, Silva Fernandes e do Pereira Nunes.

O Juramento de Fidelidade é o compromisso a prestar solenemente por todos os militares que desejam ingressar no Quadro Permanente (QP) de Sargentos do Exército e constitui a última formalidade da promoção a 2.º Sargento do QP, sendo a cerimónia presidida pelo Exmo. Comandante do RA5, Coronel de Artilharia António José Pardal dos Santos.

Após uma breve alocução proferida pelo Exmo. Comandante, evocando a importância da cerimónia e os seus antecedentes históricos, os Sargentos prestaram o seu Juramento de Fidelidade a que se seguiu a assinatura dos diplomas e posterior entrega dos mesmos.

XIII ENCONTRO DE AEROMODELISMO

Em 5 de outubro de 2014, decorreu no aeródromo do Polígono de Tiro de Vendas Novas o "XIII Encontro de Aeromodelismo".

O encontro foi organizado pelo "Clube de Aeromodelismo de Vendas Novas", com a colaboração de várias entidades, das quais se destaca o Regimento de Artilharia N.º 5 (RA5) que disponibilizou o aeródromo e infraestruturas anexas.

O evento contou com a participação de vários aeromodelistas de todo país e com a presença significativa de aficionados desta modalidade.

RC6

305º ANIVERSÁRIO DO REGIMENTO DE CAVALARIA Nº6

O Dia do Regimento de Cavalaria Nº 6 foi comemorado no dia 19 de julho de 2014. A cerimónia decorreu na Praça do Município e foi presidida pelo Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, tendo contado, igualmente, com a presença do Presidente da Câmara de Braga e de outras entidades civis e militares.

A Parada Militar contou com a assistência de inúmeros cidadãos bracarenses que fizeram questão de se associar ao evento.

Durante a cerimónia, foi efetuada uma recriação histórica dos principais momentos da vida de mais de três séculos do Regimento de Cavalaria nº6.

Integrado no programa das comemorações, realizou-se ainda no dia 18 de julho no Theatro Circo de Braga, um Concerto pela Banda Sinfónica do Exército, aberto a toda a comunidade bracarense, que esgotou a capacidade da sala de espetáculos.

As comemorações terminaram no dia 23 de julho com a realização de uma Missa na Sé de Braga, presidida pelo Deão da Sé, Cónego José Paulo Abreu.

RE3

VISITA DE S. EXª O MINISTRO DA DEFESA NACIONAL NO ÂMBITO DO PLANO FAUNOS

No passado dia 27 de junho de 2014, S. Exa. o Ministro da Defesa Nacional (MDN), Dr. José Pedro Aguiar-Branco, efetuou uma visita ao Destacamento de Engenharia do RE3 que se encontra a operar no perímetro florestal do Alvão – Vila Pouca de Aguiar.

Acompanhado por S. Exa. o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo e pelo Exmo. Comandante das Forças Terrestres, Tenente General, António Xavier Lobato de Faria Menezes, foi apresentado a S. Exa. o MDN um briefing sobre as FFAA no âmbito do apoio aos incêndios florestais, pelo representante do EMGFA na ANPC, Cor Lavado, no âmbito do Plano FAUNOS, pelo TCor Vale do Couto do CFT, e no âmbito da Missão atribuída ao Regimento através do Plano FAUNOS, pelo Cap Eng Rui Cruz do RE3, tendo este focado os meios empregues e dados estatísticos.

Após os brifingues seguiu-se, no exterior, uma explicação sobre os trabalhos executados pelos militares.

CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE DO EXMO CMDT DO RE3 COR ENG FAUSTO MANUEL VALE DO COUTO

No dia 02 de setembro de 2014 realizou-se a Cerimónia de Tomada de Posse do Exmo. Comandante do Regimento de Engenharia Nº 3, COR Eng Fausto Manuel Vale do Couto.

As atividades que integraram a Cerimónia de Tomada de Posse iniciaram-se com a receção ao novo Comandante do RE3 à entrada do Regimento pelo 2.º Comandante e pelo Adjunto do Comandante, seguida da prestação das honras regulamentares e da apresentação das forças em Parada.

Após a leitura do artigo da Ordem de Serviço com o Despacho de nomeação, o COR Eng Vale Couto recebeu das mãos do 2.º Comandante o Escudo e o Estandarte Heráldico da Unidade, simbolizando deste modo a Tomada de Posse do Cargo de Comandante do Regimento. O COR Eng Vale Couto proferiu algumas palavras alusivas ao ato, passando uma revista às forças em parada, seguindo-se o desfile das forças militares em continência ao novo Comandante.

Terminada a Cerimónia Militar, procedeu-se na Sala de Honra do RE3, à apresentação de cumprimentos ao novo Comandante, pelos Oficiais, uma representação de Sargentos, Praças e Funcionários Civis.

Posteriormente teve lugar um almoço convívio, no refeitório geral, e uma visita às instalações do Regimento de Engenharia Nº3.

Em nome de todos quantos servem no RE3 sob o seu Comando, desejam-se as maiores felicidades nas novas funções.

JORNADAS DE ENGENHARIA 2014

Em 24 de junho de 2014, o Regimento de Engenharia N.º 3, organizou as Jornadas de Engenharia Militar subordinadas ao tema: "A Engenharia Militar e a Sociedade Civil".

A 9ª edição das Jornadas de Engenharia, presidida pelo Diretor Honorário da Arma de Engenharia, Exmo. TGen Maia de Mascarenhas, decorreu no Auditório da Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira e constitui-se como um importante fórum de reflexão sobre a formação inicial e do contributo da Engenharia Militar em outras missões de interesse público, bem como permitiu um salutar convívio entre os Quadros da Arma de Engenharia.

COMANDANTE DO RE3 VISITA A FT DE MIRA

Na sequência da assinatura do Protocolo celebrado entre o Regimento de Engenharia Nº3 e a Câmara Municipal de Mira (CMM), o Comandante do Regimento efetuou uma visita aos trabalhos que decorrem naquela autarquia.

Os trabalhos em curso, limpeza do leito do rio do canal de Mira, estão a ser desenvolvidos por um Destacamento de Engenharia com um efetivo de 1 sargento e quatro praças, apoiados por 3 escavadoras de lagartas e uma viatura tática ligeira. Até ao momento, já foram executados trabalhos numa extensão de 2,30 Km no Troço 1 (Cais do Areão – Canhota, no Canal do Areão), de um total de 3,70 km, tendo-se removido mais de 30.000 m3 de assoreamento. Para além destes, serão ainda executados trabalhos similares no Troço 2 (Bico das Flores – Casal de São Tomé, na Vala da Cana), numa extensão de 7,51 km e no Troço 3 (Casal de São Tomé - Ermida, na Vala Real), numa extensão de 2,41 km.

Relativamente aos trabalhos em curso, salienta-se a exigência dos mesmos, decorrente do elevado assoreamento do canal e de condicionalismos impostos pelo efeito das marés.

Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
RI13	JUL14	AGO14	Montagem e operabilidade da Torre Multiactividades na Escola Profissional de Desenvolvimento do Rodo, no Peso da Régua, no Parque Urbano, em Paços de Ferreira, e nos municípios de Valpaços, Lamego e Murça.
	01AGO14		Visita da Junta de Freguesia de Freixo de Cima e de Baixo (Amarante) no âmbito das férias escolares.
	28AGO14	31AGO14	Apoio em alojamento ao Sport Vila Real e Benfica, no âmbito da realização do II Torneio de Andebol Cup Vila Real (escalão iniciados) que contou com participação do S.L. Benfica, Académico F.C. e Associação Atlética Águas Santas.
	SET14	DEC14	Apoio na cedência da carreira de tiro de 25 e 300 m à GNR-Vila Real e Porto, GIOP-Penafiel, PSP-Vila Real e GIPS-Ribeira de Pena.
	18AGO14	22OUT14	Apoio à Comarca de Vila Real no âmbito da reforma da organização judiciária, nos tribunais de Vila Real, Sabrosa, Alijó, Murça e Chaves.
RI14	18OUT14		O RI14 participou na plantação e preservação de ecossistemas florestais, em áreas públicas e comunitárias, empenhando recursos humanos e materiais, no âmbito do programa da Fundação FLORESTA UNIDA, uma ação de reflorestação da zona que no ano passado foi bastante fustigada pelos incêndios que ocorreram na serra do Caramulo.
	05SET14		O RI14 apoiou no dia 05 setembro a subida da serra da Estrela em bicicleta no âmbito do Programa D. Afonso Henriques que tem como finalidade promover e desenvolver atividades de natureza cultural, recreativa, desportiva e de ocupação de tempos livres
	26SET14	27SET14	Nos dias 26 e 27 setembro, o RI14 apoiou a empresa BESTCENTER numa ação de formação orientada para o treino de práticas de liderança em ambiente militar. O evento teve nove participantes (8 masculinos e 1 feminino).
	21SET14		Em 21 de setembro de 2014, o RI14 efetuou o apoio de pessoal e meios logísticos à 1ª meia Maratona do Dão.
	17OUT14	19OUT14	O RI14 apoiou a realização da 7ª Edição do Festival "Tosta Mista - Festival de Tunas Mistas da Cidade de Viseu", cedendo instalações para pernoita de 97 elementos de 4 tunas de diferentes pontos do país sendo 51 Masculinos e 46 Femininos.
RI19	02JUN14		Visita de 1100 crianças do Agrupamento de Escolas Dr. António Granjo, com a apresentação da evolução histórica da Bandeira Nacional, atividades desportivas e culturais e almoço/piquenique.
	30JUN14		Apoio à Câmara Municipal de Chaves nas comemorações do 100º Aniversário do Marechal Costa Gomes, com a realização de uma Cerimónia Militar no Largo de Camões em Chaves.
	18AGO14	28AGO14	Apoio no âmbito da implementação da reforma da organização judicial com o transporte de processos dos Tribunais de Montalegre, Boticas, Mondim de Basto, Vila Pouca e Valpaços para os Tribunais de Chaves e Vila Real e transporte de computadores e mobiliário do Tribunal de Boticas para o de Montalegre e Chaves.
	20SET14		Apoio à Câmara Municipal de Chaves, na realização de uma marcha pedonal, aberta a toda a população, nas ruas da cidade de Chaves.

Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
RI19	31OUT14		Apoio à Câmara Municipal de Chaves com a cedência de um palco com toldo, para a realização do XII Concurso Nacional Pecuário, inserido na Feira dos Santos 2014, em Chaves.
RAAA1	01JUL14	04AGO14	Patrulhamento de prevenção aos fogos florestais na Serra de Sintra
	SET14	22SET14	Patrulhamento de prevenção aos fogos florestais na Serra de Sintra
	21JIL14	28SET14	Patrulhamento de prevenção aos fogos florestais na Serra de Sintra
	28JUL14	05SET14	Limpeza e manutenção de minas na Serra de Sintra.
	17SET14		Colheita de sangue do Instituto Português da Transplantação e do sangue.
RC6	26JUL14	27JUL14	Apoio à Câmara Municipal de Valença, através da montagem de uma exposição estática de 3 viaturas PANDUR, no âmbito das Comemorações do I.º Centenário da I Guerra Mundial.
	05AGO14	28AGO14	Apoio na reforma do Sistema Judiciário através do transporte de cerca de 30 m3 de documentos e equipamentos do Tribunal de Melgaço para Valença e Viana do Castelo e no transporte de cerca de 45 m3 de documentos e equipamentos do Tribunal de Paredes de Coura para Caminha e Viana do Castelo.
	13SET14	14SET14	Apoio ao Clube de Orientação do Minho, no âmbito da organização da prova da Taça de Portugal, em Corno de Bico, Paredes de Coura, com cedência de múltiplos meios materiais e humanos.
	28SET14	30SET14	Apoio à GNR através da cedência de alojamento no âmbito do 10.º encontro de Chefes de Estado do "Grupo de Arraiolos" que decorreu no Mosteiro de Tibães, Braga.
	17OUT14	19OUT14	Apoio à Braga Invest na Exposição de Construções LEGO com a cedência de uma viatura PANDUR e alguns equipamentos militares, no Parque de Exposições de Braga.
RE3	28JUL14		Visita de um grupo de crianças no âmbito das "férias desportivas" organizadas pelo município de Espinho.
	13SET14		Visita ao RE3 de um grupo de Ex-Militares da antiga Companhia de Artilharia 6254/72, que combateu na Guiné-Bissau em Olossato, nos anos de 1973/74.
	26SET14		Assinatura de protocolo de colaboração entre o RE3 e a Câmara Municipal de Mira, no âmbito do inopinado civil, visando a execução de trabalhos de limpeza do leito do rio do canal de Mira.
	21ABR14	10OUT14	O RE3 levou a cabo a primeira fase do Plano FAUNOS, na Região Norte Interior, em coordenação com o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), visando a defesa da floresta contra incêndios.
	15OUT14		Visita, da associação das Obras Sociais de São Vicente de Paulo "Casa OZANAM", no âmbito de uma das suas atividades a que designam por Treino de Acesso à Comunidade.

Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
UNAP	2º Semestre 2014		Apoio com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro às seguintes Unidades militares e Forças de Segurança: Cmd/BrigInt; UnAp/BrigInt; RI10; RA4; RE3; CSMC; CRC; Guarda Nacional Republicana; Polícia de Segurança Pública; ASAE; SEF; Polícia Judiciária; Polícia Marítima; Serviços Prisionais.
	2º Semestre 2014		Apoio à Delegação Centro da Fundação Portuguesa de Cardiologia, com cedência de instalações para sessões de ginástica e realização de palestras no âmbito do Programa de Iniciação á Atividade Física.
	2º Semestre 2014		Apoio ao Instituto de Emprego e Formação Profissional de Coimbra com cedência de instalações no âmbito da Formação de Educação e Formação de Adultos – nível 2 na Área de Formação em Hotelaria e Restauração.
	28AGO14	29AGO14	Apoio ao Tribunal de Comarca de Coimbra com cedência de militares e viaturas no âmbito da implementação da reforma Judiciária.
	04OUT14	05OUT14	Apoio à Câmara Municipal de Coimbra com cedência de instalações, pessoal e material no âmbito da VI Mostra de Doçaria Conventual e Regional de Coimbra.

NOVO

DELTA SOLÚVEIS

E O DIA COMEÇA A MEXER

DELTA CAFÉS

O CAFÉ DA SUA VIDA

Comece melhor o seu dia
com a boa disposição instantânea dos novos solúveis Delta.
Aromas irresistíveis de café e cereais de paladar suave com a garantia de qualidade da marca de eleição dos portugueses. Sabores para agitar as coisas boas da vida.

EXPERIMENTE OS NOVOS SOLÚVEIS DELTA

PRONTIDÃO OPERACIONAL